

PUCRS

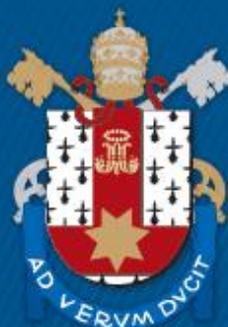
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO EM TEOLOGIA

WELLINGTON CRISTIANO DA SILVA

MARIOLOGIA DA ESPERANÇA: MARIA, SINAL DE ESPERANÇA E DE CONSOLAÇÃO

Porto Alegre
2020

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

WELLINGTON CRISTIANO DA SILVA

**MARIOLOGIA DA ESPERANÇA:
MARIA, SINAL DE ESPERANÇA E DE CONSOLAÇÃO**

Dissertação apresentada à Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Agemir Bavaresco

Porto Alegre

2020

WELLINGTON CRISTIANO DA SILVA

**MARIOLOGIA DA ESPERANÇA:
MARIA, SINAL DE ESPERANÇA E DE CONSOLAÇÃO**

Dissertação apresentada à
Faculdade de Teologia da
Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul
como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre
em Teologia, Área de
Concentração em Teologia
Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Agemir
Bavaresco

Aprovada em ___ de ___ de ____, pela Comissão Examinadora

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Agemir Bavaresco – PUCRS

Profa. Dra. Edla Eggert – PUCRS

Prof. Dr. Vitor Galdino Feller – FACASC

Gratidão...

Ao Senhor e Pai da Esperança, a seu Filho, Jesus Cristo, nossa Esperança (1Tm 1,1), e ao Espírito da Promessa (Ef 1,13).

À Mãe da Esperança, Maria de Nazaré, manifestação da ternura que revoluciona (EG 288).

Aos meus familiares e amigos, luzes de esperança para travessia.

Aos meus professores, de modo particular meu orientador Pe. Agemir Bavaresco, mestres da esperança e da consolação.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo investimento financeiro em minha pesquisa e incentivo ao aprofundamento dos estudos.

A todos os autênticos sonhadores, permanentes lâmpadas incandescentes de esperança.

RESUMO

A dissertação apresenta bases bíblico-teológicas para a elaboração sistemática de uma Mariologia da esperança. O contexto de uma sociedade plural põe problemas que desafiam a Mariologia para o diálogo entre a Teologia Marial e a Teologia da Esperança, na mesma linha das transformações iniciadas pelo Concílio Vaticano II. Nesse processo destacam-se as contribuições do Papa Francisco e de outros pensadores contemporâneos como José Tolentino Mendonça e Tomáš Halík. Primeiramente, a pesquisa procura situar o estado atual da questão mariológica e os fundamentos da reflexão teológica sobre a esperança cristã. Em seguida, oferece uma síntese bíblico-teológica da Mariologia da Esperança. Em um terceiro momento, a dissertação faz uma leitura da esperança a partir da mitologia grega, de algumas correntes filosóficas e teológicas e movimentos sociais atuais. A pesquisa usa o método sintético e a hermenêutica de Moltmann, aplicando a leitura escatológica à Mariologia. A prática de Maria de Nazaré impulsiona a esperança cristã para o ser humano em geral e às mulheres em especial, a partir das promessas divinas feitas ao povo de Deus e ratificadas em Jesus de Nazaré.

PALAVRAS-CHAVE: Mariologia – Teologia da Esperança – Escatologia

ABSTRACT

The dissertation presents biblical-theological bases for the systematic elaboration of a Mariology of Hope. The context of a plural society poses problems that challenge Mariology for the dialogue between Marial Theology and Theology of Hope, in line with the transformations initiated by the Second Vatican Council. In this process, the contributions of Pope Francis and other contemporary thinkers, such as José Tolentino Mendonça and Tomáš Halík, stand out. First, the research seeks to situate the current state of the mariological question and the foundations of theological reflection on Christian hope. Then, it offers a biblical-theological synthesis of Mariology of Hope. In a third moment, the dissertation makes a reading of the hope from the Greek mythology, of some philosophical and theological currents and current social movements. The research uses Moltmann's synthetic method and hermeneutics, applying eschatological reading to Mariology. The practice of Mary of Nazareth pushes Christian hope for men in general and for women in particular, based on divine promises made to the people of God and ratified in Jesus of Nazareth.

KEYWORDS: Mariology – Theology of Hope – Eschatology

SIGLAS E ABREVIATURAS

ARCIC – *Maria: graça e esperança em Cristo*, Comissão Internacional Anglicano-Católica Romana.

CV – *Exortação Apostólica pós-sinodal Christus Vivit*: para os jovens e para todo o povo de Deus, Francisco.

DAp – *Documento de Aparecida*, Conselho episcopal latino-americano.

DPPL – *Diretório sobre a Piedade Popular e a Liturgia*, Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos.

EG – *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, Francisco.

GD – *Maria no desígnio de Deus e a comunhão dos santos*, Grupo de Dombes.

GS – *Gaudium et Spes*: Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje, Concílio Vaticano II.

LG – *Lumen Gentium*: Constituição Dogmática sobre a Igreja, Concílio Vaticano II.

LS – *Carta Encíclica Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum, Francisco.

MC – *Exortação Apostólica Marialis Cultus*: para a reta ordenação e desenvolvimento do culto à Bem-aventurada Virgem Maria, Paulo VI.

NA – *Nostra Aetate*: Declaração sobre as relações da Igreja com as religiões não-cristãs, Concílio Vaticano II.

QA – *Exortação Apostólica pós-sinodal Querida Amazônia*: ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade, Francisco.

RM – *Carta Encíclica Redemptoris Mater*: sobre a Bem-aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho, João Paulo II.

SC – *Sacrosantum Concilium*: Constituição sobre a Sagrada Liturgia, Concílio Vaticano II.

SS – *Spe Salvi*: Carta Encíclica sobre a esperança cristã, Bento XVI.

VM – *A Virgem Maria na formação intelectual e espiritual*, Congregação para a Educação Católica.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 A MARIOLOGIA NO CONTEXTO DE UMA SOCIEDADE PLURAL	11
1.1 PLURALIDADE E TEOLOGIA MARIAL.....	12
1.2 A URGÊNCIA DE UMA MARIOLOGIA PÚBLICA.....	16
1.3 A MARIOLOGIA A PARTIR DO CONCÍLIO VATICANO II	18
1.4 RECENTES ABORDAGENS MARIOLÓGICAS	20
1.5 TEOLOGIA DA ESPERANÇA E TEOLOGIA MARIAL EM DIÁLOGO	26
2 FUNDAMENTOS BÍBLICO-TEOLÓGICOS PARA UMA MARIOLOGIA DA ESPERANÇA	34
2.1 A REVELAÇÃO DA ESPERANÇA	35
2.2 A ALEGRE EXPECTATIVA MESSIÂNICA DA FILHA DE SIÃO	38
2.3 MÃE DA ESPERANÇA	42
2.4 ESPOSA DE UM SONHADOR	44
2.5 PEREGRINA NA FÉ E NA ESPERANÇA.....	47
2.6 O SINAL DA PARTURIENTE: ENTRE A CRUZ E A RESSURREIÇÃO	49
2.6.1 O SÁBADO DE MARIA	54
2.6.2 RAINHA DOS CÉUS, ALEGRAI-VOS!.....	55
2.6.3 A APÓSTOLA DOS APÓSTOLOS: MADALENA, ÍCONE DA ESPONSALIDADE DA IGREJA	55
2.7 À ESPERA DO ESPÍRITO DA PROMESSA	57
2.8 A ASSUNÇÃO: MISTÉRIO DE ESPERANÇA.....	59
2.9 O ESPÍRITO E A ESPOSA DIZEM “VEM”	61
3 MARIA, SINAL DE ESPERANÇA E DE CONSOLAÇÃO PARA OS QUE ESTÃO A CAMINHO.....	63
3.1 A CAIXA DE PANDORA E O SUDÁRIO DE PENÉLOPE	63
3.2 A ESPERANÇA CRISTÃ SOB SUSPEITAS	68
3.3 AS ALEGRIAS E AS ESPERANÇAS, AS TRISTEZAS E AS ANGÚSTIAS DE HOJE	73
3.4 ENTRE UTOPIAS, DISTOPIAS E RETROTOPIAS.....	77
3.5 MARIA, SINAL DE SEGURA ESPERANÇA E DE CONSOLAÇÃO PARA OS PEREGRINOS.....	82

3.6 A CUSTÓDIA DA ESPERANÇA: FRAGMENTOS DA ESPERANÇA MARIAL NO PONTIFICADO DO PAPA FRANCISCO	86
3.6.1 ABRAÇAR O SENHOR, PARA ABRAÇAR A ESPERANÇA	86
3.6.2 A REVOLUÇÃO DA TERNURA E DO AFETO	88
3.7 NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA	91
CONCLUSÃO	94
REFERÊNCIAS	97

INTRODUÇÃO

O estudo sistemático sobre Maria de Nazaré na economia da salvação é dinâmico e aberto. A base bíblica, dogmática e cúltica da Teologia Marial clássica não exclui o diálogo interdisciplinar e o surgimento de novas abordagens. Na atualidade, a Mariologia é confrontada, constantemente, por distintas percepções de mundo e por novos questionamentos provenientes do contexto no qual ela está inserida. A abertura da Teologia para o mundo e para a cultura foi estimulada pelo Concílio Vaticano II e pelos esforços de pensadores contemporâneos que proporcionaram o diálogo da Igreja com a modernidade.

Após o Vaticano II, a Mariologia ingressou no âmbito das discussões antropológicas atuais, como as questões referentes ao migrante, à mulher, ao ecumenismo e diálogo inter-religioso, ao pobre, à ecologia, à sociedade e à política. Motivada por essa diversidade epistêmica, a presente pesquisa tem o intuito de estabelecer uma relação entre a Mariologia e a Teologia da Esperança. A partir dessa proposta dialógica, emerge a problemática de fundo: É possível elaborar uma Teologia Marial em perspectiva escatológica sob o enfoque da esperança? Na Teologia, nos documentos do magistério e na vida espiritual, *Maria* e *esperança* são temas que se encontram e se entrelaçam. O título mariano *Virgem da Esperança*, por exemplo, é bastante antigo e tradicional. Ele estabelece, de certo modo, uma interação plausível entre a Virgem Maria e a esperança. No entanto, a Mariologia da Esperança é um assunto que carece de aprofundamento, sistematicidade e maior embasamento bíblico-teológico.

A esperança é uma questão teológica atual que repercute diretamente na vida humana. A Teologia da Esperança, nos últimos tempos, passou por um período de considerável hibernação. Após um rigoroso inverno, desponta para ela uma nova primavera. Embora a Teologia da Esperança tenha surgido enquanto sistema teológico com Jürgen Moltmann, ela, entre altos e baixos, foi ganhando novas configurações e orientações. Hoje, a esperança cristã tem suas exigências hermenêuticas. Ela não aceita mais ser pensada a partir de discursos românticos, imediatistas ou paliativos. A esperança cristã requer ser provada no desespero e amadurecida na cruz. A Mariologia da Esperança que se propõe aprofundar tem como inspiração esta nova – e tão antiga – configuração da esperança, isto é, a esperança

crucificada, fortalecida na crise e nas noites escuras. Maria deu testemunho desta esperança exigente, que transpassa a alma e o coração (Lc 2,35).

A pesquisa, de cunho teórico-conceitual e hermenêutico, é efetivada por meio de uma investigação bibliográfica. Utilizando-se do método sintético, ela emprega à Mariologia a metodologia utilizada por Moltmann em sua Teologia da Esperança. Moltmann concentrou o todo da Teologia em um único ponto, a esperança. Isto significou ler os escritos bíblicos e desenvolver a reflexão teológica à luz da escatologia. A presente pesquisa segue o mesmo direcionamento metodológico, introduzindo a leitura escatológica à Mariologia.

A dissertação está estruturada em três capítulos. O primeiro capítulo aborda a Mariologia no contexto de uma sociedade plural. O segundo, por sua vez, oferece alguns fundamentos bíblico-teológicos para o desenvolvimento de uma Mariologia da Esperança. E o terceiro capítulo apresenta Maria como Sinal de Esperança e de Consolação para os que estão a caminho. Todo esse percurso é desenvolvido mediante a colaboração de diversos teólogos e pensadores. Destacam-se as contribuições de Jürgen Moltmann, José Tolentino Mendonça, Tomáš Halík e do Papa Francisco. A pesquisa mantém um diálogo constante com outras áreas do conhecimento, como a Filosofia, a Literatura e a Arte.

Para a elaboração sistemática da Mariologia da Esperança – objetivo principal da pesquisa –, compete situar o estado da questão mariológica. Por conseguinte, o primeiro capítulo oferece o panorama atual da Mariologia e sua relevância no contexto de uma sociedade plural. A pluralidade e o processo de secularização apontam a urgência de uma Mariologia pública, plural e dialógica, tarefa esta que coube ao Concílio Vaticano II iniciar e promover. A *Lumen Gentium*, inserindo Maria no mistério de Cristo e da Igreja, estabeleceu os fundamentos antropológicos da Mariologia, possibilitou novas abordagens e indicou novos desafios. Como desfecho desse primeiro capítulo, reconhece-se a contribuição de Moltmann para a retomada da esperança no pensamento teológico contemporâneo e promove-se o diálogo entre a Teologia da Esperança e a Teologia Marial.

O segundo capítulo traz algumas bases bíblico-teológicas da Mariologia da Esperança. Apresenta características da esperança judaico-cristã e realiza a leitura das referências bíblicas mariais sob o enfoque da esperança. A esperança de Israel desenvolve-se na perspectiva da promessa divina. Os cristãos interpretam as promessas feitas aos pais à luz de Jesus Cristo e de sua ressurreição.

A hermenêutica das referências bíblicas mariais, sob o ponto de vista escatológico, tem como ponto de partida a perspectiva veterotestamentária da alegre expectativa da Filha de Sião. Essa expectativa é abraçada por Maria e pelo povo da Nova Aliança. O testemunho bíblico sobre a esperança de Maria manifesta-se da anunciação a Pentecostes. O mistério da assunção da Virgem e da parusia de Cristo também são compreendidos como eventos escatológicos de grande esperança.

Em um terceiro momento, a pesquisa revisita a mitologia grega, algumas correntes filosóficas e movimentos sociais da modernidade, proporcionando uma releitura da esperança em perspectiva marial para os dias de hoje. As críticas modernas à esperança cristã motivam o seu amadurecimento diante de algumas lacunas ou fragilidades presentes no discurso teológico. A *Gaudium et Spes*, por sua vez, manifesta a postura dialógica da Igreja e sua íntima união com toda a humanidade e sua história. As utopias, distopias e retrotopias são temas que também interagem com a esperança cristã. Elas auxiliam na sua compreensão e vinculam a esperança ao conceito de justiça social.

Diante destas e outras interpelações, a segunda parte do terceiro capítulo volta-se para a escatologia marial presente no Concílio Vaticano II. Como o exemplo de Maria de Nazaré pode favorecer o despertar da esperança para o ser humano de hoje? Na *Lumen Gentium*, Maria é apresentada como Sinal de Esperança e de Consolação para os peregrinos (LG 68). Na Virgem, o ser humano depara-se com uma existência autêntica de fé pautada pela esperança. A essa reflexão somam-se as contribuições do Papa Francisco, alguns fragmentos da esperança marial encontrados em seus escritos e pronunciamentos. Homem da esperança, Francisco aposta na ternura e na humildade de Maria como expressões de fortaleza e de viva esperança. Por fim, este capítulo destaca a piedade mariana como caminho de esperança e recorda, de modo particular, a devoção à Nossa Senhora da Esperança, a primeira imagem da Virgem Maria que chegou ao Brasil.

Pretende-se, assim, por meio deste trabalho dissertativo, colaborar com as recentes pesquisas científicas no campo da Teologia Marial e da Teologia da Esperança e oferecer luzes para o ser humano, que caminha entre as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias de hoje (GS 1).

1 A MARIOLOGIA NO CONTEXTO DE UMA SOCIEDADE PLURAL

A reflexão teológica sobre Maria de Nazaré, do ponto de vista de seu conteúdo, compreende a visão bíblica, dogmática e o culto litúrgico e devocional. Essas três abordagens clássicas não excluem a possibilidade de novos olhares sobre a Virgem Maria. Em tempos de pluralidade, o discurso mariológico confronta-se com diversas temáticas que não podem passar despercebidas. Falar de Maria hoje, por exemplo, requer considerar a participação efetiva da mulher na vida pública, os fenômenos da inculturação, das migrações e da globalização, as diferentes faces da pobreza, a valorização da subjetividade, o diálogo entre as religiões. Estar atento a esses e a outros sinais dos tempos é importante para manter-se em sintonia com o mundo contemporâneo.

A pluralidade de visões e concepções atinge a maneira de fazer teologia. Novos contextos exigem novos métodos, novas linguagens, novas hermenêuticas. Maria não é exclusividade dos católicos nem dos cristãos. Ela é uma figura pública, que está sujeita a diferentes interpretações. Esses múltiplos olhares sobre a mãe de Jesus permitem manter a Teologia Marial na esfera pública, no campo das discussões teológicas e para além delas. Na atualidade, a Mariologia “expressa a pluralidade do mundo e de suas culturas”.¹

Esta pesquisa tem o intuito de retomar, em perspectiva mariológica, o tema da esperança; tema este que toca profundamente a sociedade contemporânea em sua pluralidade. Resgatar a esperança em tempos sombrios é também papel da Teologia. Mulher da Esperança, a Virgem Maria inspira os corações a deixarem mover-se, com realismo, pelos sonhos, pelas utopias, pelos projetos, pelas expectativas.

Favorecer o diálogo entre a Teologia Marial e a Teologia da Esperança – no intuito de desenvolver uma Teologia Marial em perspectiva escatológica – é proporcionar um discurso capaz de iluminar o ser humano que está em constante construção, que se lança para frente, que projeta o seu amanhã e abre-se para um futuro que transcende todas as expectativas já vistas.

¹ MURAD, Afonso. *Maria toda de Deus e tão humana*: Compêndio de Mariologia, p. 19.

1.1 PLURALIDADE E TEOLOGIA MARIAL

A pluralidade é a grande marca da pós-modernidade. A cristandade medieval, que garantia uma certa configuração cultural homogênea ao Ocidente, não existe mais. Em um mundo globalizado, secularizado e virtualmente conectado, a pluralidade torna-se ainda mais perceptível e desafiante. As informações, as recentes descobertas, as distintas opiniões e visões de mundo são lançadas e divulgadas quase que de imediato aos diversos cantos do planeta. O crescimento do fenômeno migratório vem provocando um impacto ainda maior. Culturas e costumes encontram-se e confrontam-se por todos os lados. A expansão não se dá apenas nos espaços geográficos, mas nos distintos campos do conhecimento e áreas da cultura.

As reações a essa sociedade complexa e plural são igualmente variadas.² Algumas pessoas e grupos humanos preferem refugiar-se em uma postura rígida e de fechamento. Diante do diferente, sentem-se ameaçados e, inseguros, assumem identidades exclusivistas e atitudes reacionárias, por vezes, intolerantes e agressivas. Há, por outro lado, os indiferentes, aqueles que ignoram ou distanciam-se do problema, e optam por um certo relativismo. Tem-se ainda uma terceira via, a via de abertura e diálogo. Nesse caminho intermediário, a pluralidade não é vista como um mal ou ameaça, mas como um valor, um convite à unidade na diversidade e ao respeito mútuo. Compreende-se aqui que não existem identidades completas ou fixas, mas identidades em movimento, em construção dialógica.

A posição dialógica foi abraçada pela Igreja mediante o Concílio Vaticano II. O diálogo com o mundo e o respeito à alteridade – enquanto chaves hermenêuticas para a superação de conflitos causados pela intolerância – trouxeram para dentro da Teologia e da vida eclesial a turbulência do pluralismo cultural.³

Nesse cenário multicultural, insere-se o tema da diversidade religiosa. Sabe-se que muito sangue já foi derramado por conta da intolerância religiosa, longe ainda de ser superada em vários lugares do mundo. Todavia, o que era de certo modo impensável em tempos não muito longínquos, tornou-se fato na pós-modernidade. Com a diluição das fronteiras, hoje é possível conviverem em um mesmo ambiente judeus, cristãos, hindus, muçulmanos e budistas. Não raras são as tentativas de

² Cf. MURAD, Afonso. *Perfil de Maria numa sociedade plural*, p. 16.

³ Cf. FRANÇA MIRANDA, Mário de. *A situação da teologia no Brasil hoje*, p. 367-368.

diálogo inter-religioso e a promoção da liberdade religiosa, defendida constitucionalmente por muitas nações.

O Cristianismo, frente a essa sociedade plural, apresenta-se como uma voz em meio a tantas vozes. Ele mesmo reconhece-se plural. A pluralidade está presente nas diversas formas de eclesialidade, de espiritualidade, de teologia e doutrina, de liturgia e rito. Na tradição judaico-cristã, a pluralidade é compreendida como a grande marca da criação. Há um ecossistema querido por Deus. Há uma diversidade cultural pensada pelo Criador, em que Deus mesmo apresenta-se como o elo que confere unidade a essa diversidade.

O teólogo Hans Urs von Balthasar, em sua obra intitulada *A Verdade é Sinfônica*, apresenta a pluralidade como oportunidade para se compor uma bela sinfonia:

A orquestra tem de ser necessariamente pluralista para que a riqueza da totalidade possa ser desenvolvida, aquela riqueza que o compositor possui previamente em seu ouvido. O mundo assemelha-se a uma grande orquestra a afinar os seus instrumentos.⁴

São Paulo, na Primeira Carta aos Coríntios (1Cor 12,4-30), já procurava superar os conflitos comunitários valorizando cada membro da comunidade e seus dons. O apóstolo insistia na interdependência dos membros da comunidade, compreendida como corpo místico de Cristo, um organismo vivo e dinâmico. Para São Paulo, os dons, a diversidade, não deveriam ser causa de adversidades e contendas, mas de mútuo enriquecimento e promoção do bem comum.

Balthasar reconhece a existência de inevitáveis tensões frente ao fenômeno da pluralidade. “Sinfonia não significa de modo algum uma harmonia açucaradamente livre de tensões. A música mais sublime é sempre dramática, um constante acúmulo de tensões e sua ulterior resolução.”⁵ Importa reconhecer, portanto, que “a humanidade pensa de modo sinfônico, polifônico”.⁶

Consciente dessa virada de época, o Concílio Vaticano II abriu as janelas e as portas da Igreja para dialogar com o mundo moderno, afastando-se de uma postura de fechamento e de condenação. Discernindo os sinais dos tempos, valorizou o que há de verdadeiro e santo em cada cultura e religião (NA 2) e incentivou o trabalho

⁴ BALTHASAR, Hans Urs von. *A verdade é sinfônica*: aspectos do pluralismo cristão, p. 5.

⁵ BALTHASAR, Hans Urs von. *A verdade é sinfônica*: aspectos do pluralismo cristão, p. 11.

⁶ BALTHASAR, Hans Urs von. *A verdade é sinfônica*: aspectos do pluralismo cristão, p. 37.

conjunto com os diferentes sujeitos da sociedade. Essa abertura da Igreja provocou uma releitura da própria Mariologia. Nessa sociedade plural, a Mariologia também precisava reinventar-se, no sentido de estabelecer um discurso capaz de dialogar com o ser humano de hoje sem, contudo, perder suas características próprias.

Mas haverá espaço para a Mariologia em uma sociedade plural e secularizada? O que a Virgem Maria tem a dizer para o ser humano da pós-modernidade? Essas provocações apontam para o tema da relevância da Teologia Marial na contemporaneidade. Embora haja, realmente, um processo de secularização, é inegável o resgate da transcendência, da sensibilidade, da afetividade, da experiência religiosa. Além disso, “um são pluralismo, que respeite verdadeiramente aqueles que pensam diferente e os valorizem como tais, não implica uma privatização das religiões” (EG 255). Nesse sentido, percebe-se que Maria de Nazaré continua sendo uma personalidade da história humana bastante conhecida e amada por muitos. Não é necessário ter fé ou ser cristão para conhecer a vida de Maria. Ela está aí, não muito longe; é fácil encontrá-la, não somente nas igrejas, mas nas obras de arte, nas revistas e nos noticiários, nos nomes dados a cidades e ruas. Olhando para a história, constata-se que “não teve mulher ‘mais cantada em prosa e verso’ do que ela; nem outra mais representada pelo pincel dos artistas; nem uma princesa que tivesse palácios mais esplêndidos do que ela, com suas catedrais e com seus santuários”.⁷ Sua memória continua viva e atuante na história.

A pluralidade, longe de ser uma barreira à Teologia Marial, fomenta ainda mais o seu desenvolvimento. A Mariologia, desde o início, apresentou-se plural. Há distintas faces de Maria na Bíblia, na História, na Teologia, no culto e na cultura. A Mariologia, em uma sociedade plural, apresenta-se igualmente plural e aberta. A Virgem Maria é uma mulher de múltiplas faces e aberta a tantas outras interpretações que estão por vir.

A figura de Maria, a Mãe de Jesus, apresenta-se também de muitas formas, nesta sociedade marcada por grande diversidade de visões, percepções, esquemas mentais, experiências religiosas e formas de explicitação. Embora Maria de Nazaré seja uma só, multiplicam-se as interpretações sobre sua figura para os tempos de hoje.⁸

⁷ BOFF, Clodovis. *Introdução à Mariologia*, p. 61.

⁸ MURAD, Afonso. *Perfil de Maria numa sociedade plural*, p. 16.

Essa pluralidade mariana “evoca a diversificação infinita das imagens de Maria que se produziram ao longo dos séculos”.⁹ Uma diversidade não apenas no campo artístico, estético e iconográfico, mas igualmente teológico e espiritual. Basta lembrar-se dos inúmeros exercícios da piedade popular mariana ou das diferentes abordagens da Teologia Marial. Maria é um dos fenômenos religiosos mais plurais e multifacetários.

Maria, a mãe de Jesus, Maria de Nazaré entrou em diferentes culturas humanas, encontrou-se com suas divindades, influenciou nelas e recebeu delas influência. O rosto de Maria de Nazaré tornou-se múltiplo, como o desejo humano, como as respostas de amor. Estas são ao mesmo tempo tão diferentes e semelhantes.¹⁰

Esses múltiplos olhares sobre Maria estimulam o diálogo com o mundo atual. O ser humano pluridimensional pode identificar-se com muitos aspectos da vida de Maria e conversar com eles.

Na história, a figura de Maria aparece carregada de ambiguidades. Ora sua imagem foi usada para conquistar, dominar, legitimar o poder, subordinar; ora sua imagem foi usada para promover a vida, para libertar e emancipar, para acolher e defender os mais frágeis. Segundo Clodovis Boff, para discernir o uso autêntico de um uso ideológico da imagem de Maria é preciso levar em consideração três critérios: o primeiro critério exige confrontar toda representação histórica mariana com a imagem bíblica de Maria; em seguida, é preciso avaliar os frutos dessa representação, isto é, se tal imagem promove a vida, a liberdade, a paz, ou se conduz à violência, à divisão; e, como terceiro critério, é importante perceber se a imagem da Virgem está vinculada à opção evangélica pelos pobres.¹¹

No que tange à sua condição de mulher, que muito influenciou e continua a repercutir na vida e no papel social e eclesial das mulheres, Maria é interpretada por diferentes concepções e motivações.

Maria é mescla de coisas simples e complexas; é magia e compromisso que se desdobram nas trincheiras da vida. Maria foi e continua sendo interpretada de muitos jeitos, através de vários olhares, interesses e vivências de espiritualidade. Ela baila, como mulher santa, virgem, humilde, obediente, figurando como o arquétipo da mulher ideal, casada, mãe, fiel, submissa, mas

⁹ TAVARD, George H. *As múltiplas faces da Virgem Maria*, p. 323.

¹⁰ GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara. *Maria, Mãe de Deus e mãe dos pobres: um ensaio a partir da mulher e da América Latina*, p. 29.

¹¹ Cf. BOFF, Clodovis. *Mariologia Social: o significado da Virgem para a sociedade*, p. 292-295.

também ginga, representando a mulher revolucionária, combatente, transgressora, autônoma, figurando como modelo para encorajar, sustentar e redirecionar mulheres em suas lutas político-sociais no decorrer da história.¹²

Como “cada época tende a moldar Maria de acordo com suas necessidades”¹³, o culto mariano sempre está reinventando-se; não fica estagnado no tempo, mas se apresenta em constante transformação. A esse respeito, a Exortação de Paulo VI pontua:

A Igreja, quando considera a longa história da piedade mariana, alegra-se, ao verificar a continuidade do fato cultural; mas não se liga aos esquemas representativos das várias épocas culturais, nem às particulares concepções antropológicas que lhes estão subjacentes; ademais, compreende bem que algumas expressões de tal culto, perfeitamente válidas em si mesmas, são menos adaptadas aos homens que pertencem a épocas e civilizações diversas (MC 36).

A atual configuração social exige novos métodos teológicos capazes de traduzir para os dias de hoje os conteúdos mariais. Isto significa assumir uma nova linguagem e diferentes abordagens que dialoguem com os anseios do ser humano plural da pós-modernidade.

1.2 A URGÊNCIA DE UMA MARIOLOGIA PÚBLICA

Em uma sociedade que se distancia de antigas tradições e proclama a ascensão da subjetividade, as expressões religiosas e de fé estão cada vez mais associadas ao sujeito em sua escolha pessoal do que ao plano social e comunitário. No entanto, a religião não desapareceu da sociedade pós-moderna, nem ficou restrita à vida privada, mesmo com o enfraquecimento das instituições religiosas. “A rigor, a religião nunca abandonou o espaço público.”¹⁴

Apesar de críticas e desconfianças internas e externas, o fenômeno religioso sobreviveu ao mundo secular e reagiu com grande força. As pessoas continuam carregadas de ritos, crenças, devoções e espiritualidades. Há uma religiosidade implícita ao sujeito, uma religiosidade não institucionalizada. Muitos dos elementos

¹² REIMER, Ivoni Richter. *Maria, Jesus e Paulo com as mulheres: textos, interpretações e história*, p. 13.

¹³ COYLE, Kathleen. *Maria tão plena de Deus e tão nossa*, p. 40.

¹⁴ SINNER, Rudolf von. *Teologia Pública: Novas Abordagens numa Perspectiva Global*, p. 327.

religiosos migraram para o mundo do entretenimento e da cultura. Encontram-se inúmeros vestígios religiosos em pessoas que abertamente se declaram sem religião ou sem fé. Essa grande ênfase dada à autonomia do sujeito sugere uma teologia que também parta da própria antropologia, da experiência humana concreta.

Esse atual retorno da religião não está isento de variadas e pertinentes avaliações. Que tipo de religião está surgindo ou ressurgindo em tempos pós-otimistas? Tomáš Halík aponta três formas de religião presentes na atualidade que geram um clima de bastante suspeita: a religião sincretista ao modo do *New Age*; a religião dos velhos tempos, dos tradicionalistas e fundamentalistas; e a religião dos extáticos pentecostais.¹⁵ É também papel da Teologia analisar essas distintas manifestações religiosas e identificar suas pretensões e interesses.

Voltando-se para a história da Teologia Marial, verifica-se que Maria “não foi uma figura somente privada, nem apenas eclesiástica, mas verdadeiramente pública, que inspirou e moveu sociedades inteiras”.¹⁶ A Mariologia na atualidade, para continuar viva e atuante, terá que manter sua participação ativa na esfera pública, estar presente nas academias, nos debates sociais, políticos e culturais.

Após o Concílio Vaticano II, a Mariologia retomou, com grande impulso renovador, seu espaço na esfera pública, refletindo sobre temas relacionados ao bem comum, como as questões sociais, ecológicas e antropológicas. Com efeito, “as novas tendências mariológicas visam, em síntese, a tornar compreensível como o estudo do mistério de Maria deve ser estabelecido no sentido interdisciplinar e intercultural”.¹⁷

A Teologia é sempre contextual. Está situada no tempo e no espaço. “Para a imagem pública da Igreja e a manutenção da própria unidade da fé, é indispensável a tradução da consciência de fé para dentro das novas culturas.”¹⁸ Para não ser reduzida à esfera privada, a Mariologia necessita falar ao ser humano da pós-modernidade e ouvir seus apelos, reconhecendo os valores da autonomia e da liberdade. Ela precisa transmitir seus conteúdos de fé no contexto de uma sociedade multicultural e secularizada, oferecendo ao mundo o que tem de melhor e da melhor forma possível.

¹⁵ Cf. HALÍK, Tomáš. *Não sem esperança: o retorno da religião em tempos pós-otimistas*, p. 31-48.

¹⁶ Cf. BOFF, Clodovis. *Mariologia Social: o significado da Virgem para a sociedade*, p. 281.

¹⁷ DEL GAUDIO, Daniela. *Maria de Nazaré: Breve tratado de mariologia*, p. 22.

¹⁸ ZILLES, Urbano. *Desafios atuais para a Teologia*, p. 160.

1.3 A MARIOLOGIA A PARTIR DO CONCÍLIO VATICANO II

Um Concílio que se intitula ecumênico já aponta, em sua natureza, caminhos de diálogo e de abertura. O caráter ecumênico do Vaticano II manifesta-se não somente na convocação de toda a Igreja, mas na abertura ao movimento ecumênico do século XX. O Concílio, avançando para além do ecumenismo, abriu caminhos de diálogo com o mundo moderno, com as grandes religiões e deu grande atenção aos chamados sinais dos tempos. A presença de membros de outras Igrejas cristãs, de peritos e teólogos, de mulheres e leigos durante o Concílio, possibilitou um verdadeiro *aggiornamento* de toda vida eclesial.

O Concílio Vaticano II trouxe um novo olhar à Mariologia. Foi a primeira vez que a Igreja, em um Concílio, ofereceu uma síntese teológica sobre a Virgem Maria. Além do retorno às fontes bíblicas e patrísticas da Mariologia, o Concílio não elaborou um documento separado sobre Maria¹⁹, mas introduziu o tema marial no último capítulo da Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja, como um coroamento conclusivo da Constituição.²⁰ O Vaticano II resgatou a dimensão eclesiológica da Mariologia, sem, contudo, abandonar sua dimensão cristológica.

Inserindo Maria no *mistério de Cristo e da Igreja*, a *Lumen Gentium* reconduz a Mariologia – não vista mais como uma disciplina à parte – ao âmbito das discussões teológicas.²¹ O Vaticano II ressaltou a importância da memória mariana na Igreja e não pretendeu esgotar a reflexão mariológica, mas incentivou seu estudo e aprofundamento (LG 54).

A Constituição Dogmática sobre a Igreja assinala a relação de Maria de Nazaré com Deus e com a humanidade. Mulher inserida na plenitude do tempo (GI 4,4), Maria está associada, por um lado, à Trindade, enquanto mãe do Filho de Deus,

¹⁹ O debate mariológico antes e durante o Concílio foi bastante tenso. Havia uma dupla corrente mariológica. De um lado, havia uma forte vertente maximalista, que, nas discussões conciliares, se refletia, de certo modo, na posição daqueles que defendiam a elaboração de um documento próprio de Mariologia. Por outro lado, havia uma tendência minimalista, que pouco considerava o papel de Maria na economia da salvação. No Concílio, em uma votação bastante disputada sobre a elaboração ou não de um documento autônomo de Mariologia (1.114 a 1.074 – quarenta votos de diferença), decidiu-se incluir o tema marial no oitavo capítulo da Constituição *De Ecclesia* (Cf. BOFF, Clodovis. *Introdução à Mariologia*, p. 93).

²⁰ Após um breve proêmio (I parte), o oitavo capítulo da *Lumen Gentium* apresenta a missão de Maria na economia da salvação, centrada no mistério de Cristo (II parte), a relação da Virgem com a Igreja (III parte), o culto mariano na Igreja (IV parte) e a dimensão escatológica da Mariologia (V parte).

²¹ O surgimento da Teologia Marial como um tratado separado e autônomo remonta aos séculos XVI e XVII, com Francisco Suarez (1585) e Plácido Nígido (1602) (Cf. ALMEIDA, Antonio José de. *Lumen Gentium*: a transição necessária, nota n° 413, p. 181).

filha predileta do Pai e templo do Espírito Santo; e, por outro, ao povo de Deus, enquanto parte da descendência de Adão, isto é, de toda humanidade necessitada de salvação. Por razão de sua singular missão, ela foi “remida de modo mais sublime, em atenção aos méritos de seu Filho” (LG 53). É a mãe dos membros de Cristo, pois cooperou para o nascimento da Igreja, da qual ela é um membro eminente e singular, seu tipo e exemplar na fé e na caridade (LG 53).

A Mariologia do Vaticano II é profundamente bíblica. Ela oferece uma síntese bíblico-teológica sobre a mãe de Jesus. Na economia da salvação, Maria tem sua missão prefigurada e profeticamente delineada nas promessas feitas ao povo da primeira aliança e claramente manifestada na nova aliança em Cristo (LG 55-59). Na relação com Cristo, Maria é lembrada como mãe predestinada (LG 56), serva fiel (LG 56), discípula (LG 58). O documento destaca os títulos veterotestamentários *Filha de Sião* (LG 55) e *Filha de Adão* (LG 56) e retoma o paralelo patrístico Eva-Maria (LG 56). A *Lumen Gentium* afirma igualmente que Maria avançou pelo caminho da fé, mantendo-se fielmente unida a seu Filho até a cruz (LG 58). Ela permaneceu unida à comunidade dos cristãos e fez a experiência do novo derramamento do Espírito em Pentecostes. Terminado o curso de sua vida neste mundo, foi elevada ao céu, na plenitude de seu ser (LG 59).

Na relação de Maria com a Igreja, reafirma-se o dado bíblico da unicidade da mediação de Cristo. Nesse sentido, compreende-se que a maternidade espiritual de Maria não ofusca nem diminui a mediação única de Cristo. Nada tira nem acrescenta à dignidade do único mediador; manifesta, antes, a sua eficácia. A mediação mariana é, destarte, dependente, derivada, participada e subordinada à única mediação de Jesus (LG 60 e 62). Maria é, na sua condição de virgem e mãe, “o tipo e a figura da Igreja, na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo” (LG 63). É também modelo da Igreja na prática das virtudes evangélicas e na missão apostólica (LG 53.63-65).

O Vaticano II ressalta o caráter cristocêntrico do culto à Virgem Maria na Igreja: honrando a mãe, melhor se conhece, ama e glorifica o Filho. Distinto do culto de adoração reservado a Deus, o culto mariano é caracterizado por um ato de veneração e amor, invocação e imitação (LG 66). A Constituição exorta a evitarem-se dois perigosos extremos no exercício do culto mariano: o falso exagero (maximalismo) e a demasiada estreiteza de espírito (minimalismo). Pede, igualmente, para que evitem-se palavras e atitudes que possam induzir ao erro os cristãos de outras Igrejas

acerca da autêntica doutrina católica sobre Maria. Lembra que a verdadeira devoção não se traduz em emoção estéril e passageira, fomenta o culto mariano litúrgico e estima os legítimos exercícios de piedade (LG 67).

Por fim, o documento apresenta Maria, imagem escatológica e primícia da Igreja glorificada, como Sinal de Esperança e de Consolação para os peregrinos deste mundo (LG 68). O Concílio, sensível ao movimento ecumênico, recorda ainda a honra prestada à mãe de Jesus entre os irmãos de outras Igrejas cristãs, principalmente entre os orientais, e suplica a intercessão dela para a unidade dos cristãos e de toda humanidade (LG 69).

O Vaticano II provocou uma grande renovação da Teologia Marial. Além do enfoque cristológico e eclesiológico, o Concílio resgatou a dimensão antropológica da Mariologia, a face humana de Maria, membro da Igreja, sua condição de mulher hebreia, livre e responsável,²² sua colaboração ativa e consciente na economia da salvação (LG 56). O Concílio colocou “Maria mais perto de nós, mais dentro da Igreja”.²³ Todo esse esforço de aproximar Maria do ser humano de hoje, superando uma imagem distante da Virgem, tornou possível o diálogo da Mariologia com os grandes temas da pós-modernidade.

1.4 RECENTES ABORDAGENS MARIOLÓGICAS

No período pós-Concílio observou-se um certo declínio quanto à produção mariológica. Esse silêncio ficou bem perceptível no documento conclusivo de Medellín, que, mesmo acolhendo os frutos do Vaticano II, não tocou no tema marial. Como resposta a esse cenário pacato à Mariologia, foram publicados dois documentos de grande referência: a *Marialis Cultus* (1974) de Paulo VI e a *Redemptoris Mater* de João Paulo II (1987).

A Exortação Apostólica *Marialis Cultus* foi escrita “para tirar as dúvidas sobre as intenções do Concílio e para promover uma devoção mariana apropriada” (ARCIC 48). Paulo VI recorda a importância de uma sóbria devoção mariana para “que os exercícios de piedade para com a Virgem Maria expressem, de maneira clara, a característica trinitária e cristológica que lhes é intrínseca e essencial” (MC 25).

²² Indubitavelmente, “resgatar a humanidade de Maria é colocar as grandes questões do feminino” (BOFF, Lina. *Mariologia: interpretações para a vida e para a fé*, p. 105).

²³ ALMEIDA, Antonio José de. *Lumen Gentium: a transição necessária*, p. 184.

Adverte que o culto a Maria deve ter sua origem em Cristo e nele encontrar a sua eficácia, pois, em Maria, “tudo é relativo a Cristo e dependente dele” (MC 25). Nessa perspectiva, o Papa acrescenta

algumas orientações de ordem bíblica, litúrgica, ecumênica e antropológica, a ter presentes no rever ou criar exercícios e práticas de piedade, para tornar mais vivo e com maior sentido o vínculo que nos une à Mãe de Cristo e Mãe nossa, na Comunhão dos Santos (MC 29).

Paulo VI lembra que o culto mariano precisa estar enraizado nas temáticas centrais da história da salvação e pede cuidado quanto aos exageros e aos desvios culturais da piedade mariana denunciados pelo Vaticano II (MC 32 e 38).

A Encíclica *Redemptoris Mater* é marcada por uma clara intenção ecumênica e por um discurso profundamente bíblico-doutrinal. O documento cita em vários momentos o capítulo VIII da *Lumen Gentium* e dá grande ênfase à *mediação materna* de Maria na terceira parte da obra. João Paulo II esclarece o sentido da mediação de Maria. É uma “mediação que intercede” (RM 40).

Houve uma reação ecumênica muito sóbria após o Concílio. O incentivo dado pelo Vaticano II ao diálogo entre as Igrejas cristãs possibilitou uma elaboração mariológica em perspectiva ecumênica. Esse mesmo incentivo é notório na *Marialis Cultus* e na *Redemptoris Mater*. A Mariologia começa a se tornar assunto de diálogo e estudo nas comissões ecumênicas.

A partir dos anos 1960-1970, a renovação da cristologia protestante de uma parte e o movimento ecumênico de outra levam a multiplicar nos cantos e na liturgia as referências a Maria. Duas características devem ser notadas: a sobriedade dessas referências e seu fundamento bíblico muitas vezes indicado (GD 118).

Uma das obras pioneiras de Mariologia em perspectiva ecumênica é *Maria no Novo Testamento*, publicada em 1978. Tendo o biblista Raymond Brown como um dos membros da equipe de estudos e elaboração da obra²⁴, o livro nasce de uma reflexão bíblica sobre Maria. É importante notar que “antes de ser considerada uma ‘santa católica’ Maria é, acima de tudo, uma ‘mulher evangélica’ – no sentido pleno do termo”.²⁵

²⁴ O grupo de teólogos que elaborou esta obra é composto por quatro luteranos, quatro católicos, dois membros da Igreja Episcopal e dois membros da Tradição Reformada.

²⁵ MAÇANEIRO, Marcial. *Maria no diálogo ecumênico*, p. 144-145.

Embora os primeiros trabalhos ecumênicos sobre Maria partam das Sagradas Escrituras, eles não param por aí. Em meados dos anos 90, o Grupo de Dombes, fundado em 1937 para a comunhão das Igrejas, teve a coragem de abordar o tema marial nos seus grandes pontos de discussão: sua cooperação na salvação, os dogmas marianos e a invocação de Maria. Em 2004, a Comissão Internacional Anglicano-Católica Romana (ARCIC) lançou a Declaração de Acordo sobre a *Bem-aventurada Virgem Maria, modelo de graça e esperança em Cristo*. Essa declaração também refletiu os temas mariais com base nas Escrituras e na tradição comum entre as duas Igrejas. Não menos importante é a recente publicação conjunta do comentário de Lutero ao *Magnificat* de Maria, realizada pelas editoras Santuário e Sinodal, no contexto dos 300 anos do encontro da imagem de Nossa Senhora Aparecida e dos 500 anos da Reforma.

Avançando para águas mais profundas, a Mariologia entrou no âmbito do diálogo inter-religioso. O interesse da Mariologia dirigiu-se para o Judaísmo, do qual provém a *Filha de Sião*. O contato com a religião judaica motivou o resgate da *Maria histórica*, isto é, a pesquisa pela vida de Maria, sua cultura e seu cotidiano.²⁶ “Além disso, dirigiu-se para o Islamismo, no qual Maria é venerada como santa Mãe de Cristo” (VM 14). A crescente proximidade do Cristianismo com o Islamismo é também fruto do comum reconhecimento das virtudes e da santidade de Maria, mãe de Jesus. O Alcorão possui uma surata específica sobre *Maryam* (Surata 19) que, por sinal, é o único nome de mulher encontrado no livro sagrado. Vale lembrar ainda que os santuários marianos são lugares que atraem a visita de muitos muçulmanos. Este é um fenômeno que merece maior aprofundamento e atenção. De fato, “um dos mais profundos e persistentes papéis da Virgem Maria na história foi o de estabelecer um elo com outras tradições”.²⁷

²⁶ O frei Clodovis Boff, em *O cotidiano de Maria de Nazaré*, relata o dia a dia de Maria, o ritmo normal de seu cotidiano e alguns acontecimentos que interrompem a sua rotina, como a participação em uma festa de casamento ou em um enterro. O esforço de Clodovis Boff volta-se para o resgate da humanidade e singeleza dessa mulher da Galileia. A mãe de Jesus viveu uma vida simples, semelhante à maioria das mulheres de seu tempo. O que há de extraordinário em despertar-se, aprontar-se, pôr a casa em ordem, acompanhar a oração da manhã, apanhar água na fonte? Em preparar o pão, cuidar do filho, trabalhar no campo, servir o desjejum, fiar, tecer e lavar a roupa, servir a ceia e preparar o repouso da noite? “O cotidiano de Maria é a expressão mais acabada da economia normal do Mistério. [...] na experiência da Virgem o lugar normal do encontro com o Divino é justamente o cotidiano. [...] esse viver ordinário ela sabia vivê-lo de modo absolutamente extraordinário” (BOFF, Clodovis. *O cotidiano de Maria de Nazaré*, p. 109-110).

²⁷ PELIKAN, Jaroslav. *Maria através dos séculos: seu papel na história da cultura*, p. 99.

A Mariologia pós-conciliar ingressou no núcleo das discussões antropológicas e feministas. A Teologia Marial destacou a necessidade de aproximar a figura de Maria do ser humano de hoje – principalmente dos mais pobres –, resgatando seus valores e virtudes, sua imagem de mulher hebreia e sua condição de pessoa livre que cooperou, de maneira deliberada, na história da salvação. O discurso sobre a Virgem é capaz de iluminar o discurso sobre o ser humano (VM 15). A Teologia Feminista²⁸, por sua vez, reivindicou sua participação efetiva nas reflexões mariológicas. Teólogas buscaram rever a forma como Maria foi apresentada ao longo dos séculos. Questionaram o paralelo patrístico Eva-Maria, principalmente a sua hermenêutica posterior, que distanciava e separava Maria das demais mulheres. A Teologia Feminista também afirmou que algumas imagens tradicionais de Maria serviram para justificar a submissão das mulheres.²⁹ Esta chamada “mariologia patriarcal idealiza uma única mulher em detrimento de todas as outras”.³⁰ Nessa perspectiva, Maria seria a “única de todo o seu sexo”.³¹

A retomada do *Magnificat* de Maria favoreceu uma releitura de seu papel de mulher. Esse hino quebra o seu silêncio e ascende sua voz profética.

Maria só se torna emancipadora quando é vista como símbolo radical de uma nova humanidade, livre de relações hierárquicas de poder, com Deus ou com a humanidade. Entretanto sua presença não deve eclipsar o testemunho e o ministério característicos das outras mulheres.³²

O Vaticano II, diante da emergência do feminino, afirmou que “Maria não foi utilizada por Deus como instrumento meramente passivo” (LG 56) e destacou a sua livre cooperação na história da salvação. Paulo VI, atento às mudanças frequentes da sociedade contemporânea no tocante ao papel público e social da mulher, enfatizou o *consentimento ativo e responsável* de Maria e sua condição de *mulher forte* (MC 37). Esclareceu que “a escolha do estado virginal por parte de Maria [...] não foi um ato de fechar-se a qualquer dos valores do estado matrimonial” (MC 37), mas constituiu uma opção de vida feita por amor a Deus. Rejeitou uma imagem de Maria

²⁸ A Teologia Feminista possui diversas faces e vertentes. Todavia, de maneira genérica, não se trata simplesmente de uma teologia sobre a mulher – a mulher enquanto objeto de pesquisa e análise –, mas de uma teologia a partir da mulher, de seu contexto e de suas aspirações – a mulher enquanto sujeito e protagonista de reflexões.

²⁹ Cf. COYLE, Kathleen. *Maria tão plena de Deus e tão nossa*, p. 182.

³⁰ COYLE, Kathleen. *Maria tão plena de Deus e tão nossa*, p. 184.

³¹ COYLE, Kathleen. *Maria tão plena de Deus e tão nossa*, p. 184.

³² COYLE, Kathleen. *Maria tão plena de Deus e tão nossa*, p. 187.

passivamente submissa que desencadeasse uma *religiosidade alienante* (MC 37). A Congregação para a Educação Católica deixou claro que o tema *Maria e a mulher*, “susceptível de muitos modos de ser enquadrado, está longe de se poder dizer esgotado e aguarda ulteriores desenvolvimentos” (VM 15).

É necessário estabelecer uma Teologia Marial que dialogue com a mulher contemporânea³³, que diga algo sobre a mulher e para a mulher dessa sociedade multicultural e secularizada. Nesse sentido, convém aplicar “uma releitura de Maria a partir das exigências de nosso tempo e, em particular, do momento privilegiado que vive a humanidade toda com o despertar da consciência histórica da mulher”.³⁴

A valorização da piedade popular como *mística* ou *espiritualidade* popular (DAp 262-263), como “um encontro pessoal com o Senhor” (DAp 263), fomentou o aprofundamento acadêmico do fenômeno da piedade mariana. “As expressões da piedade popular têm muito que nos ensinar e, para quem as sabe ler, são um *lugar teológico* a que devemos prestar atenção particularmente na hora de pensar a nova evangelização” (EG 126). Insere-se no campo da piedade popular o interesse teológico e espiritual pelo fenômeno das aparições de Nossa Senhora. Tais revelações privadas exigem cada vez mais discernimento e aprofundamento, pois continuam atraindo um grande número de fiéis.

O Papa Paulo VI, em 1975, propôs aos participantes do Congresso mariológico internacional o caminho da beleza para se chegar a Maria. Além de indicar

³³ Na obra conjunta *Mulheres da Bíblia*, Anselm Grün e sua irmã Linda Jarosch relacionam algumas figuras arquetípicas das mulheres ligando-as a quatorze imagens de mulheres bíblicas. Refletindo sobre a alteridade feminina, enfatizam as imagens da rainha e da fera. Segundo Linda Jarosch, “quando uma mulher libertar a fera e a rainha que vivem nela, ela também será capaz de libertar todas as outras imagens, seja a maternal, com a qual o movimento feminista tem tantos problemas, seja a da amorosa, da artista ou da profetisa” (GRÜN, Anselm; JAROSCH, Linda. *Mulheres da Bíblia: força e ousadia para viver o que você é*, p. 11). Ao analisarem a figura da mãe de Jesus, Linda Jarosch fala sobre suas dificuldades com a imagem tradicional de Maria que lhe foi passada. “Quando criança, eu via Maria como uma mãe amorosa. Sempre me tocou o fervor com o qual nossa mãe e suas irmãs oraram e cantaram por Maria. Quando adulta, Maria não me interessou durante um longo período. A imagem de Maria que me foi trazida pela Igreja estava muito distante da minha vida. [...] Mais tarde, eu busquei um novo acesso a ela e me perguntei, então, o que Maria poderia trazer à minha vida naquele momento. Em sua vida como mulher nada foi poupado. A maneira como Maria respondeu a isso me orienta e ajuda muito hoje. O seu sim foi provado durante toda sua vida e ela escolheu acreditar e confiar nele até mesmo na dor. E eu me reencontro nessa atitude. Hoje eu entendo o que faz de Maria uma rainha. Nela, eu vejo nossas forças femininas centradas; nela, elas são enfatizadas e por meio disso, são reais” (GRÜN, Anselm; JAROSCH, Linda. *Mulheres da Bíblia: força e ousadia para viver o que você é*, p. 137-138). O testemunho de Linda Jarosch ilustra bastante as inquietações da Teologia Feminista com relação à Mariologia tradicional e auxilia na redescoberta de Maria para o encorajamento, a autonomia e o protagonismo das mulheres.

³⁴ GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara. *Maria, Mãe de Deus e mãe dos pobres: um ensaio a partir da mulher e da América Latina*, p. 27.

o *caminho da verdade*, isto é, da especulação bíblico-teológica, como via de acesso para o estudo sobre Maria, ressaltou o valor da via *pulchritudinis* para avançar no conhecimento de Maria.³⁵ O caminho da beleza é acessível a todos. Maria é a *tota pulchra*, é fonte de inspiração para os artistas de todos os tempos, lugares e culturas.³⁶ A iconografia e a literatura popular mariana são ricas em significado e merecem especial atenção. O interesse pelas expressões artísticas cresce cada vez mais entre os fiéis e os teólogos da pós-modernidade. É um espaço de diálogo com a ciência, a história, a cultura e as artes. Para a fé, contemplar a beleza em Maria é reconhecer o autor da própria beleza (Sb 13,5).

Os ícones marianos das mais diversas e múltiplas fisionomias encheram os séculos; todos, porém, remontam aos ícones não pintados mas descritos que se encontram disseminados nas páginas bíblicas. São estes os retratos mais semelhantes ao original, a que a arte sempre aludiu, a que sobretudo a espiritualidade cristã fez referência para que o rosto de Maria 'se reflectisse continuamente no espelho da alma'.³⁷

Maria “reúne em si e reflete os imperativos mais altos da nossa fé” (LG 65). Ela é como uma *síntese da fé cristã*, uma *suma teológica mínima*.³⁸ O estudo do mistério de Maria toca os grandes tratados da fé cristã. Por isso, não é de estranhar-se que novos temas sejam abordados pela Mariologia. Temas estes que remetem a específicos enfoques: a relação de Maria e o Espírito Santo, a Mariologia Social, a piedade mariana e a inculturação, os desafios ecológicos, a questão do migrante.³⁹

A Mariologia passeia por inúmeras áreas do conhecimento, atingindo, inclusive, a Psicologia, a Literatura e as Artes. E, por meio dessa pesquisa, propõe-se que seja pensada a partir da Teologia da Esperança. Como, em Maria, tudo é relativo a Cristo, à Igreja e ao ser humano (VM 18-22), a Teologia Marial terá sempre seu espaço na sociedade, desde que se permita ser atual, aberta, dinâmica, dialógica, pública e plural.

³⁵ A Mariologia, além da *via veritatis* e da *via pulchritudinis*, compreende outras perspectivas e métodos teológicos, como a *via misericordiae*, a *via antropologica*, a *via simbolica*, a *via amoris*. Tratam-se de diferentes caminhos de acesso a Maria, mãe de Jesus, que se complementam e dialogam entre si (Cf. DEL GAUDIO, Daniela. *Maria de Nazaré: Breve tratado de mariologia*, p. 21).

³⁶ Cf. DE FIORES, Stefano. *Beleza*, p. 194-199.

³⁷ RAVASI, Gianfranco. *Os rostos de Maria na Bíblia*, p. 15.

³⁸ Cf. BOFF, Clodovis. *Introdução à Mariologia*, p. 12-13.

³⁹ Cf. BOFF, Clodovis. *Introdução à Mariologia*, p. 120-121.

1.5 TEOLOGIA DA ESPERANÇA E TEOLOGIA MARIAL EM DIÁLOGO

A esperança é um dos grandes temas bíblicos e teológicos. Na história do Cristianismo, muito se falou sobre a esperança enquanto uma das virtudes teológicas. Todavia, a esperança, no contexto do século XX, vem envolvida por novas abordagens, dando um novo sabor à escatologia. A redescoberta da escatologia cristã para além do estudo dos chamados *novíssimos*,⁴⁰ despertou uma nova consciência da doutrina da esperança e da práxis da esperança. Deve-se ao teólogo reformado Jürgen Moltmann o desenvolvimento teológico da escatologia enquanto Teologia da Esperança.

Em 1964, ao publicar sua obra intitulada *Teologia da Esperança*⁴¹, Moltmann trouxe o conceito de esperança para dentro das reflexões teológicas contemporâneas. O projetar-se para o futuro favoreceu uma releitura escatológica de toda a Teologia e da própria história. Com a Teologia da Esperança, Moltmann desenvolveu um primeiro método teológico em perspectiva do tipo holístico: “o todo da teologia em um único enfoque”⁴², o enfoque da esperança. Assim, o teólogo reformado entende que toda a Teologia possui uma orientação escatológica. “A teologia correta deve ser pensada a partir de sua meta futura. A escatologia não deve ser seu fim, mas seu princípio.”⁴³

Para fundamentar sua Teologia da Esperança, Moltmann, além de inspirar-se na Filosofia da Esperança de Ernest Bloch, partiu do Antigo Testamento utilizando-se, principalmente, do conceito de promessa e da escatologia neotestamentária da parusia de Cristo. Assim explica o teólogo Rosino Gibellini:

A obra de Moltmann não é um tratado específico sobre a esperança como virtude teológica [...], mas é um ensaio de teologia escatológica, em que os temas centrais do cristianismo são revisitados na perspectiva da promessa, esperança e missão. A Bíblia é o livro da revelação, na medida em que é livro da promessa divina; a promessa alimenta a esperança; e a esperança impulsiona a missão.⁴⁴

⁴⁰ No século XX, tem-se a retomada do caráter escatológico do Cristianismo. A escatologia cristã, até então, era praticamente a doutrina das últimas realidades, realidades essas tão distantes da história que foram sendo adiadas para os últimos dias, para o fim. A escatologia estava separada do cotidiano. O futuro era projetado para a eternidade, para a esfera do além (Cf. GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*, p. 279).

⁴¹ O livro *Teologia da Esperança* forma uma trilogia com duas outras obras do autor: *O Deus crucificado* (1972) e *A Igreja no poder do Espírito* (1975).

⁴² MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, Prefácio de 1997 à 13ª edição, p. 24. Em *O Deus crucificado* (1972), Moltmann concentra a Teologia também em um único ponto: a cruz de Cristo e o sofrimento de Deus.

⁴³ MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p. 31.

⁴⁴ GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*, p. 286.

O povo de Israel é constituído como povo da promessa. O Deus das promessas é quem conduz a história de Israel. As promessas divinas abrem novos horizontes e apontam para o futuro escatológico. Moltmann entende promessa como “a palavra dada que anuncia uma realidade ainda não existente”.⁴⁵ A esperança de Israel alimenta-se das promessas divinas anunciadas ao longo de sua jornada. “Moltmann vê na mensagem dos profetas o ponto em que a promessa veterotestamentária assume a dimensão escatológica, na medida em que assume uma universalização e uma intensificação.”⁴⁶ O futuro não se estende apenas a um povo, mas a todos os povos. O futuro ultrapassa o limite da própria existência humana terrena e abre-se para além da morte. “Não é simplesmente futuro intra-histórico ou um ‘futuro absoluto’ contraposto à história, e sim um futuro histórico estendido a todos os povos e intensificado e radicalizado até os confins mais remotos da realidade.”⁴⁷

Deus é sempre fiel em suas promessas. Ele transcende as próprias experiências humanas de cumprimento das promessas.

Em todos os cumprimentos, a promessa, com o que nela está contido, não achou correspondência de maneira satisfatória, faltando sempre algo por cumprir [...]. Os ‘cumprimentos’ são tomados como explicações, confirmações e ampliações da promessa.⁴⁸

A promessa tem um dinamismo próprio, que não deixa o ser humano estagnado no tempo ou na ideia de cumprimento pleno ou total. “O ‘ainda não’ da esperança supera qualquer ‘já’ de cumprimento. Por isso, qualquer realidade de cumprimento já verificada se torna explicação, confirmação e libertação de uma esperança ainda maior.”⁴⁹ O Deus da promessa não se esgota jamais e suas promessas também não se esgotam na transitoriedade da história. O Deus que promete a seu povo libertação, uma terra onde corre leite e mel, um reino de justiça e paz, um ungido à semelhança de Davi, uma descendência duradoura, sempre tem algo mais elevado a oferecer.

Os acontecimentos históricos não são processos fechados, mas são como estações, instantes de um caminho a se fazer. Eles possuem um caráter provisório. “Encontra-se neles o elemento da *pro-visio*, isto é, anunciam e prenunciam algo que

⁴⁵ MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p. 138.

⁴⁶ GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*, p. 283.

⁴⁷ GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*, p. 283.

⁴⁸ MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p. 141.

⁴⁹ MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p. 142.

neles está, mas ainda não se realizou plenamente.”⁵⁰ Lembrar o passado dos eventos, como as experiências de libertação no êxodo e no exílio, permite ao ser humano esperar novas experiências de libertação que apontam, por sua vez, para uma meta sempre maior.

A promessa cria uma tensão com o momento histórico e impele o espírito humano para o futuro ausente. Essa esperança leva o ser humano a resistir ao momento presente e a lutar por transformação. No entanto, a desobediência, o conformismo e o desânimo podem conduzir o ser humano para a frustração com o não cumprimento ou adiamento da promessa.⁵¹

O plano de Deus, suas promessas, não deve ser compreendido como destino imutável, fatalismo histórico, determinismo divino. A providência divina caminha ao lado da liberdade humana. O Deus da promessa é o Deus que acompanha a história de seu povo. “Deus não está em alguma parte no além, mas ele vem e está presente, como aquele que vem e promete um mundo novo de vida plena, de justiça e de verdade, e com essa promessa põe novamente em questão este mundo.”⁵² O tempo presente é colocado na crise do futuro prometido. Quando o mundo novo aparece, o velho é superado. A escatologia mantém a história viva e dinâmica através da crítica do presente e da esperança do futuro. “A *promissio*, que anuncia o *éschaton* e na qual o *éschaton* se anuncia, é o motor, a motivação, a mola propulsora e o tormento da história.”⁵³

A escatologia cristã fala do futuro partindo de uma determinada realidade histórica: de Cristo, de sua ressurreição e de seu futuro. Cristo é esperança da glória (Cl 1,27). Em Jesus Cristo, as promessas são ratificadas. Ele aponta para a escatologia, para a salvação futura, para a *parusia*. O futuro de Cristo é promessa para o mundo. A ressurreição de Cristo ratifica as promessas anteriores feitas ao povo de Israel e oferece os fundamentos do futuro de toda a humanidade. Os primeiros cristãos nutriram-se dessa promessa e receberam a missão de cultivar a esperança em todo o mundo. “O Evangelho tem caráter promissório: ele não é cumprimento de promessas, e sim ratificação de promessas e ele mesmo promessa aberta acerca do futuro de Cristo.”⁵⁴ A ressurreição de Cristo e a sua cruz são o grande evento da

⁵⁰ MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p. 145.

⁵¹ Cf. MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p. 161.

⁵² MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p. 211.

⁵³ MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p. 212.

⁵⁴ GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*, p. 283.

promessa cristã. Há uma promessa de ressurreição para todas as gentes. E o futuro de Cristo não será uma simples repetição do que já se experimentou, mas trará verdadeiramente algo de novo, a realização e o cumprimento pleno da promessa.⁵⁵

O Deus da promessa que se revela em Jesus torna-se o Deus de todos os seres humanos, judeus e gentios. O mistério da ressurreição de Cristo dentre os mortos abre caminhos de salvação para toda a humanidade. “A história veterotestamentária da promessa não encontra simplesmente no evangelho o cumprimento que a suprime, mas encontra nele seu futuro.”⁵⁶

A esperança coloca o ser humano em contraposição com a realidade presente. Ela dá condições para que novas experiências sejam possíveis. A esperança movida pela promessa divina abre novos caminhos para aquilo que no presente parece impossível. Não pretende iluminar a realidade dada agora no presente, mas sim a realidade que virá. Não deseja produzir no interior da vida humana uma imagem da realidade atual, mas leva a realidade atual a transformar-se naquilo que está por vir, que está prometido e é esperado.⁵⁷

Presente e futuro, experiência e esperança se contradizem na escatologia cristã [...]. A contradição, em meio à qual a esperança coloca o ser humano frente à realidade de si mesmo e do mundo, é a contradição entre a ressurreição e a cruz. A esperança cristã é uma esperança de ressurreição e demonstra sua verdade pela contradição entre o presente e o futuro por ela visualizado, futuro de justiça contra o pecado, de vida contra a morte, de glória contra o sofrimento, de paz contra a divisão.⁵⁸

Essa dialética entre experiência e esperança, presente e futuro, é atestada nas palavras de Paulo aos Romanos: “Na esperança é que fomos salvos. No entanto, uma esperança que se vê, não é mais esperança. Como pode alguém esperar o que já vê? Se, todavia, esperamos o que não vemos, é porque o aguardamos com perseverança” (Rm 8,24-25). Isso não significa fugir do tempo presente, distanciar-se do mundo, mas buscar o futuro. “Nas promessas está anunciado o futuro oculto, o qual, por meio da esperança que desperta, age no presente.”⁵⁹ A esperança é abertura de espírito para possibilidades vindouras. “Nessa esperança, a alma não paira em um céu imaginário de bem-aventurados [...]. Ela não vê na ressurreição de

⁵⁵ Cf. MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p. 287.

⁵⁶ MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p. 191.

⁵⁷ Cf. MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p. 32.

⁵⁸ MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p. 33.

⁵⁹ MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p. 32.

Jesus Cristo a eternidade do céu na terra, mas o futuro da própria terra na qual está plantada sua cruz.”⁶⁰

A história humana está carregada de esperança, de possibilidades, de promessas, mesmo em passados remotos.

A dialética do evento passado e da compreensão presente é criada pelas antecipações do futuro e pela questão da possibilidade do futuro. No passado se encontra futuro e há possibilidades naquilo que já foi. Pela história recorda-se aquilo que não foi realizado, mas estava cheio de promessas nos tempos anteriores.⁶¹

A esperança cristã gera sempre inquietação, insatisfação, pois “quem espera em Cristo não pode mais se contentar com a realidade dada, mas começa a sofrer devido a ela, começa a contradizê-la”.⁶² A esperança cristã não é negação da cruz, da história, da corporeidade, das relações terrenas. O futuro em Cristo supera qualquer tipo de *docetismo da esperança*. “A esperança nascida da cruz e da ressurreição transforma o nulo, contraditório e torturante do mundo em seu ‘ainda não’ e não permite que acabem no ‘nada’.”⁶³

Essa perspectiva para o futuro significa, destarte, transformação do presente e renovação da história. Aqui se fundamenta o dinamismo próprio da missão. “O futuro como missão confere à tarefa presente e à decisão do dia de hoje o real possível, mostra no real as possibilidades abertas e no possível as tendências que devem ser aproveitadas.”⁶⁴ O cristianismo tem a missão de transformar o mundo naquilo que está prometido. “A missão está a serviço do despertar de uma esperança viva, ativa e apaixonada pelo reino de Deus, o qual vem ao mundo para transformá-lo.”⁶⁵ O cristão não se conforma com o mundo presente, mas busca transformá-lo (Rm 12,2). A esperança cristã esforça-se cada vez mais em fazer corresponder a realidade presente ao futuro que é prometido e desejado.

O reino futuro do Cristo ressuscitado não só deve ser esperado e aguardado. Essa esperança e expectativa devem modelar igualmente a vida histórica da sociedade. Por isso, missão significa não somente propagação da fé e da esperança, mas também transformação histórica da vida.⁶⁶

⁶⁰ MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p. 36.

⁶¹ MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p. 337.

⁶² MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p. 36-37.

⁶³ MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p. 250.

⁶⁴ MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p. 326.

⁶⁵ MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p. 408.

⁶⁶ MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p. 410.

A esperança, para o teólogo reformado, não significa passividade frente às injustiças cometidas no tempo presente. A esperança, pelo contrário, impulsiona o ser humano a enfrentar com coragem os desafios de cada momento da história. Trata-se, portanto, de uma esperança sempre insatisfeita, que caminha na direção de uma promessa divina.

A esperança da ressurreição traz consigo uma nova compreensão de mundo, para além de qualquer tendência otimista e idealista ou pessimista demais.

Este mundo não é o céu da auto-realização, como se dizia no idealismo. Este mundo não é o inferno da auto-alienação, como se diz na beletrística romântica e existencialista. O mundo ainda não está concluído, mas é entendido como algo que está em processo histórico. É, portanto, o mundo do possível, em que se pode estar a serviço da futura verdade, da justiça e da paz prometidas [...] A glória da auto-realização e a miséria da auto-alienação têm ambos sua fonte na ausência de esperança, na desesperança, de um mundo que perdeu o horizonte. A tarefa da comunidade cristã é abri-lhe o horizonte do futuro do Cristo crucificado.⁶⁷

Há uma nítida distinção entre a posição escatológica de Moltmann e a chamada *escatologia do presente*.⁶⁸ Moltmann desenvolve uma *escatologia do futuro*. Há sempre a expectativa do Reino de Deus vindouro, Reino prometido que lança o ser humano para o futuro, futuro ainda aberto. Moltmann admite uma escatologia do presente no sentido de uma espera criativa, isto é, uma esperança “que prepara para a crítica e a transformação do presente, porque está aberta ao futuro universal”.⁶⁹ O futuro escatológico, sem deixar de ser futuro, é antecipado no presente, mediante o seguimento de Jesus. Cristo realiza a mediação entre o escatológico e o histórico, entre o Reino de Deus e a história. Na vinda e na ressurreição de Jesus, o escatológico entra na história e a história passa a caminhar para a sua plenitude. O escatológico mergulha na história e a história mergulha no escatológico. Essa mediação messiânica, enquanto antecipação, não é ainda plenitude, mas fragmento do que está por vir.

⁶⁷ MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p. 420-421.

⁶⁸ A escatologia do presente defendida por autores como Barth e Bultmann compreende o *éschaton* como significado transcendental de todos os instantes (Barth), como possibilidade, dada pela fé, de transformar o momento presente em momento escatológico (Bultmann). Cullmann, por sua vez, supõe uma tensão existente entre um *já* e um *ainda não*. Essa última perspectiva é muito presente na escatologia católica (Cf. GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*, p. 280-281; 286-287).

⁶⁹ MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p. 416-417.

A Teologia da Esperança de Moltmann “mantém em tensão o escatológico e o histórico, o Reino de Deus e a história”.⁷⁰ Essa Teologia “está na base da reviravolta política da teologia, realizada nos anos 60”.⁷¹ É exatamente nesse contexto histórico de inúmeros desafios que se deve situar o nascimento dessa nova escatologia na perspectiva da Teologia da Esperança. O fator social exigiu um repensar a própria escatologia e a Teologia em seu conjunto. A esperança desabrochou como rebento novo em terreno árido e seco. Um mundo invadido pelo medo da guerra e da implantação de novos regimes totalitários necessitava de um remédio capaz de abrir novos horizontes e de ressuscitar no ser humano a coragem de viver e sobreviver.

A Teologia da Esperança surge como uma teologia inovadora não apenas por se apropriar mais do contexto histórico, mas também por trazer marcas autobiográficas oriundas da experiência de vida de Moltmann. Como prisioneiro de guerra na Bélgica e na Escócia, ele veio a refletir sobre a condição humana e os fundamentos de sua fé.

O que estava em jogo era nada menos do que a superação do existencialismo generalizado do período pós-guerra, visando à obtenção de perspectivas de futuro para um mundo mais justo, pacífico e mais humano. Queríamos sair da apatia e buscávamos esperanças que nos possibilitassem viver.⁷²

As bases da Teologia da Esperança de Moltmann abriram janelas para o desenvolvimento posterior de outras reflexões acerca da esperança. Por conseguinte, uma vasta produção teológica na perspectiva da esperança surgiu ao longo dos anos sessenta, setenta e oitenta. Após essa grande produção literária, a esperança praticamente desapareceu dos títulos das obras de Teologia. Uma das exceções foi a publicação da Encíclica *Spe Salvi* de Bento XVI⁷³, em 2007, e sua recepção posterior. “Se nos perguntarmos porquê, as hipóteses de resposta serão múltiplas. Mas uma delas será o sentimento de que vivemos ainda hoje a ressaca de tantas esperanças projetadas, a cinza espessa de tantos sonhos dispersos.”⁷⁴ Muitas esperanças e sonhos idealizados, mas, em contrapartida, muitas frustrações, experiências

⁷⁰ GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*, p. 299.

⁷¹ GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*, p. 299.

⁷² MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, Prefácio de 1997 à 13ª edição, p. 20.

⁷³ A Encíclica *Spe Salvi* faz parte de uma trilogia sobre as virtudes teológicas iniciada por Bento XVI. *Deus caritas est* foi a primeira a ser publicada, em 2005. A segunda foi *Spe Salvi*. A terceira encíclica, *Lumen Fidei*, foi escrita pelo Papa Francisco, em 2013, estando em continuidade com o magistério e a inspiração de Bento XVI.

⁷⁴ MENDONÇA, José Tolentino. *Esperar contra toda a esperança*, p. 9.

amargas, decepções e desencantamentos da própria existência humana e da história. Depois desse desgaste filosófico e teológico, a esperança volta a ser tematizada e reaparece timidamente em livros de Teologia e, com grande impulso, nos pronunciamentos do Papa Francisco e em teólogos contemporâneos como José Tolentino Mendonça e Tomáš Halík.

Uma das contribuições que esta pesquisa busca oferecer é o resgate do tema da esperança para o cenário teológico atual. Pretende-se favorecer essa retomada mediante o diálogo entre Teologia da Esperança e Teologia Marial. Moltmann, na *Teologia da Esperança*, fez uma leitura da Teologia a partir do enfoque da esperança. O objetivo desta pesquisa é aplicar esse método de Moltmann – ao menos enquanto inspiração metodológica – à Teologia Marial. Por conseguinte, o caminho escolhido fará brotar uma chamada Mariologia da Esperança. Essa leitura da Mariologia sob a ótica da esperança, além de perpassar os grandes temas bíblicos mariais, buscará dialogar com algumas atuais reflexões sobre a esperança, principalmente com os escritos e as catequeses do Papa Francisco.

A Mariologia da Esperança não é um tema ainda bem desenvolvido e aprofundado no cenário teológico, embora esperança e Maria sejam temas que se encontram e dialogam em diversas obras teológicas, em documentos do magistério e em livros de espiritualidade. Trata-se de um assunto que carece de mais sistematicidade e embasamento bíblico-teológico.

Com o ressurgimento ainda tímido da esperança em nossos tempos, Maria emerge como “Sinal de Esperança segura e de consolação” (LG 68) para o povo que está a caminho. *Estrela do Mar*, ela brilha como força espiritual motivadora, capaz de impulsionar o ser humano ferido e cansado a reconstruir sua história e existência no planeta e a reavivar suas esperanças. A Igreja reconhece em Maria, a *Mulher Nova*, um auxílio poderoso para o ser humano que marcha para a conquista de sua plenitude (MC 57). No atual cenário, uma Mariologia da Esperança não apenas se justifica, mas se torna um tanto urgente. No entanto, a Teologia precisará, mais uma vez, dar razão à sua esperança (1Pd 3,15).

2 FUNDAMENTOS BÍBLICO-TEOLÓGICOS PARA UMA MARIOLOGIA DA ESPERANÇA

Os fundamentos teológicos para se pensar uma Mariologia da Esperança estão contidos na Sagrada Escritura, fonte primeira de toda Teologia. Moltmann partiu da Palavra de Deus para desenvolver a sua *Teologia da Esperança*. Buscou ler as páginas da Sagrada Escritura a partir do enfoque da esperança. Cabe agora aplicar esse mesmo método às referências bíblicas mariais, com o intuito de abstrair delas uma Mariologia em perspectiva escatológica.

O Novo Testamento apresenta Maria de Nazaré como uma mulher herdeira da promessa, impulsionada para o futuro, movida de esperança, cheia de sonhos e expectativas. Como membro do povo de Israel, Maria espera a realização das promessas divinas feitas aos seus pais, os patriarcas e profetas, e abre-se ao futuro de Cristo e de sua ressurreição. Sua vida, nutrida de esperança, é alimento espiritual para os que, dia-a-dia, refazem suas forças, lutam por um mundo novo e peregrinam para a plenitude.

Na perspectiva de Moltmann, a escatologia não pode ser tão somente o ponto de chegada da Teologia, mas deve ser igualmente o seu ponto de partida. A protologia não está dissociada da escatologia. Só se compreende o mistério da origem partindo do mistério do futuro, da finalidade. É como bem expõe a Carta aos Efésios ao tratar da predestinação do ser humano. Na origem da existência humana já está inserida, previamente, a sua eleição escatológica: em Cristo, Deus Pai “nos escolheu, antes da fundação do mundo, para sermos santos e íntegros diante dele, no amor” (Ef 1,4).

A vida de Maria é escatológica. Ela, que foi escolhida em vista dos méritos de Cristo, tinha os olhos fixos no futuro, na Páscoa definitiva. Os evangelhos foram escritos à luz da Páscoa, da escatologia. Maria é uma das grandes testemunhas do mistério pascal. Tudo o que sabemos sobre ela é lido a partir da cruz e ressurreição de seu Filho. Interpretar a missão de Maria na economia da salvação à luz da escatologia favorecerá o despertar da esperança ainda tão adormecida no atual cenário da reflexão teológica. Além do mais, o testemunho da mãe de Jesus trará luzes para os que caminham com o coração voltado para o futuro, sem, contudo, negligenciar o seu momento presente.

2.1 A REVELAÇÃO DA ESPERANÇA

A esperança judaico-cristã só pode ser compreendida a partir da fé. Nas Escrituras, fé e esperança caminham juntas e até se confundem. Crer é esperar. Fé e esperança “são como duas irmãs inseparáveis”.⁷⁵ A “fé é substância da esperança” (SS 10)⁷⁶, pois, se espera-se é porque acredita-se. E a esperança “é a evidência da fé, o rosto visível e histórico do meu crer em Deus”.⁷⁷ A fé antecipa no presente as realidades futuras.

Dá-nos já agora algo da realidade esperada [...] Ela atrai o futuro para dentro do presente, de modo que ele já não é o puro ‘ainda não’. O fato de este futuro existir muda o presente; o presente é tocado pela realidade futura, e assim as coisas futuras derramam-se nas presentes e as presentes nas futuras (SS 7).

A esperança é uma das três virtudes teológicas. Portanto, é graça de Deus, iniciativa divina, mas também um ato da liberdade e escolha humana. A esperança cristã é, destarte, uma realidade divino-humana, um lugar do diálogo de Deus com o ser humano.⁷⁸

⁷⁵ RONCHI, Ermes. *El desafío de creer hoy: la belleza de la fe y la esperanza*, p. 6.

⁷⁶ Na Encíclica *Spe Salvi*, Bento XVI aponta dois tipos de esperança: *as menores ou maiores*, isto é, as esperanças comuns a todos, as esperanças do cotidiano, dos diversos períodos da vida; e a *grande esperança*, que é Deus. As esperanças menores ou maiores referem-se, por exemplo “a esperança do grande e fagueiro amor; a esperança de uma certa posição na profissão, deste ou daquele sucesso determinante para o resto da vida” (SS 30). Contudo, para o papa, essas esperanças quando se realizam, demonstram não ser a totalidade. Por isso, o ser humano “necessita de uma esperança que vá mais além. Vê-se que só algo de infinito lhe pode bastar, algo que será sempre mais do que aquilo que ele alguma vez possa alcançar” (SS 30). Apesar da importante e necessária transformação do mundo presente, “o mundo melhor de amanhã não pode ser o conteúdo próprio e suficiente da nossa esperança” (SS 30). Portanto, “precisamos das esperanças – menores ou maiores – que, dia após dia, nos mantêm a caminho. Mas, sem a grande esperança que deve superar todo o resto, elas não bastam. Esta grande esperança só pode ser Deus” (SS 31). Com base em Ef 2,12, o Papa afirma que “quem não conhece a Deus, mesmo podendo ter muitas esperanças, no fundo está sem esperança, sem a grande esperança que sustenta toda a vida” (SS 27). Tomás Halík acredita que as palavras *Deus* e *esperança* são inseparáveis em sua essência. Por isso, para Halík, embora a afirmação de Bento XVI – “quem não conhece a Deus [...] está sem esperança” – manifeste uma verdade profunda, às vezes, contudo, ela pode levar a um perigoso equívoco. “Aquela pessoa que ‘não conhece a Deus’ nesse sentido porque não o confessa ou o designa com essa palavra também pode ser um ser humano da esperança, e sua esperança não precisa necessariamente degenerar em ideologias da salvação mundanas. Talvez o tema teologicamente mais interessante seja, por isso, a ‘esperança dos incrédulos’. Acredito que a fé e o próprio Deus estejam presentes em sua vida justamente na forma da esperança” (HALÍK, Tomás. *Não sem esperança: o retorno da religião em tempos pós-otimistas*, p. 56). Assim como existe uma fé anônima, conforme a descrição do juízo final no Evangelho de Mateus (Mt 25,31-46), poderia haver igualmente uma esperança anônima ou implícita.

⁷⁷ RONCHI, Ermes. *El desafío de creer hoy: la belleza de la fe y la esperanza*, p. 22.

⁷⁸ HALÍK, Tomás. *Não sem esperança: o retorno da religião em tempos pós-otimistas*, p. 62.

A história do povo de Israel foi desenvolvida na perspectiva do futuro. Promessa é a palavra-chave que traduz o futuro de Israel. “Uma voz forte que chama do futuro é a ‘promessa’.”⁷⁹ O Deus da Aliança alimenta seu povo com suas promessas. O cumprimento de promessas não exaure as esperanças humanas. Cada promessa cumprida aponta para uma promessa ainda maior, que não se esgota. “Cada acontecimento é uma promessa para o futuro. A história de Israel avança assim na forma de uma esperança. Cada fato novo cumpre uma promessa e contém uma nova promessa.”⁸⁰ Muito mais importante que as promessas de Deus é o próprio Deus das promessas, que sempre surpreende o ser humano com sua novidade. “A promessa é, então, expressão da esperança de que a fidelidade divina e a fidelidade humana alcançarão a meta juntas, seja no tempo ou na eternidade.”⁸¹

Deus é a fonte e o fundamento da esperança. Os discípulos de Jesus, herdeiros das promessas, veem no Mestre o cumprimento de todas as expectativas humanas. Jesus Cristo surge como Aquele que vem para cumprir plenamente a lei e os profetas (Mt 5,17). Cristo revela o mistério da esperança.⁸² É Ele a própria Esperança (1Tm 1,1). Para os cristãos, a esperança é uma pessoa. Ela não é tão somente uma virtude que nos é dada, nem objeto de posse⁸³, mas alguém. O Filho de Deus é a encarnação da Esperança. Cristo abre o futuro e Ele mesmo é o Futuro. Nele a esperança encontra o seu princípio e o seu fim. Isso não significa que nada mais tem-se a esperar. Pelo contrário, Jesus enriquece a vida humana com muitas alegrias vindouras. Ele assume as esperanças de Israel e projeta-as em seu futuro. “Jesus cumpre as promessas antigas e renova-as.”⁸⁴ O cristão não espera o cumprimento das promessas somente, mas espera sobretudo o Prometido, a sua vinda gloriosa, a sua parusia.

⁷⁹ RONCHI, Ermes. *El desafío de creer hoy: la belleza de la fe y la esperanza*, p. 34.

⁸⁰ COMBLIN, José. *Viver na esperança*, p. 26.

⁸¹ HALÍK, Tomáš. *Não sem esperança: o retorno da religião em tempos pós-otimistas*, p. 100.

⁸² Interessante destacar que “a palavra ‘esperança’ não se encontra nos evangelhos. Os primeiros discípulos não esperam, vivem na presença ardente. A esperança surge nos Atos dos Apóstolos e em São Paulo”, estreitamente ligada à resistência, à perseverança. “A esperança nasce com a Igreja que nasce, cresce com a comunidade que cresce. É a virtude para o tempo da peregrinação e da profecia.” (RONCHI, Ermes. *El desafío de creer hoy: la belleza de la fe y la esperanza*, p. 37) Nos evangelhos, o verbo *esperar*, por sua vez, aparece unicamente na narração dos discípulos de Emaús, em Lc 24,21 (Cf. RONCHI, Ermes. *El desafío de creer hoy: la belleza de la fe y la esperanza*, p. 39).

⁸³ Tomáš Halík afirma que a esperança não possui um objeto, pois ela não visa uma coisa, mas Deus, que não é uma coisa (HALÍK, Tomáš. *Não sem esperança: o retorno da religião em tempos pós-otimistas*, p. 174).

⁸⁴ COMBLIN, José. *Viver na esperança*, p. 27.

O cumprimento neotestamentário da promessa do Antigo Testamento não é senão o relançamento da promessa que, doravante, é promessa em Cristo: o que se cumpriu em Cristo ainda espera pelo cumprimento universal e cósmico. A relação entre os dois Testamentos não é simplesmente bipolar, mas abre-se ao futuro numa terceira etapa, ao Reino de Deus, para o qual seremos guiados pelo Espírito da verdade. [...] A liturgia situa a Igreja na expectativa/espera da parusia, do cumprimento para sempre e para todos do evento pascal.⁸⁵

A ressurreição – a vitória sobre a morte, o mal, o pecado e o sofrimento – é o evento basilar da esperança cristã. Jesus ressuscitou dos mortos pela força do Espírito e despertou no ser humano a esperança. No mistério do Filho de Deus morto e ressuscitado assenta-se a esperança de um futuro sempre novo e possível. “A fé em Cristo transforma a esperança em confiança e certeza.”⁸⁶ A ressurreição de Cristo rompe com os limites do previsível e abre as portas do futuro para possibilidades jamais vistas. “Jesus traz o futuro de Deus para nós, hoje, e nós somos convidados ao futuro de Deus.”⁸⁷ O ser humano espera o dia de sua plenitude e caminha para lá. Portanto, os cristãos têm um futuro. “A sua vida não acaba no vazio” (SS 2). A grande e verdadeira esperança do ser humano, que sustenta toda a sua vida e resiste apesar dos fracassos e desilusões, é o próprio Deus (SS 27) e a ressurreição trazida no seu Cristo.

O Reino de Deus pregado por Jesus já é experimentado no tempo presente. Jesus apontou os sinais da presença do Reino. Essas sementes de esperança lançadas no anúncio do Reino despertam os discípulos para a missão. Mas há a consciência da necessidade de clamar constantemente pela vinda do Reino. Trata-se de uma das súplicas da oração do Pai-nosso: Venha o teu Reino. “O Reino de Deus já começou e chegará à sua plenitude numa vida nova no fim deste mundo.”⁸⁸ O Reino é dom futuro, mas igualmente realidade atual. Ele é “o resumo de toda a esperança”.⁸⁹

A esperança, na perspectiva paulina, possui um eixo temporal complementado por um eixo relacional. A esperança é um *espero que*, isto é, suportar, preservar, viver a constância, efetivar projetos, um desejo. Refere-se ao presente em marcha, em curso, em processo. Mas, igualmente, é um *espero em*, é diálogo,

⁸⁵ MANICARDI, Luciano. *Viver uma fé adulta: itinerário para um cristianismo creível*, p. 26.

⁸⁶ MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p. 35.

⁸⁷ MOLTSMANN, Jürgen. *Quem é Jesus Cristo para nós, hoje?*, p. 144.

⁸⁸ COMBLIN, José. *Viver na esperança*, p. 18.

⁸⁹ MENDONÇA, José Tolentino. *Pai Nosso que estais na terra: o Pai-Nosso aberto a crentes e não crentes*, p. 75.

confiança em Deus; expectativa que finaliza a vida, que oferece um sentido meta-histórico à existência; é referência ao futuro de Deus, à escatologia da história.⁹⁰

A Liturgia é lugar e tempo privilegiado de atualização da promessa e antecipação alegre da glória futura. “Na liturgia da terra nós participamos, saboreando-a já, da liturgia celeste, que se celebra na cidade santa de Jerusalém, para a qual nos encaminhamos como peregrinos” (SC 8). Toda Liturgia tem sabor de eternidade e convida o fiel a lançar-se para o futuro e a reavivar suas esperanças.

A esperança é um modo de ser e de agir no mundo. “Não é um sentimento, mas uma qualidade da ação.”⁹¹ A esperança é a “âncora da alma, segura e firme” (Hb 6,19)⁹². A vida é exigente e suplica por esperança. Para não ser levado pelos ventos contrários, pelo desânimo e pelo tédio, o barco da existência humana precisa ser ancorado com firmeza e segurança. A fé sempre clamará por esperança.

2.2 A ALEGRE EXPECTATIVA MESSIÂNICA DA FILHA DE SIÃO

Maria faz parte de um povo, o povo de Israel; povo este que construiu sua história confiando no Deus das promessas. Israel professa sua fé no *Deus dos pais*, o Deus de Abraão, de Isaac, de Jacó. Israel é o povo que conserva a memória dos feitos passados e mantém viva a promessa divina feita aos antepassados, aos patriarcas e profetas. “Quando Israel se recorda dos grandes feitos de Iahweh, não o faz para tentar uma volta ao passado, mas para recuperar o ímpeto de uma esperança enfraquecida.”⁹³

O povo de Maria é o povo da esperança. Para Israel, esperar é crer nas promessas do Senhor; é ter a certeza de que não se caminha sozinho na história, pois o Deus do êxodo e da Aliança sempre marcha à frente de seu povo e abre novos caminhos, que apontam para um futuro cada vez mais dinâmico e inédito. Ao Deus que promete, o ser humano responde com fidelidade e obediência da fé. Na pedagogia da promessa, a esperança conduz o povo e transforma a história, pois é ela que faz as pessoas caminharem.

⁹⁰ Cf. MENDONÇA, José Tolentino. *Esperar contra toda a esperança*, p. 14-15.

⁹¹ COMBLIN, José. *Viver na esperança*, p. 79.

⁹² A âncora, símbolo da estabilidade, tornou-se, na iconografia cristã, imagem da esperança.

⁹³ BALTHASAR, Hans Urs von. *A Verdade é Sinfônica: aspectos do pluralismo cristão*, p. 152.

A literatura profética traz consigo a vibrante expectativa pela vinda do dia do Senhor, dia de libertação e de alegre esperança. Os profetas anunciam, em tempos sombrios, um mundo novo, a passagem do rigoroso inverno para a florida primavera, uma nova brotação. Eles despertam o povo para a chegada dos chamados tempos messiânicos.

Maria carrega consigo a promessa e as expectativas de Israel. Ela é apresentada nas páginas dos evangelhos como a representante da *Filha de Sião*, dos pobres de Israel, os *anawim*, o pequeno resto que, na fidelidade, espera a vinda de seu Senhor, a chegada dos tempos salvíficos.

O anjo Gabriel, no relato da anunciação, dirige-se a Maria com uma saudação de júbilo: “Alegra-te, cheia de graça! O Senhor está contigo” (Lc 1,28). Esse mesmo convite está presente “nos oráculos messiânicos dos profetas *pós-exílicos*: Sofonias (3,14-17), Zacarias (2,14-17; 9,9-10) e Joel (2,21.27)”.⁹⁴ Os profetas convidam o povo à alegria escatológica coletiva, à superação do medo, pois Deus vem para libertar e habitar em seu meio. A alegria messiânica é motivada pela vinda do Senhor. Lucas vê em Maria a jovem pobre para a qual, nos escritos proféticos, é dirigida uma mensagem de júbilo e esperança salvífica. Maria é a personificação da Filha de Sião, que agora vive este momento decisivo anunciado pelos profetas. Ela “representa, pois, o Povo da Aliança e, através dele, toda a humanidade e, diria mesmo, toda a Criação, que espera e responde em Maria”.⁹⁵ A Virgem é aquela que acolhe a promessa messiânica em nome do humilde resto de Israel.

Deus prometera à Filha de Sião que viria habitar em seu meio: “Exulta e alegra-te, filha de Sião, porque eis que venho e habitarei em teu meio – oráculo do Senhor” (Zc 2,14). Para Lucas, “Maria é a filha de Sião de modo particular, já que ela, segundo Sofonias, é o ‘lugar’ da residência divina”.⁹⁶ Em Maria, Deus vem habitar neste mundo. Ao subir as montanhas da Judéia para visitar Isabel, confiando no Deus do impossível (Lc 1,37), Maria, trazendo em seu ventre o Filho de Deus, reflete “a imagem da futura Igreja, que em seu seio leva a esperança do mundo pelos montes

⁹⁴ BOFF, Clodovis. *Introdução à Mariologia*, p. 48. É importante perceber as proximidades das palavras dirigidas à Filha de Sião e a Maria. Partindo da profecia de Sofonias, notam-se algumas semelhanças: À Filha de Sião é dito: “Exulta, filha de Sião, [...] alegra-te e jubila de coração, filha de Jerusalém” (Sf 3,14); “O Senhor está em teu meio” (Sf 3,15); “Não temas, Sião!” (Sf 3,16); “O Senhor teu Deus está no teu meio” (Sf 3,17). A Maria é dito: “Alegra-te, cheia de graça! O Senhor está contigo” (Lc 1,28); “Não temas, Maria” (Lc 1,30).

⁹⁵ BOFF, Clodovis. *Introdução à Mariologia*, p. 49.

⁹⁶ MORI, Elios Giuseppe. *Filha de Sião*, p. 544.

da história” (SS 50). A visita de Maria marca a chegada do Senhor. O menino que ela traz em seu ventre é o Emanuel, o Deus conosco (Mt 1,23).

Maria compartilha com Isabel da esperança recebida. Isabel, realmente, necessitava ser animada pelo Espírito da esperança. Após receber a graça de conceber em sua velhice, ela permaneceu em sua casa, trancada em seu esconderijo interior. Manteve-se oculta por cinco meses (Lc 1,24). É exatamente no sexto mês de sua gravidez que Isabel receberá a visita de Maria. A visita de Maria, impulsionada pelo Espírito, libertará Isabel de sua condição humilhante. A presença de Jesus no seio de Maria é motivo de exultação de alegria (Lc 1,41). Maria comunica à Isabel a alegria e a esperança provenientes do Espírito de Deus. E Isabel solta sua língua em inspirado louvor e liberta-se das amarras que a prendiam, da vergonha, do medo, do desânimo, da humilhação.

Maria e Isabel, a jovem e a idosa, compartilham suas alegrias e suas angústias. Elas unem suas forças e transformam suas incertezas e medos em autoconfiança e coragem.

Ambas as mulheres vivem a gravidez fora das condutas sociais: Isabel é velha demais para ter filhos e Maria está grávida, mas não é casada. Ambas devem ter sentido não somente alegria, mas também tiveram dúvidas e se abalaram: ‘Como será esse período? Como nós conseguiremos?’ e isso as uniu uma à outra.⁹⁷

Após esse encontro hierofânico entre mulheres, “Maria pronuncia as palavras do Magnificat, grávidas de esperança para ela e o sofrido povo de Deus”.⁹⁸

A expressão *Filha de Sião*, principalmente a partir do profeta Miquéias, remete a “um resto que foi provado, mas que ainda é portador de uma esperança nova”.⁹⁹ Em seu *Magnificat*, Maria, unida aos humilhados, vive a expectativa da chegada dos tempos messiânicos. Porta-voz do pequeno resto de Israel, louva o Deus das promessas: O Senhor “amparou Israel, seu servo, lembrando-se da misericórdia, como prometera a nossos pais, a Abraão e à sua descendência, para sempre” (Lc 1,54-55).

⁹⁷ GRÜN, Anselm; JAROSCH, Linda. *Mulheres da Bíblia: força e ousadia para viver o que você é*, p. 131.

⁹⁸ REIMER, Ivoni Richter. *Maria, Jesus e Paulo com as mulheres: textos, interpretações e história*, p. 19.

⁹⁹ MORI, Elios Giuseppe. *Filha de Sião*, p. 543.

O *Magnificat* sintetiza as motivações pessoais de Maria e as motivações de todo povo oprimido. Esse hino é uma oração que nasce do coração de uma mulher pobre e humilde, cheia de fé no Deus das promessas. O Cântico de Maria revela a face profética da Virgem de Nazaré. Maria concentra em si a memória das profetisas que marcaram a história do seu povo. Recorda a imagem de mulheres valentes, corajosas, como Débora, Jael, Ester e Judite. A jovem camponesa não hesita em proclamar o Reino de justiça prometido pelo Deus salvador.

As palavras que o anjo usa em Lucas para dirigir-se à virgem são muito semelhantes às da saudação usada pelo profeta Sofonias quando se dirige à Jerusalém salva no fim dos tempos (Sf 3,14ss) e, ao mesmo tempo, retomam as saudações proferidas em louvor das grandes mulheres de Israel (Jz 5,24; Jt 13,18s). Maria é caracterizada, portanto, como o santo resto de Israel e verdadeira Sião, para o qual se dirigem as esperanças nos momentos mais difíceis da história.¹⁰⁰

O Cântico de Maria inspira-se em muitos salmos e cânticos de Israel. Ao mesmo tempo que anuncia a chegada do tempo tão esperado, aponta, igualmente, para o futuro, para a escatologia. A salvação entra na história com a encarnação do Filho de Deus. “As promessas feitas aos Pais se concentram no dom do *Messias*.”¹⁰¹ Paulo vê o cumprimento das promessas no ato da ressurreição. “A promessa que Deus fez aos nossos pais, ele a cumpriu para nós, os filhos, ao ressuscitar Jesus” (At 13,32). A ressurreição de Cristo é o evento fundante da esperança cristã.

O socorro e a promessa do Senhor não têm fim. É isto que é vivido por detrás de expressões religiosas como o *Magnificat*. Experimenta-se, no mais profundo do ser, a possibilidade sempre renovada da esperança, o desejo nunca acabado de justiça, o suspiro sempre renovado por um amor capaz de saciar o eterno desejo de amar.¹⁰²

Maria pertence aos pobres e humildes que, como Simeão, esperavam “a consolação de Israel” (Lc 2,25) e como a profetisa Ana, esperavam “a libertação de Jerusalém” (Lc 2,38). Ela vive o tempo do cumprimento da promessa e vê sua esperança lançar-se para promessas ainda maiores.

¹⁰⁰ RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*, p. 201-202.

¹⁰¹ BOFF, Clodovis. *Introdução à Mariologia*, p. 68.

¹⁰² GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara L. *Maria, Mãe de Deus e Mãe dos pobres: um ensaio a partir da mulher e da América Latina*, p. 87.

2.3 MÃE DA ESPERANÇA

Abraão é o ícone da esperança de Israel. A esperança testemunhada por Abraão não foi uma esperança fácil. Sua esperança foi provada pela desesperança, pela desolação, pela frustração. “A esperança de Abraão não é um território de conforto, mas é uma instigante experiência que transforma tudo: ela torna-se decisiva quando toda a esperança humana se esvai.”¹⁰³

O Senhor prometera a Abraão que o tornaria um grande povo (Gn 12,1-2). Todavia, sem herdeiros, em sua velhice, Abraão não tinha mais perspectiva futura e acaba caindo no desânimo. Deus, então, chama Abraão para fora de sua tenda. Convida o patriarca a erguer os olhos para o céu e a contar as estrelas. Abraão segue os conselhos do Senhor. É convidado novamente a abrir-se ao futuro. Sua esperança é submetida à prova. Confiando em Deus, torna-se o pai da esperança (Gn 15,2-6). Este é o movimento da esperança: crer no Deus das promessas; sair da própria tenda, dos círculos fechados; superar os lamentos; nas noites escuras do deserto, olhar para o alto; deixar de fixar o olhar para baixo; e contemplar uma infinidade de possibilidades que o céu proporciona.

O ser humano de hoje é, por vezes, surpreendido pelos mesmos sentimentos do pai na fé. Fica “sentado e desconsolado dentro de sua tenda pensando num passado rico de esperança, que não parece confirmado pelo presente e que torna incerto o futuro”.¹⁰⁴ As pessoas têm dificuldades de converter o olhar, de contemplar as estrelas. Como afirma Oséias, são chamadas a olhar para o alto, mas não se dispõem a levantar os olhos (Os 11,7).

Também hoje, não é impossível elevar o olhar e contar as estrelas no céu. É indispensável, porém, fazê-lo para não nos fecharmos dentro de nossas tendas e imaginar coisas que não dão resultado e que somente alimentam a patologia do cansaço e da resignação, ou, ainda, o desespero e a inanição.¹⁰⁵

Em Abraão, a grande barreira a ser superada era o assombro da esterilidade. Na fé, sua mulher Sara pode conceber na velhice e ser curada de sua infertilidade. A

¹⁰³ MENDONÇA, José Tolentino. *Esperar contra toda a esperança*, p. 31.

¹⁰⁴ CENCINI, Amadeo. *Olha para o céu e conta as estrelas: o sonho da animação vocacional*, p. 7.

¹⁰⁵ CENCINI, Amadeo. *Olha para o céu e conta as estrelas: o sonho da animação vocacional*, p. 16.

esperança de Abraão tornou possível o seu sonho de paternidade. Destarte, “levantar os olhos é a decisão de quem aceita a esperança”.¹⁰⁶

Na plenitude dos tempos (Gl 4,4), Deus enviou a este mundo a Esperança. Ela foi habitar em Nazaré, no seio de Maria. A Virgem deu “à luz àquele que era a esperança de Israel e o esperado do mundo” (SS 50). Por meio de Maria, a esperança dos milênios havia se tornado realidade (SS 50). Em Maria cumpre-se a antiga promessa: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a descendência dela” (Gn 3,15). O protoevangelho anuncia o surgimento de uma nova mulher. Esta renovará as esperanças, trazendo um descendente capaz de vencer as forças do mal.

Eleita por Deus para ser mãe do Messias esperado, Maria de Nazaré teve que dar provas de sua fé e de sua esperança. Em Maria, não há o assombro da esterilidade, mas o desafio de conceber virginalmente: “Como acontecerá isso, se não conheço homem algum?” (Lc 1,34).

Maria alimentou sua vida interior. “Ela estava em sintonia com seu interior para ser capaz de permitir engravidar ainda virgem, contra todas as normas daquele tempo.”¹⁰⁷ Referindo-se aos estudos de Esther Harding acerca do sentido da palavra *virgem*, Linda Jarosch, utilizando-se das palavras da pesquisadora, conclui que a *virgem é alguém consigo mesmo*.¹⁰⁸ “Aqui a virgem é entendida como identidade feminina, que está enraizada na sua sabedoria. É sinal de sua liberdade interior, que não se orienta pelas normas, mas pelo seu próprio sentido.”¹⁰⁹

A virgindade de Maria será fecunda graças à ação do Espírito Santo. Nela, Deus realiza uma nova criação. Maria acreditou (Lc 1,45) e tornou-se portadora e mãe da Esperança. Ela acolheu a promessa trazida pelo Anjo Gabriel: “Conceberás e darás à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus” (Lc 1,31). Sua experiência de maternidade é repleta de alegre expectativa. Ninguém mais esperançosa do que a mulher grávida que espera dar à luz. Em Maria a promessa cumpre-se e fecunda novos horizontes.

Como Abraão, que “esperando contra toda a esperança, acreditou e, assim, tornou-se pai de muitos povos” (Rm 4,18), a Virgem Maria, ao conceber o Filho de

¹⁰⁶ MENDONÇA, José Tolentino. *Esperar contra toda a esperança*, p. 34.

¹⁰⁷ GRÜN, Anselm; JAROSCH, Linda. *Mulheres da Bíblia: força e ousadia para viver o que você é*, p. 129.

¹⁰⁸ Cf. GRÜN, Anselm; JAROSCH, Linda. *Mulheres da Bíblia: força e ousadia para viver o que você é*, p. 129.

¹⁰⁹ GRÜN, Anselm; JAROSCH, Linda. *Mulheres da Bíblia: força e ousadia para viver o que você é*, p. 130.

Deus, por obra do Espírito e em razão de sua fé, tornou-se não somente a Mãe do Cristo, mas igualmente a mãe dos discípulos do Senhor (Jo 19,26-27), renascidos da água e do Espírito, e “mãe de todos os viventes” (Gn 3,20). Sua maternidade, na cruz, adquire uma dimensão eclesial e universal. O Crucificado, no momento de sua paixão, expressa publicamente a maternidade eclesial de sua mãe.

A Mãe, que estava junto à cruz (cf. Jo 19,25), aceitou o testamento do amor do seu Filho e acolheu todos os homens, personificado no discípulo amado, como filhos a regenerar à vida divina, tornando-se a amorosa Mãe da Igreja, que Cristo gerou na cruz, dando o Espírito. Por sua vez, no discípulo amado, Cristo elegeu todos os discípulos como herdeiros do seu amor para com a Mãe, confiando-a a eles para que estes a acolhessem com amor filial.¹¹⁰

Como guia e membro da Igreja nascente, Maria iniciou sua missão materna já no cenáculo, na oração em comum com os Apóstolos e as mulheres (At 1,14), na espera do Espírito. Ela participou efetivamente do nascimento da Igreja. Maria é mãe dos membros de Cristo “porque cooperou com o seu amor para que na Igreja nascessem os fiéis, membros daquela cabeça [...] A Igreja Católica, ensinada pelo Espírito Santo, consagra-lhe, como a mãe amantíssima, filial afeto de piedade” (LG 53).

Verdadeira Filha de Sião, Maria assume em sua vida a esperança abraçada por seu pai Abraão. Sem poder firmar-se em provisórias expectativas humanas, confiou na esperança que não decepciona (Rm 5,5).

2.4 ESPOSA DE UM SONHADOR

O drama da gravidez de Maria abre as páginas do Evangelho de Mateus (Mt 1,18-25). Encontrada grávida, estando ainda prometida em casamento a José, Maria sofre com as ameaças das pesadas penas legais de seu tempo. Conforme a prescrição da lei, ela deveria ser apedrejada em público (Dt 22,20-21). Todavia, Maria é inocente. Ela traz consigo um grande mistério. A criança que concebeu em seu ventre é obra do Espírito Santo. Não há participação do homem na concepção da criança.

¹¹⁰ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Decreto sobre a celebração da bem-aventurada Virgem Maria, Mãe da Igreja no Calendário Romano Geral.*

O mistério que sonda a concepção de Maria é ainda desconhecido a José. Ele, por sua vez, não deseja denunciá-la às autoridades religiosas, mas decide abandoná-la em segredo. No fundo, José como que assume para si uma culpa que não é sua e nem de Maria. Homem justo, é movido por misericórdia e compaixão.

Envolvido pela angústia, José dorme e sonha. Ensina que, em noites escuras, é preciso sonhar. “Sonho é o outro nome da esperança.”¹¹¹ Sonhar é próprio de quem não deixa apagar em si a chama da esperança. O esposo de Maria é um sonhador. Em seus sonhos, tudo fica mais claro, pois Deus fala aos sonhadores.¹¹² Revela seus desígnios durante o sono.¹¹³

A história de José, o carpinteiro, recorda a trajetória do patriarca José, sonhador e intérprete dos sonhos. Vendido e rejeitado pelos irmãos, José sofreu por causa de seus sonhos. Eles incomodavam seus irmãos: “Eis o senhor dos sonhos! Agora vamos matá-lo e lançá-lo numa das cisternas. Depois diremos que um animal feroz o devorou. Assim veremos como ficarão os sonhos dele” (Gn 37,19-20). Os sonhos, no entanto, conservarão a vida de José. Sobreviverá ao Egito porque não deixou de sonhar e interpretar os sonhos com os olhos de Deus.

O esposo de Maria também conservou a sua vida e de sua família porque Deus manifestou-se a ele em sonho. A fuga para o Egito e a volta para Nazaré (Mt 2,13-23) são jornadas guiadas pelos sonhos de José. De fato, a pessoa importante daquelas noites não era Herodes, o Grande, mas um homem silencioso, valente, desarmado e sonhador: José.¹¹⁴ Os tiranos não vencem os sonhadores e não podem impedir os justos de sonhar.

O livro do Gênesis, ao relatar a criação da mulher, fala do sonho de Adão. Deus fez cair o sono sobre Adão (Gn 2,21). Dos seus sonhos, surge a mulher. A mulher é criada para trazer à criação harmonia e completude ao homem. Ela vem para tirar o homem de sua solidão existencial (Gn 2,18.20). Eva é a auxiliar que

¹¹¹ RONCHI, Ermes. *El desafío de creer hoy: la belleza de la fe y la esperanza*, p. 16.

¹¹² A imagem do anjo que fala em sonho a José remete a uma teofania, uma manifestação divina. Deus fala “ao ser humano quando esse precisa fazer um discernimento sobre um fato histórico ou não” (BOFF, Lina. *Como tudo começou com Maria de Nazaré*, p. 47).

¹¹³ A vida também é marcada por sonhos desfeitos, fracassados, roubados. Essa dura realidade exige uma esperança capaz de fortalecer o ser humano diante das tribulações. São Paulo buscou encorajar-se mesmo em meio aos desafios e perseguições: “Em tudo somos atribulados, mas não abatidos; postos em apuros, mas não desesperançados; perseguidos, mas não desamparados; derrubados, mas não aniquilados” (2Cor 4,8-9).

¹¹⁴ Cf. RONCHI, Ermes. *El desafío de creer hoy: la belleza de la fe y la esperanza*, p. 14.

corresponde aos sonhos de Adão (Gn 2,23). Maria igualmente é a companheira que corresponde aos sonhos de José, o artesão de Nazaré.

Mateus começa seu evangelho com os sonhos de José e termina com um sonho não ouvido, o sonho de Cláudia, a mulher de Pilatos: “Enquanto estava sentado no tribunal, sua mulher mandou dizer-lhe: ‘Não te envolvas com esse justo, pois esta noite, em sonho, sofri muito por causa dele’” (Mt 27,19). O sonho da mulher de Pilatos não é levado a sério. O justo Jesus assumirá uma culpa que não é sua. A humanidade até hoje padece por não dar a devida importância aos sonhos das mulheres.

O sonho de Cláudia quase passa despercebido na narrativa da paixão. Contudo, ele não está posto aí por acaso. Tem uma estreita relação com os sonhos de José. Aparece, inclusive, o adjetivo *justo* referido a Jesus, mesmo atributo dado a José. Os sonhos são momentos oportunos para ouvir a Deus. Descartar os sonhos ou não saber interpretá-los pode acarretar graves consequências. Eles podem transformar-se em pesadelos. Muitos santos tiveram experiências místicas através dos sonhos. As pessoas mais simples sabem reconhecer o valor dos sonhos. Identificam neles a voz de Deus. A esperança também traduz-se em sonhos. E esta imagem de José dormindo, sonhando, revela que, em tempos difíceis, é preciso sonhar e perceber que Deus fala, no sono, ao coração do justo.

“Os sonhos são o modo de existir do futuro.”¹¹⁵ Eles dão estímulos às pessoas, são motores de esperança que conduzem ao advento da realidade. “Todas as realidades humanas foram vividas durante séculos em forma de sonhos antes de poderem entrar na realidade.”¹¹⁶

O Papa Francisco, na Exortação Apostólica Pós-sinodal *Querida Amazônia*, apresentou quatro grandes sonhos que a Amazônia inspira-lhe: o sonho social, o sonho cultural, o sonho ecológico e o sonho eclesial:

Sonho com uma Amazônia que lute pelos direitos dos mais pobres, dos povos nativos, dos últimos, de modo que a sua voz seja escutada e sua dignidade promovida. Sonho com uma Amazônia que preserve a riqueza cultural que a caracteriza e na qual brilha de maneira tão variada a beleza humana. Sonho com uma Amazônia que guarde zelosamente a sedutora beleza natural que a adorna, a vida transbordante que enche os seus rios e as suas florestas. Sonho com comunidades cristãs capazes de se dedicar e de se encarnar na Amazônia, a tal ponto que deem à Igreja rostos novos com traços amazônicos (QA 7).

¹¹⁵ COMBLIN, José. *Viver na esperança*, p. 96.

¹¹⁶ COMBLIN, José. *Viver na esperança*, p. 97.

Os sonhos do Papa Francisco unem-se aos sonhos de tantas Marias e Josés que, diante das adversidades da história, não deixam de olhar para o futuro com grande esperança e imaginar um mundo melhor. São pessoas capazes de ver continuamente uma luz no fim do túnel.

2.5 PEREGRINA NA FÉ E NA ESPERANÇA

O Concílio Vaticano II afirmou que Maria avançou no caminho da fé (LG 58). Maria não recebeu tudo pronto de Deus. Ela teve que fazer o seu caminho; teve que dar passos, progredir na fé. A Virgem não apenas peregrinou na fé, mas também na esperança. Mesmo após receber a mensagem do anjo Gabriel, precisou nutrir e alimentar a esperança em seu coração. Passou por noites escuras, pela dúvida, pelo sofrimento, pela incompreensão. A sua esperança foi provada nos momentos em que tudo parecia perdido ou sem saída.

Em Belém, Maria e José encontraram portas fechadas. “Não havia lugar para eles na hospedaria” (Lc 2,7). A pobre camponesa de Nazaré deu à luz em uma manjedoura. A angústia de ter que encontrar um lugar para o parto foi transformando-se em uma noite de beleza incomparável. A esperança transforma os olhares e os corações. Aquele abrigo de animais foi tornando-se um lugar de luz, de presença divina. As palavras dos pastores, primeiros visitantes, despertaram em Maria e em José a alegria da admiração. E Maria foi além da admiração: “guardava todos esses acontecimentos, meditando-os em seu coração” (Lc 2,19).

Maria, por um lado, via nesses acontecimentos a realização das promessas do passado e, por outro lado, lhes perscrutava o sentido profético. Ela devia saber que, segundo o modo de proceder de Deus, os primeiros acontecimentos da vida de Jesus continham promessas para o futuro. Ali ela podia ver o anúncio da manifestação futura de seu Filho. Baseando-se nessas novas promessas, ela vivia uma esperança renovada e sempre viva.¹¹⁷

Os sábios também buscam a esperança. Os magos do Oriente representam todos os povos que, em suas diferentes culturas e tradições, mantêm viva a esperança e procuram razões para alimentá-la. Eles são guiados pela estrela (Mt 2,2.9-10), por uma misteriosa presença divina. Nas noites obscuras, olham para o céu e enchem-se

¹¹⁷ COMBLIN, José. *Viver na esperança*, p. 31.

de alegre esperança. A esperança dos magos não se deixa enganar pelas palavras sedutoras do tirano Herodes, o assassino de sonhos. O rei dos judeus não está no palácio de Herodes, mas está em Belém, com sua mãe, a *Gebirah*. Ele é a esperança de todas as gentes. Abastecidos de rica esperança, os magos, após o encontro com o menino Jesus, voltam a sonhar e mudam a rota da própria vida (Mt 2,12).

Ao receber as palavras proféticas de Simeão no Templo, a mãe de Jesus novamente renova a esperança. Aquela criança será um sinal de contradição. Maria terá que suportar a espada. As intenções dos corações serão reveladas diante de seu Filho. Alguns irão cair, outros serão levantados (Lc 2,34-35). Os humildes terão suas esperanças resgatadas.

A Virgem passou pela experiência do desterro e do exílio para o Egito (Mt 2,13-23). A dura realidade de ter que deixar o conforto do lar, da família, da terra para buscar refúgio em terras desconhecidas foi provando sua esperança. Maria e José deixam tudo para salvar Jesus do tirano Herodes. Hoje a mesma realidade é vivida por inúmeras famílias que fogem da guerra, da fome e buscam melhores condições de vida, um futuro possível. Cresce o número de refugiados, desterrados, migrantes, de vítimas do tráfico humano. E cresce, igualmente, o número de portas e fronteiras fechadas. Muitos muros são construídos, muros da indiferença e da inimizade. Poucas pontes são erguidas. Muitas são as vidas ceifadas na difícil travessia. Mesmo assim, em meio ao medo e ao desespero, encontram-se os persistentes, os que jamais se deixam vencer pelo cansaço.

A perda de Jesus aos doze anos não poupou sua mãe da aflição e da incompreensão: “Filho, por que agiste assim conosco? Olha, teu pai e eu andávamos, angustiados, à tua procura!” (Lc 2,48). Maria é convidada novamente a avançar no caminho da esperança: “Por que me procuráveis? Não sabíeis que eu devo estar naquilo que é de meu Pai?” (Lc 2,49). Ela foi compreendendo, processualmente, a missão de seu filho e a sua missão.

A própria fé de Maria é uma fé ‘a caminho’, uma fé que repetidas vezes se encontra na escuridão e, atravessando a escuridão, deve amadurecer. Maria não compreende as palavras de Jesus, mas guarda-as no seu coração e aqui lentamente faz com que cheguem à maturação.¹¹⁸

¹¹⁸ RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré: a infância de Jesus*, p. 104.

No aparente fracasso da festa de casamento em Caná, é ela que olha com esperança e sabe onde pedir auxílio. Não se deixa dominar pela angústia da falta do vinho, mas consegue prever, na fé, um vinho novo e melhor (Jo 2,1-12). Durante o ministério de Jesus, compreende, passo a passo, que a nova família proposta por seu filho vai além dos laços de sangue. A família na ótica do Reino é composta por aqueles que entram na casa para ouvir e estar com Jesus (Mc 3,31-35; Lc 8,19-21). Ela também fará parte dessa família escatológica, pois acolheu com serenidade a Palavra do Senhor e praticou-a na fé.

Caminho duro e difícil foi o da cruz. Maria depara-se com a impotência humana diante do sofrimento. De pé, com as outras mulheres companheiras, não abandona a sua esperança nem sua fé, mas recebe o dom da maternidade universal: “Mulher, eis o teu filho” (Jo 19,26). Sua esperança firmar-se-á com a experiência que fará com o Ressuscitado. No cenáculo de Jerusalém, fará parte da comunidade cristã. Lá dará testemunho de sua esperança.

2.6 O SINAL DA PARTURIENTE: ENTRE A CRUZ E A RESSURREIÇÃO

A mulher grávida é um dos grandes ícones bíblicos da esperança.¹¹⁹ Ela carrega dentro de si a novidade, que está sendo gestada, pouco a pouco. Ela espera

¹¹⁹ A interpretação bíblica da gravidez e do parto – enquanto símbolos de esperança –, aqui desenvolvida, não se aprofunda em questões emergentes de mulheres grávidas em situações de vulnerabilidade. Sabe-se que a gravidez também representa risco e desespero para muitas mulheres. Não se pode esquecer da dura vida daquelas mulheres que são vítimas da violência, da exploração, do abandono, da fome e da miséria. A Bíblia também relata o drama de mulheres que foram violentadas sexualmente e assediadas, como Dina, a filha de Jacó, que fora estuprada por Siquém, filho de Hemor (Gn 34); e Susana, a inocente caluniada e condenada à morte por negar-se a deitar com dois anciãos, mas que é salva graças à intervenção do profeta Daniel (Dn 13). Não faltam, igualmente, testemunhos bíblicos de mulheres que, com ousadia e coragem, romperam barreiras e adquiriram forças próprias para enfrentarem situações-limite. Na genealogia de Jesus apresentada por Mateus (Mt 1,1-17), são citados os nomes de cinco valentes mulheres: Tamar, Raab, Rute, a mulher de Urias (Betsabeia) e Maria, mãe de Jesus. Não era costume no judaísmo incluir nomes de mulheres em genealogias. Para a mentalidade bíblico-semítica, quem gera é o homem. O que leva Mateus a incluí-las na genealogia de Jesus? O que elas têm em comum? Segundo Brown, “é a combinação da união escandalosa ou irregular com a intervenção divina por intermédio da mulher que melhor explica a escolha mateana na genealogia” (BROWN, Raymond E. *O nascimento do Messias: comentários das narrativas da infância nos evangelhos de Mateus e Lucas*, p. 88-89). Essas mulheres marginalizadas são marcadas por uniões matrimoniais irregulares ou extraordinárias. Elas foram cooperadoras ativas da história da salvação. Tamar, viúva e sem filhos, de modo astucioso, fez-se passar por prostituta para seduzir Judá, seu sogro, que havia deixado de cumprir a lei do levirato. Foi a atitude de Raab, a prostituta estrangeira, que tornou possível a entrada de Israel na terra prometida. Rute, a estrangeira moabita, viúva e migrante, sem filhos e pobre, casa-se com o rico Booz. Ela “devolve a vida à linhagem de Noomi e traz outra medida de sangue gentio à herança do Messias” (JOHNSON, Elizabeth A. *Nossa Verdadeira Irmã: Teologia de Maria na comunhão dos santos*, p. 277). Betsabeia, a mulher de Urias, carrega a dor da violência e do adultério cometidos por Davi. Maria é a virgem que concebeu por obra do Espírito

o momento de dar à luz. E, no parto, em meio às dores, lança para fora de si alguém frágil, novo, que surge em meio a este mundo envelhecido. Nessa mistura de sentimentos, entre a dor do parto e a alegria do nascimento, a mulher provoca uma transformação no mundo, pois a boa novidade, por menor que seja, gera mudança e traz esperança.

Sócrates, filósofo grego, ao desenvolver o método da maiêutica inspirou-se em sua mãe, uma parteira. Como a parteira que ajuda a parturiente a dar à luz, assim deve ser aquele que busca a sabedoria e a verdade. Ele precisa conceber suas próprias ideias, reconstruir-se, colocar para fora suas novas concepções, uma vez superada a arrogância e a presunção do saber. Em Sócrates, a gravidez significa o processo de conceber, a partir de dentro, novas reflexões e conceitos.

Uma das primeiras promessas bíblicas se dirige a Eva: “darás à luz” (Gn 3,16). Essa promessa divina surge no coração da culpa e diz: vida.¹²⁰ “A metáfora da esperança é o ventre grávido de vida. A mais bela imagem é a de santa Maria em espera do parto, grávida de um outro mundo, cheia de céu.”¹²¹

No Antigo Testamento, o povo de Israel e a cidade de Jerusalém, a Filha de Sião, por vezes, são apresentados como uma mulher grávida que, em dores de parto, vive a expectativa de dar à luz. De fato, é um parto doloroso a história de Israel. O êxodo e o exílio foram experiências amargas. Mas a dor do parto pode ser superada com a alegria do nascimento da criança esperada e desejada. Entre os tormentos e as aflições, brota a esperança de um mundo novo. Ressurge, assim, a alegria do novo nascimento. O povo do êxodo e do exílio é o povo que experimentou igualmente a libertação e a salvação. O profeta Miqueias anuncia, em tempos de exílio, o retorno dos exilados com a imagem da parturiente:

Agora, por que prorrompes em gritos de clamor? Não há rei em ti? Acaso teu conselheiro pereceu, que se apoderou de ti uma dor como de parturiente? Retorce-te, filha de Sião, e entra em trabalho de parto, pois agora sairás da

Santo sem a participação do homem. Grávida antes do casamento, arriscando a própria vida, Maria garante a entrada do Filho de Deus na história humana. É uma mulher, em uma sociedade patriarcal, que assegura a inserção de Jesus na genealogia judaica. “Maria, portanto, traz Jesus que interrompe a descendência dos patriarcas para vir a este mundo através da descendência matriarcal representada por Maria de Nazaré” (BOFF, Lina. *Como tudo começou com Maria de Nazaré*, p. 46). A genealogia de Mateus apresenta “cinco tradições ancestrais de mulheres. História de salvação como processos que passam pela história e pelos corpos dessas mulheres. Fazem parte de suas experiências, denúncias e esperanças” (REIMER, Ivoni Richter. *Maria, Jesus e Paulo com as mulheres: textos, interpretações e história*, p. 33).

¹²⁰ Cf. RONCHI, Ermes. *El desafío de creer hoy: la belleza de la fe y la esperanza*, p. 60-61.

¹²¹ RONCHI, Ermes. *El desafío de creer hoy: la belleza de la fe y la esperanza*, p. 61.

cidade e habitarás no campo. Irás à Babilônia; lá, serás libertada, lá, te resgatará o Senhor das mãos de teus inimigos [...] Ele os entregará até o tempo em que a parturiente der à luz; então o resto de seus irmãos voltará aos filhos de Israel (Mq 4,9-10; 5,2).

O sinal da mulher grávida associado ao retorno dos exilados marca tempos novos para o povo de Deus. A conotação messiânica do relato faz ver também no sinal da parturiente (Mq 5,2) a mãe do futuro Messias.

No Novo Testamento, a parturiente é ícone da paixão, morte e ressurreição de Jesus. O Apocalipse, ao apresentar o sinal da mulher cósmica, vestida do sol, com a lua debaixo dos pés, coroada de estrelas e perseguida pelo dragão, descreve seus gritos em meio as dores do parto (Ap 12,2). Este sofrimento da parturiente e o arrebatamento do seu filho recém-nascido para junto de Deus e de seu trono “não se vinculam ao nascimento de Jesus em Belém, mas sim ao mistério pascal”.¹²² As dores da mulher aludem aos sofrimentos do antigo e do novo Israel no momento em que o Cristo, no mistério da cruz, em meio as dores, é gerado para a glória da ressurreição.¹²³

No Evangelho de João, Jesus fala do sinal da parturiente, da dor e da alegria que a mulher experimenta quando dá à luz um filho. Jesus usa dessa imagem para remeter à aflição dos discípulos diante de sua morte:

A mulher, quando vai dar à luz, fica angustiada, porque chegou a sua hora, mas, depois que a criança nasceu, já não se lembra mais das dores, pela alegria de um ser humano ter vindo ao mundo. Também vós agora sentis tristeza, mas eu vos verei outra vez, e o vosso coração se alegrará e ninguém poderá tirar a vossa alegria (Jo 16,21-22).

Lucas, nos Atos dos Apóstolos, usa da mesma imagem da geração para falar da paixão e ressurreição de Cristo: “Nós vos anunciamos este Evangelho: a promessa que Deus fez aos nossos pais, ele a cumpriu para nós, os filhos, ao ressuscitar Jesus, como está escrito no salmo segundo: ‘Tu és meu filho, eu hoje te gerei’” (At 13,32-33).

As dores do parto, na perspectiva neotestamentária, representam o núcleo fundamental da esperança cristã: a morte e ressurreição de Jesus. Paulo, aos Romanos, usa dessa imagem para descrever a participação da criação no mistério de Cristo:

¹²² SERRA, Aristide. *Bíblia*, p. 249.

¹²³ SERRA, Aristide. *Bíblia*, p. 252.

De fato, toda a criação espera ansiosamente a revelação dos filhos de Deus; pois a criação foi sujeita à vaidade, não por seu querer, mas por dependência daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação seja libertada da escravidão da corrupção, em vista da liberdade da glória dos filhos de Deus. Com efeito, sabemos que toda a criação, até o presente, está gemendo como que em dores de parto (Rm 8,19-22).

Aqui o mistério de Cristo assume uma dimensão cósmica. Toda a criação espera, como parturiente, o dia de sua libertação.

A profecia de Miqueias – a imagem da Filha de Sião que dá à luz na dor um povo libertado, um povo novo (4,9-10; 5,2)¹²⁴ – une-se às expectativas da chegada dos tempos messiânicos. A leitura mariológica da profecia de Miqueias faz ver em Maria a Filha de Sião que, no parto da cruz, em meio às dores, gera espiritualmente filhos para Deus. “Por meio de Maria é que Sião deu à luz um povo novo e tem filhos numerosos que sua mãe amamenta e consola (Is 66,11-13) graças a Deus e ao seu Espírito (Is 61,1).”¹²⁵

No Evangelho de João, em Caná e na cruz, Maria é chamada de “mulher” por Jesus. Tal expressão quer indicar a personificação do novo e antigo Israel, a Filha de Sião, em Maria, mãe de Jesus. “Volta à tona o tema da maternidade da filha de Sião alegre em Belém, dolorosa no Calvário.”¹²⁶ Maria, enquanto a Nova Mulher, representa a humanidade transformada, renovada em Jesus, o Novo Homem. Cabe, à Maria, a missão de refletir a indispensável colaboração feminina na história da salvação, na sociedade e na vida eclesial.

Maria, *mulher nova*, no decorrer dos séculos, desempenhou inegavelmente a função de promoção da mulher na Igreja e na sociedade, na medida, porém, que dela se teve noção bíblicamente fundamentada e teologicamente correta. Do contrário, [...] não faltaram ambiguidades e distorções, que até hoje fazem sentir o seu peso.¹²⁷

Gebara e Bingemer apresentam ainda uma aproximação mariológica do Apocalipse 12 ao relato joanino da presença de Maria junto à cruz (Jo 19,25-27):

O parto doloroso da mulher e o arrebatamento do filho varão ao trono de Deus nos abrem a possibilidade de uma interpretação teológica marial a partir do Mistério Pascal. Entendida pelo quarto Evangelho como o processo do parto, feito de dor e alegria (cf. Jo 16,21-23), a Paixão e Ressurreição de Jesus descrita nos v. 4-5 de Ap 12 pode também ser lida à luz de Jo 19,25-27. O

¹²⁴ Cf. MORI, Elios Giuseppe. *Filha de Sião*, p. 543.

¹²⁵ MORI, Elios Giuseppe. *Filha de Sião*, p. 548.

¹²⁶ MORI, Elios Giuseppe. *Filha de Sião*, p. 546.

¹²⁷ BELLENZIER, Maria Teresa. *Mulher*, p. 939.

que João descreve em estilo histórico-interpretativo, o Apocalipse o faz em termos de uma visão simbólica.¹²⁸

A mulher do Apocalipse 12, em trabalho de parto, representa a angústia do pequeno povo fiel no momento em que Jesus, no seu parto para o Pai, renasce para a glória da ressurreição. Essa mulher, povo de Deus, conflui-se na figura de uma única mulher, a Virgem Maria, mãe do Messias.¹²⁹ “Maria encarna o destino da Comunidade messiânica: destino de parto/dor, mas também destino de vida/vitória.”¹³⁰

A esperança é uma experiência de um doloroso parto. Ela passa pela prova do desespero, da aflição e do sofrimento e é fortalecida na dor. A esperança de Maria também passou pela prova da cruz. A Virgem vigilante é provada em dores de parto. Junto ao Crucificado, ela projeta suas expectativas para um futuro inédito, jamais visto. O que significa, para Maria, esperar para além da morte? É possível ter vida e esperança após a cruz?

Tinha morrido a esperança? O mundo ficou definitivamente sem luz, a vida sem objetivo? Naquela hora, provavelmente, no vosso íntimo tereis ouvido novamente a palavra com que o anjo tinha respondido ao vosso temor no instante da anunciação: ‘Não temas, Maria!’ (SS 50).

Maria soube dar sentido ao sofrimento unindo-se a Cristo na cruz. Ela aprendeu a transformar a dor através da esperança que nasce da fé. Como parturiente que gera na dor, enxuga suas lágrimas com o sorriso que brota ao contemplar a criança que acaba de nascer. A Virgem de Nazaré “como mãe de todos, é sinal de esperança para os povos que sofrem as dores do parto até que germine a justiça [...]. Como uma verdadeira mãe, caminha conosco, luta conosco e nos aproxima incessantemente do amor de Deus.” (EG 286). Para Maria, a cruz não é a última palavra. A vida vencerá a morte. A ressurreição será a resposta de Deus ao sofrimento humano. A criança nascerá.

Segundo Linda Jarosch, a imagem da Virgem dolorosa que segura o filho morto em seus braços representa o sofrimento na vida de cada mulher. Refletindo sobre a superação das perdas e dos sofrimentos, vê em Maria uma força de transformação.

¹²⁸ GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara L. *Maria, Mãe de Deus e Mãe dos pobres: um ensaio a partir da mulher e da América Latina*, p. 101.

¹²⁹ Cf. GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara L. *Maria, Mãe de Deus e Mãe dos pobres: um ensaio a partir da mulher e da América Latina*, p. 101-102.

¹³⁰ BOFF, Clodovis. *Introdução à Mariologia*, p. 91.

Maria aceitou sua dor. Pode até mesmo ser um longo caminho a ser percorrido, mas se estamos prontas, assim como Maria, a aceitar nossa dor e não lutar contra ela, algo se modifica em nós. Quando nos perguntamos ‘O que eu devo aprender agora para suportar esse momento?’, estamos prontas para crescer.¹³¹

Na natureza, percebe-se que a morte leva à renovação. “Na dor, temos que preservar a esperança de que sobreviveremos.”¹³² Algo de positivo pode derivar de situações difíceis. A dor pode auxiliar o amadurecimento humano. De fato, crescer dói. Suportar a dor do parto da cruz é indispensável para experimentar a alegria da vida nova da ressurreição.

2.6.1 O SÁBADO DE MARIA

Para a piedade popular, o sábado é o dia de Maria. Esta memória mariana remonta à época carolíngia (século IX), mas, apesar de muitas explicações, não se conhecem os motivos que levaram à escolha do sábado como dia de Santa Maria (DPPL 188). Hoje, contudo, a memória de Santa Maria no Sábado remete, principalmente, ao sábado santo, dia em que Jesus permaneceu no sepulcro. Neste dia, os fiéis meditam a paixão e morte do Senhor. É um dia de rica esperança. Os crentes esperam, com orações e jejuns, a ressurreição do Senhor. “No sábado em que Jesus esteve no sepulcro, Maria, sozinha no meio de todos, enquanto até os discípulos mais próximos se mostravam duvidosos, conservou sólida e intacta a sua fé.”¹³³ No coração da Virgem repousou a fé e a esperança de toda Igreja. Ela esperou. As palavras do salmista se aplicam perfeitamente à sua experiência naquele sábado: “Eu aguardo o Senhor! Aguardo com toda a minha alma e espero na sua palavra; a minha alma espera pelo Senhor, mais do que os vigias pela aurora” (SI 130,5-6).

Maria “é ícone da Igreja Virgem que vela junto à tumba do seu Esposo, à espera de celebrar a sua Ressurreição” (DPPL 147). Naquele sábado, “o tempo do maior ocultamento de Deus, o dia à sombra da cruz”¹³⁴, tornou-se ela a Virgem da consolação (*con-solatio*), pois soube “estar-com na solidão, que então deixa de ser solidão” (SS 38). Suportou na fé o sacrifício de Jesus, alimentando-se do pão das

¹³¹ GRÜN, Anselm; JAROSCH, Linda. *Mulheres da Bíblia: força e ousadia para viver o que você é*, p. 127.

¹³² GRÜN, Anselm; JAROSCH, Linda. *Mulheres da Bíblia: força e ousadia para viver o que você é*, p. 128.

¹³³ ROSSO, Stefano. *Sábado*, p. 1146.

¹³⁴ HALÍK, Tomáš. *Paciência com Deus: oportunidade para um encontro*, p. 211.

lágrimas (Sl 42,4; 80,6). Diante da morte de seu filho, a viúva Maria foi amparada e consolada pelo amor solidário do Pai. Ele fez ressurgir em sua vida “a estrela da esperança” (SS 39). O sábado é para Maria e para toda Igreja o grande prelúdio e introdução ao domingo, o Dia do Senhor (DDPL 188).

2.6.2 RAINHA DOS CÉUS, ALEGRAI-VOS!

O sepulcro vazio foi a resposta de Deus. A maior de todas as promessas foi cumprida. Os sonhos foram restaurados. O Cristo Ressuscitado não morre mais (Rm 6,9). Um mundo novo é possível, porque Ele está vivo. “A promessa de Cristo não é uma realidade apenas esperada, mas uma verdadeira presença” (SS 8). Na Páscoa de Cristo, a Igreja canta as alegrias de Maria: *Rainha dos céus, alegrai-vos, porque Aquele que merecestes trazer em vosso seio, ressuscitou como disse. Aleluia!* No Cristo Ressuscitado, a Virgem depositou todas as suas expectativas de futuro. “Nesta fé que, inclusive na escuridão do Sábado Santo, era certeza de esperança” (SS 50), ela caminhou em direção à manhã da Páscoa.

Não há nenhum relato bíblico que descreve o encontro do Ressuscitado com sua mãe. Porém, sabe-se da presença da Virgem junto à comunidade dos fiéis após a Páscoa de Jesus. Maria faz parte das testemunhas do Ressuscitado. A Virgem dolorosa, que suportou a cruz, é a Virgem gloriosa, que comunga da fé na ressurreição. Maria, em Jerusalém, dá provas de sua esperança. O Cristo Ressuscitado é a sua esperança, sua certeza de futuro, de plenitude. Ela espera gozar das alegrias da ressurreição em sua existência. Aqui repousa sua futura assunção.

2.6.3 A APÓSTOLA DOS APÓSTOLOS: MADALENA, ÍCONE DA ESPONSALIDADE DA IGREJA

A Virgem Maria é a bendita entre as mulheres (Lc 1,42). Sua condição de mulher (Jo 2,4; 19,26) e imagem da Igreja não exclui nem obscurece a participação de outras mulheres. Na cruz, está a Virgem de pé acompanhada por outras mulheres, Maria Madalena e Maria de Cléofas (Jo 19,25). Na comunidade cristã, Maria compõe o grupo de mulheres discípulas (At 1,14). Embora tenha recebido uma missão singular, a mãe de Jesus é Maria entre outras Marias, é mulher entre outras mulheres.

Nesse sentido, “a Virgem Mãe não é o único ícone possível da Igreja; também o poderia ser a mulher apaixonada que foi Maria Madalena”.¹³⁵ Madalena é uma das mulheres mais próximas de Jesus. Ela acompanhou Jesus durante o seu ministério público e ajudava com seus bens (Lc 8,1-3).¹³⁶ Maria Madalena é a primeira que viu o Ressuscitado.

Depois da mãe de Jesus, Maria Madalena é a mulher mais citada no Novo Testamento. A Virgem Maria e Madalena são as duas mulheres mais importantes para o Cristianismo. Elas testemunharam os dois acontecimentos centrais da fé cristã: a Virgem Maria, a encarnação do Verbo de Deus; e Madalena, a sua ressurreição dentre os mortos.

Madalena, testemunha primeira da ressurreição, confirma, igualmente, a importância do discipulado feminino no seguimento de Jesus. O Filho de Deus “reconheceu, de fato, a igualdade dos sexos, concedendo com naturalidade o discipulado às mulheres, pois Maria Madalena e outras mulheres seguiam e serviam a Jesus com seus próprios bens”.¹³⁷

Certamente, Maria de Magdala é uma das figuras bíblicas mais controvertidas. Ainda persiste no imaginário popular a imagem da pecadora arrependida, da prostituta convertida. Madalena é, realmente, uma santa caluniada, que precisa ser redescoberta e absolvida.

Duas vezes a tradição popular encobriu as características pessoais de Maria Madalena, confundindo-a primeiro com uma prostituta – daqui, todas as representações “carnais” da santa na história da arte – e, em seguida, com a mais pura Maria de Betânia. Enquanto isso, porém, Maria Madalena chegou, de fato, em Jerusalém, na sequela de Jesus, para viver, com ele e os discípulos, suas últimas horas trágicas. Todos os evangelistas, na verdade, concordam em registrar sua presença no momento da crucificação e do sepultamento de Cristo. E é exatamente do lado daquele túmulo, na luz ainda pálida do amanhecer da Páscoa, que o Evangelho de João (20,11-18) ambienta o famoso encontro de Cristo com Maria Madalena.¹³⁸

A Apóstola dos Apóstolos é imagem da Igreja que busca, que procura, movida pelo amor, o seu Amado: “Para onde foi o teu amado, ó mais bela das mulheres?

¹³⁵ HALÍK, Tomáš. *Paciência com Deus: oportunidade para um encontro*, p. 110.

¹³⁶ Dela “havia saído sete demônios” (Lc 8,2). Segundo Ravasi, “demônio’, na linguagem do evangelho, não é somente a raiz de um mal moral, mas também físico, que pode permear uma pessoa. O número de ‘sete’, então, é o número simbólico da plenitude. Não sabemos muito, portanto, sobre o grave mal moral, psíquico ou físico que atingiu Maria e que Jesus eliminara” (RAVASI, Gianfranco. *Diga-nos, Maria Madalena, o que viste no caminho?*, p. 28).

¹³⁷ TOMMASO, Wilma Steagall De. *Maria Madalena: história, tradição e lendas*, p. 53.

¹³⁸ RAVASI, Gianfranco. *Diga-nos, Maria Madalena, o que viste no caminho?*, p. 29.

Onde se escondeu o teu amado, para que o procuremos contigo? Meu amado desceu ao seu jardim, ao canteiro dos aromas, para apascentar nos jardins e colher os lírios” (Ct 6,1-2). Madalena, no jardim da ressurreição, é consolada e fortalecida na esperança pelo Cristo, Jardineiro da nova criação. Como no Éden, o Novo Adão, Cristo Jesus, está diante da Nova Mulher, simbolizada em Madalena. Em sua busca, ela tem dificuldades em reconhecer a voz de seu Amado: “Mulher, por que choras? A quem procuras?” (Jo 20,15). Chamada pelo nome, Madalena não tem dúvidas. O Jardineiro é Jesus, o Mestre (Jo 20,16).

“Eu irei buscá-lo” (Jo 20,15). Com estas palavras e com este desejo apaixonado, Maria de Magdala reflete a imagem do amor sponsal de toda a Igreja, que procura e quer se encontrar com seu esposo. Unida à mãe de Jesus e a tantas outras vidas consagradas ao Senhor, Madalena representa um povo, a Nova Jerusalém, que, vestida de noiva (Is 61,10; Ap 21,2), é impulsionada pelo amor e pela esperança a permanecer sempre unida ao seu Amado Esposo.

Em sua relação com Jesus, Maria Madalena conhece a aceitação amorosa. Jesus não espera nada dela, Ele não exige nenhuma condição, não faz nenhuma reivindicação: Ele a ama como ela é. Ela experimenta o amor e então se torna capaz de amar o que há dentro dela. E por meio disso torna-se livre. Maria Madalena se liberta do medo de não ser amada o suficiente.¹³⁹

Encontrada consigo mesma no seu encontro com o Ressuscitado, Madalena é enviada a anunciar uma boa notícia e torna-se “apóstola de uma esperança nova e maior”.¹⁴⁰ Em Madalena, compreende-se que a fé cristã é muito mais do que uma doutrina ou uma ética. O Cristianismo é um encontro, uma experiência de amor e de comunhão;¹⁴¹ experiência que liberta, restaura e infunde esperança.

2.7 À ESPERA DO ESPÍRITO DA PROMESSA

Após a ascensão de Jesus, lá está Maria reunida com os discípulos e discípulas de Jesus (At 1,12-14). Em perseverante oração, no cenáculo, aguarda o nascimento da Igreja, fecundada pelo mesmo Espírito que lhe deu a graça de

¹³⁹ GRÜN, Anselm; JAROSCH, Linda. *Mulheres da Bíblia: força e ousadia para viver o que você é*, p. 116.

¹⁴⁰ FRANCISCO. *Audiência geral* de 17/05/2017, p. 88.

¹⁴¹ Cf. TOMMASO, Wilma Steagall De. *Maria Madalena: história, tradição e lendas*, p. 20.

conceber em sua virgindade. A oração é um dos grandes fermentos de esperança. Orar é sinal de vigília, de espera ativa e confiante.

A Mãe de Jesus aparece no cenáculo como que presidindo à oração dos Onze, das outras mulheres suas companheiras e, provavelmente, amigas e sua família. A figura simbólica do feminino nesse contexto nos traz a presença atuante e cheia de fé e entusiasmo das nossas evangelizadoras de hoje. Presidir ao serviço da comunidade que se reúne em torno da mesa da Palavra é um espaço conquistado pela mulher que vive e testemunha a harmonia do seu compromisso de fé levado adiante ao lado e junto com o homem.¹⁴²

No dia de Pentecostes (At 2,1), unida à comunidade cristã, Maria esperou a vinda do Espírito Santo. “Esta judia mais velha, marcada pelas lutas de uma vida árdua, faz parte da comunidade reunida em nome de Jesus, recebe um novo derramamento do Espírito de Deus e ergue a voz novamente em inspirado louvor e profecia.”¹⁴³ Cumpre-se, em Jerusalém, a palavra do profeta Joel: “Derramarei meu Espírito sobre toda carne. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão; vossos anciãos terão sonhos, vossos jovens terão visões” (Jl 3,1). Certamente, Maria continuou perseverando com a comunidade cristã no ouvir o “ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações” (At 2,42). Ela permaneceu no meio dos discípulos como Mãe da esperança (SS 50).

Jesus havia prometido a seus discípulos que enviaria o Defensor: “Quando ele vier, o Espírito da Verdade, então ele vos guiará a toda a verdade” (Jo 16,13a). O Espírito, entregue na cruz (Jo 19,30), é o Sopro de Esperança dado aos discípulos pelo Ressuscitado (Jo 20,22). É o Espírito da Promessa (At 2,33; Ef 1,13), que conduziu os passos da Igreja ao longo da história, atualizando a presença de Cristo entre os crentes.

Maria, desde o primeiro instante de sua existência, foi plasmada pelo Espírito Santo. O Todo Santo (*Panaghion*) a fez Toda Santa (*Panaghia*). Aberta à graça de Deus, foi envolvida pela sombra divina e concebeu por obra do Espírito (Lc 1,35; Mt 1,20). Pneumatófora, levou o Espírito em seu coração e comunicou o Espírito recebido à casa de Zacarias (Lc 1,40-41). Entoou a Deus, no Espírito, seu cântico de admirável louvor (Lc 1,46-55). Sua vida pneumática a fez perseverar até a cruz e ressurreição. Na Igreja, formada pelo Espírito, foi enriquecida novamente pelo Dom divino. O fim de

¹⁴² BOFF, Lina. *Como tudo começou com Maria de Nazaré*, p. 99.

¹⁴³ JOHNSON, Elizabeth A. *Nossa Verdadeira Irmã: Teologia de Maria na comunhão dos santos*, p. 357.

sua vida terrena também foi marcado pela ação do Paráclito. Ele a tomou para si e a tornou uma nova criatura.

2.8 A ASSUNÇÃO: MISTÉRIO DE ESPERANÇA

A mais antiga de todas as festas marianas remete ao fim da vida terrena de Maria, à sua assunção.¹⁴⁴ Embora não haja uma referência bíblica direta¹⁴⁵ ao desfecho da vida de Maria, os primeiros cristãos compreenderam que o fim da vida terrena da mãe do Senhor não poderia estar dissociado do início de sua existência e de sua estreita relação com seu filho. Assim como foi preservada do pecado desde o primeiro instante de sua existência, ela também foi preservada da corrupção da carne e da morte. A Pré-redimida é igualmente a Pré-ressuscitada. “Por ser Toda-santa (Panaghia), Maria nada deveu ao pecado e, portanto, também nada à morte, que é o *salário do pecado* (Rm 6,23).”¹⁴⁶

A Virgem elevada aos céus recebe como herança a vida eterna, a vida em sua plenitude. A eternidade, longe de ser “uma sucessão contínua de dias do calendário” (SS 12), remete ao “instante repleto de satisfação, onde a totalidade nos abraça e nós abraçamos a totalidade” (SS 12).

Em Maria, do início ao fim, a graça é antecipada, em vista dos méritos de Cristo. Maria abre a fila dos que participam da ressurreição de Cristo. Sua assunção é a confirmação de que Deus exalta os humilhados (Lc 1,52). A assunção é a consumação e o coroamento da missão de Maria na economia da salvação. Ela foi exaltada “para assim se conformar mais plenamente com seu Filho” (LG 59).

O Concílio Vaticano II interpretou a assunção de Maria à luz da eclesiologia, utilizando-se do método tipológico. A mãe de Cristo é membro perfeito, tipo, figura e

¹⁴⁴ A festa da Assunção está associada à memória dos mártires. Na Igreja dos primeiros séculos, o culto aos santos era dirigido aos mártires e centrava-se na celebração de seu testemunho na morte. Embora a Virgem não tenha sofrido o martírio, a primeira memória mariana propriamente dita conserva a lembrança de sua páscoa.

¹⁴⁵ Algumas passagens bíblicas ajudam a iluminar este mistério. Dentre elas, destacam-se: a) O Apocalipse 12, em íntima conexão com a mulher protológica de Gn 3,15: a mulher perseguida e glorificada, imagem da Igreja que sai vitoriosa no combate contra as forças do mal; b) Algumas figuras do Antigo Testamento usadas pelos Santos Padres: a Arca da Aliança, a Rainha do Salmo 45(44) e a Amada do Cântico dos Cânticos; c) A doutrina veterotestamentária do arrebatamento e os relatos apócrifos da Assunção de Moisés; d) E, sobretudo, a assunção compreendida como participação na ressurreição de Cristo. Além dessas referências bíblicas, importante ressaltar as diversas homilias sobre a assunção dos Santos Padres, os apócrifos do trânsito ou transladação da Virgem e os registros iconográficos e artísticos dos primeiros séculos.

¹⁴⁶ BOFF, Clodovis M. *Dogmas marianos*: síntese catequético-pastoral, p. 52.

modelo eminente da Igreja (LG 63-65). A assunção de Maria “é vista numa perspectiva tipológica, porque ela já é aquilo que toda Igreja será”.¹⁴⁷ Elevada aos céus, em corpo e alma, na plenitude de seu ser, Maria adquire um significado universal na história da salvação. Ela é o tipo da pessoa redimida e glorificada que já tem acesso à vida plena, à realização total.

A *Sacrosanctum Concilium*, ao falar da memória da Virgem Maria na celebração do ciclo anual dos mistérios de Cristo, afirma que

a santa Igreja venera com especial amor, e porque unida indissoluvelmente à obra de salvação do seu Filho, a bem-aventurada virgem Maria, Mãe de Deus, em quem vê e exalta o mais excelso fruto da redenção, e em quem contempla, como em puríssima imagem, tudo o que ela deseja e espera com alegria ser (SC 103).

Inserida no mistério da Igreja, a Virgem é “imagem e início da Igreja que há de consumir-se no século futuro” (LG 68). A *Lumen Gentium* assegura “que, ainda durante a caminhada histórica da Igreja, com Maria, já teve início a futura realidade escatológica da Igreja”.¹⁴⁸ Com Maria, portanto, “a Igreja se inicia e já alcança a sua perfeição”.¹⁴⁹ Os textos do atual Missal Romano, na solenidade da Assunção de Maria, reconhecem, na Virgem, “o início já realizado e a imagem do que, para a Igreja inteira, deve realizar-se ainda” (MC 11). A Igreja, em sua liturgia, “saúda Maria de Nazaré como seu início” (RM 1). Olhando para Maria, a Igreja peregrina vê agora, de maneira antecipada, a sua futura imagem.

Imagem escatológica da Igreja, Maria reflete o cumprimento perfeito e pleno da vocação humana e de toda a Igreja. A ressurreição experimentada previamente por Maria é certeza para toda Igreja. “O dogma da assunção fala nesse sentido de nosso próprio futuro, designa o objeto da esperança que nos habita desde hoje no tempo da história” (GD 265).

O dogma da assunção foi proclamado em um tempo bastante oportuno, no ano de 1950. Após duas grandes guerras mundiais e diante da ameaça de outros tantos conflitos e de regimes totalitários, a humanidade precisava restaurar suas esperanças. Olhando para aquela que está vestida com as vestes da salvação (Is

¹⁴⁷ SARTOR, Danilo. *Assunção*. Celebração litúrgica, p. 189.

¹⁴⁸ MEO, Salvatore. *Assunção*. Dogma: história e teologia, p. 178.

¹⁴⁹ MEO, Salvatore. *Assunção*. Dogma: história e teologia, p. 178.

61,10), o ser humano é capaz de compreender que é preciso resistir ao mal e vencer o mal com a prática do bem (Rm 12,21).

A Assunção de Maria é um ícone da esperança cristã na vitória da paz e da harmonia. É um ícone da importância de cuidar da vida, de toda forma de vida, de defendê-la, protegê-la, salvá-la, e da oposição firme a toda forma de destruição da vida, como a fome, as guerras, a contaminação ambiental. A Assunção nos convida a uma luta sem tréguas em favor da vida.¹⁵⁰

A Páscoa de Maria, isto é, sua passagem deste mundo para Deus, não é de modo algum conformismo diante dos males presentes neste mundo, pelo contrário, é força para os impotentes, coragem para os amedrontados, ânimo para os desanimados, esperança para os desesperados. “A assunção de Maria, portanto, não é realidade alienante para o povo de Deus peregrino, mas estímulo e ponto de referência, que o empenha na realização de seu próprio caminho histórico rumo ao aperfeiçoamento escatológico final.”¹⁵¹

Em sua assunção, a mãe de Jesus contempla a realização de todas as promessas. Glorificada na totalidade de seu ser, brilha como *Sinal de Esperança* segura, *Consolação* e *Conforto* para aqueles que continuam a caminho (LG 68). “A nossa existência, vista à luz de Maria elevada ao Céu, não é um perambular sem sentido, mas uma peregrinação que, apesar de todas as incertezas e sofrimentos, tem uma meta segura: a casa do nosso Pai que nos espera com amor.”¹⁵² O mistério da assunção de Maria é mistério de toda humanidade, pois Deus há de sempre elevar os humildes (Lc 1,52).

2.9 O ESPÍRITO E A ESPOSA DIZEM “VEM”

O Cristo que vem é o esplendor da esperança. Aquele que partiu, que retornou para junto do Pai, prometeu voltar. Foi para o Pai preparar um lugar para os seus, que amou até o fim (Jo 13,1). Retornará para levar consigo aqueles que tanto amou (Jo 14,3). Cristo, em sua ascensão, não quis distanciar-se da humanidade. Ao contrário, ele, por meio de sua encarnação e ressurreição, conduziu a humanidade ao plano da

¹⁵⁰ TEMPORELLI, Clara. *Maria, mulher de Deus e dos pobres: releitura dos dogmas marianos*, p. 226.

¹⁵¹ MEO, Salvatore. *Assunção. Dogma: história e teologia*, p. 178.

¹⁵² FRANCISCO. *Angelus da Assunção*, p. 32.

divinização. Na ascensão, abriu os céus ao ser humano redimido e prometeu permanecer com seus discípulos até o fim dos tempos (Mt 28,20).

A parusia, a segunda vinda de Cristo, foi aguardada pelos primeiros cristãos com alegre expectativa. A parusia era a esperança do encontro: Aquele que se ama está para chegar. Sentimento semelhante a este é manifestado na clássica obra *O Pequeno Príncipe*: “Se tu vens às quatro da tarde, desde às três eu começarei a ser feliz.”¹⁵³ O juízo de Deus era compreendido pelos cristãos como apelo à responsabilidade e à conversão no tempo presente e certeza do triunfo do bem sobre o mal, da vida sobre a morte, da justiça sobre o pecado. “A fé no Juízo final é primariamente e sobretudo esperança” (SS 43).

O tempo litúrgico do Advento recorda a necessária preparação espiritual dos fiéis para a vinda do Senhor. Ele que veio uma primeira vez, em nossa carne, prometeu vir uma segunda vez, em sua glória. O tempo entre a primeira vinda de Cristo e a parusia é marcado pela missão da Igreja, a evangelização, o anúncio do Reino de Deus.

O Advento é um tempo mariano, pois, unida a Maria, a Igreja espera a vinda do seu Senhor. Membro da Igreja, Esposa de Cristo, unida ao Espírito, Maria, no mistério do *Eschaton*, diz com toda a Igreja: “Vem!” (Ap 22,17).

A Igreja caminha continuamente em direção à sua meta, para o encontro com Cristo. Por isso, em sua liturgia repete o apelo: “Vem, Senhor Jesus!” (Ap 22,20). Enquanto espera a vinda gloriosa de seu Senhor, a Igreja beneficia-se do auxílio materno da mãe de Jesus.

Depois de elevada ao céu, não abandonou esta missão salvadora, mas, com a sua multiforme intercessão, continua a alcançar-nos os dons da salvação eterna. Cuida, com amor materno, dos irmãos de seu Filho que, entre perigos e angústias, caminham ainda na terra, até chegarem à pátria bem-aventurada (LG 62).

Maria “é o *éschaton* realizado em uma pessoa eleita antes do fim do mundo”.¹⁵⁴ Ela é, portanto, a pessoa que une as esperanças de Israel às esperanças cristãs no futuro de Cristo. Ela é a mulher escatológica, garantia do futuro de toda humanidade.

¹⁵³ SAINT-EXUPÉRY, Antoine. *O pequeno Príncipe*, p. 67.

¹⁵⁴ GOFFI, Tullo. *Espiritualidade*, p. 479.

3 MARIA, SINAL DE ESPERANÇA E DE CONSOLAÇÃO PARA OS QUE ESTÃO A CAMINHO

O estudo das referências bíblicas mariais a partir do enfoque da esperança concede as bases teológicas para propor-se aqui uma Mariologia da Esperança. Contudo, esse panorama bíblico não se encontra fechado em si mesmo. Está aberto ao diálogo com as distintas concepções de esperança. Revisitar a mitologia grega, bem como correntes filosóficas e movimentos sociais da modernidade, favorecerá uma releitura da esperança em perspectiva marial para os dias atuais.

As críticas modernas à esperança cristã e as inúmeras promessas de futuro por parte do mundo moderno que sucumbiram ao fracasso ou ao não cumprimento exigiram a revisão dos fundamentos da esperança. A ideia de esperança passa, desde então, pelo crivo da desesperança e da frustração. Essa nova configuração da esperança pode ser encontrada em pensadores contemporâneos como José Tolentino Mendonça, Tomáš Halík e, sobretudo, nos escritos e pronunciamentos do Papa Francisco. Por outro lado, são perceptíveis alguns movimentos nostálgicos que tentam enfrentar o futuro no esforço de retorno ao passado. Tal posicionamento traz consigo inúmeros questionamentos e desconfiâncias.

A esperança que sobreviveu ao mundo moderno é aquela esperança que nunca decepciona (Rm 5,5). É a esperança dos humildes, do povo simples e lutador; esperança dos que, com coragem e ousadia, não deixam de acreditar em um amanhã sempre melhor; daqueles que são capazes de enfrentar os desafios de seu tempo sem saudades *das cebolas do Egito* (Nm 11,5). Essa esperança brilhou na vida de Maria, a mãe de Jesus. A Virgem de Nazaré é um pequeno *Sinal de Esperança* para a humanidade da pós-modernidade. Em Maria, muitos encontram forças para continuar acreditando, pois nela está contida uma história de esperança que deu certo, uma história repleta de sentido.

3.1 A CAIXA DE PANDORA E O SUDÁRIO DE PENÉLOPE

O popular mito grego de Pandora e a obscura e secreta “caixa de surpresas” relata a origem mítica da esperança. Os historiadores e os pesquisadores das artes não são unânimes na descrição da narrativa do mito. Os estudos de Erwin Panofsky e Dorothea (Dora), sua esposa, apontam diversas variantes da história do mito de

Pandora ao longo dos séculos, o que vem a provocar distintas e conflitantes interpretações.

A versão mais difundida do mito certamente é a de Hesíodo.¹⁵⁵ Segundo o seu relato, Zeus, revoltado com a atitude de Prometeu, que ousou entregar ao homem a capacidade de controlar o fogo, enviou Pandora para a terra. Pandora, aquela bela imagem de mulher, formada de terra e água, recebera de cada um dos deuses um dom apropriado (HESÍODO, *Mito de Prometeu e Pandora*, vv. 81-82).¹⁵⁶ Contudo, tornou-se ela um *belo mal* em vez de um bem (HESÍODO, *História de Prometeu*, vv. 585).¹⁵⁷ Ao ser transportada para a terra, a mãe de todas as mulheres, foi concedida a Epimeteu, irmão de Prometeu. “Epimeteu não pensou no que Prometeu lhe dissera jamais dom do olímpio Zeus aceitar, mas que logo o devolvesse para mal nenhum nascer aos homens mortais. Depois de aceitar, sofrendo o mal, ele compreendeu” (HESÍODO, *Mito de Prometeu e Pandora*, vv. 85-89).¹⁵⁸

Pandora estava diante de um obscuro e, aparentemente, inofensivo objeto: um vaso ou jarro de barro. O vaso, obra de Zeus vingativo, continha todos os tipos de pragas e males. Ao abrir o objeto, retirando-lhe a tampa, eis que dele saíram todos os males e espalharam-se pelo mundo. A abertura do vaso acarretou em um grande prejuízo para a humanidade. Só a esperança permaneceu dentro do jarro. Sozinha, a *elpís* (esperança), “em indestrutível morada abaixo das bordas restou e para fora não voou, pois antes repôs ela a tampa no jarro” (HESÍODO, *Mito de Prometeu e Pandora*, vv. 96-98).¹⁵⁹

Em uma outra versão, a de Bábrio¹⁶⁰, poeta e fabulista romano, o vaso contém todos os bens em vez de coisas ruins. A fábula de Bábrio, “suprimindo todos os nomes próprios, faz do ‘homem’ em geral, e não de uma pessoa individual, o herói da tragédia”.¹⁶¹ Ao abrir o vaso, todos os bens são perdidos, retornam aos deuses, exceto a esperança.

O mito de Pandora foi recebendo acréscimos e diferentes interpretações, além de sofrer modificações consideráveis. Basta lembrar do vaso ou jarro de mantimentos

¹⁵⁵ A versão de Hesíodo encontra-se nas obras *Os trabalhos e os dias* e *Teogonia*.

¹⁵⁶ Cf. HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*, p. 25.

¹⁵⁷ Cf. HESÍODO. *Teogonia*: a origem dos deuses, p. 133.

¹⁵⁸ HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*, p. 25.

¹⁵⁹ HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*, p. 25

¹⁶⁰ Cf. PANOFISKY, Erwin; DORA. *A caixa de Pandora*: as transformações de um símbolo mítico, p. 20-21.86.165.

¹⁶¹ PANOFISKY, Erwin; DORA. *A caixa de Pandora*: as transformações de um símbolo mítico, p. 86.

que, com o tempo, tornou-se uma caixa, a famosa caixa de Pandora. Na Patrística, não faltaram também interpretações que ligaram Pandora à imagem bíblica de Eva. Orígenes, por sua vez, “compara explicitamente a história do *píthos* proibido com a do fruto proibido”.¹⁶² Esta comparação Eva-Pandora será retomada principalmente com o Renascimento.¹⁶³

O que chama mais atenção em ambas as versões do mito de Pandora é o fato de a esperança ficar presa no jarro. Os bens ou os males fugiram do jarro. Restou apenas a esperança. Afinal, seria a esperança um mal para a humanidade ou um bem a ser conservado pelo ser humano? A versão de Hesíodo levou muitos a uma interpretação mais negativa da esperança. Ela seria um dos males presentes no vaso ou uma espécie de ilusão. Nietzsche (1844-1900), interpretando o mito de Pandora, via na esperança o pior de todos os males:

Pandora trouxe o vaso com os males e o abriu. Era o presente dos deuses aos homens, um presente de bela e sedutora aparência, denominado ‘vaso da felicidade’. Então, dele saíram voando todos os males, seres vivos alados: a partir de então, vagueiam em torno de nós e causam danos aos homens dia e de noite. Um único mal não tinha ainda escapado do vaso: então Pandora, seguindo a vontade de Zeus, fechou a tampa e ele ficou lá dentro. O homem tem para sempre agora o vaso da felicidade em casa e pensa que maravilhoso tesouro tem dentro dele; está a seu serviço e o toma nas mãos quando tem vontade; pois não sabe que esse vaso trazido por Pandora é o vaso dos males e toma o mal que ficou dentro como a maior das felicidades – é a esperança.¹⁶⁴

Para Nietzsche, não há dúvida, a esperança estava entre as pragas. Ela “é o pior dos males, pois prolonga os tormentos dos homens”.¹⁶⁵ Nietzsche, portanto, “tentava libertar-se do peso e do engano da esperança cristã, buscando no presente ‘o eterno sim do ser’ e na ‘fidelidade à terra’ o amor da eternidade”.¹⁶⁶ Para ele, a meta humana é a conquista do próprio eu, a constituição do super-homem na existência individual.

Por outro lado, é possível encontrar muitos pensadores que viram na esperança de Pandora um dom, um bem que permaneceu acessível ao ser humano e que não foi perdido ou violado.

¹⁶² PANOFISKY, Erwin; DORA. *A caixa de Pandora: as transformações de um símbolo mítico*, p. 24.

¹⁶³ Cf. PANOFISKY, Erwin; DORA. *A caixa de Pandora: as transformações de um símbolo mítico*, p. 67.

¹⁶⁴ NIETZSCHE, Friedrich W. *Humano, demasiado humano*, n. 71, p. 97-98.

¹⁶⁵ NIETZSCHE, Friedrich W. *Humano, demasiado humano*, n. 71, p. 98.

¹⁶⁶ MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p. 44.

Depois que todos os males saíram da caixa, um minúsculo dom parece ter a desforra diante de todo o mal que se propaga. Pandora, a mulher que conservava o jarro, vê-o por último: os gregos chamam-no *elpís*, que significa *esperança*. Esse mito narra-nos por que razão a esperança é tão importante para a humanidade.¹⁶⁷

A caixa de Pandora é um símbolo ambivalente assim como a compreensão da esperança ao longo dos séculos. Na antiguidade, a expressão *elpís* designava “toda e qualquer ‘espera’ humana, que pode ser ‘boa’ ou ‘má’”.¹⁶⁸ Os gregos consideravam a esperança, por um lado, indispensável à vida humana e valorizavam sua força dinâmica e consoladora; e, por outro lado, advertiam acerca de seu poder sedutor. A esperança é como que uma faca de dois gumes.¹⁶⁹ “Para o homem não bíblico, a *elpís* era sempre ambígua.”¹⁷⁰

Outro mito grego bastante ilustrativo é o mito de Penélope, inserido na Odisseia de Homero. A trama de Penélope, filha de Icário e esposa de Odisseu, retrata a esperança assegurada pelo amor. A esperança de Penélope está voltada para a expectativa de retorno de seu amado, Odisseu, da Guerra de Tróia. Conforme a narrativa mítica, ao findar a guerra, Odisseu não retornou para casa. Pensando que o herói morrera na guerra, surgem vários pretendentes a Penélope. Ela, contudo, não deseja casar-se com outro homem. Age com astúcia. Só permitirá casar-se novamente quando confeccionar, por completo, um sudário. O amor por Odisseu faz com que o seu sudário não seja finalizado. Durante o dia vai tecendo, à noite, desfaz todos os pontos traçados de seu trabalho diurno.

Não dou trela a forasteiros, a súplices, a arautos que fazem as vezes de demiurgos: sofre o coração, pensando em Odisseu. Exigem núpcias, os engano com dolo. Um deus primeiro me inspirou a armar a tela enorme em casa e então tecer brocado de perimétrica amplitude e leve. Firme, lhes disse: ‘Jovens pretendentes, Odisseu morreu, mas esperai, ansiando embora as núpcias, que eu finalize o pano (não se perca ao vento o fio!), sudário de um herói – Laerte: a moira fatal há de colhê-lo um dia sem clemência. Nenhum aqueu pela cidade me censure de um ser afortunado jazer sem mortalha’. E consegui dobrar os corações altivos. Mas o que entretecia na jornada, eu mesma durante a noite, à luz do archote, destecia. Três anos iludi os aqueus, os convenci (HOMERO, XIX, vv. 134-151).¹⁷¹

¹⁶⁷ FRANCISCO. *Audiência geral de 27/09/2017*, p. 133.

¹⁶⁸ BALTHASAR, Hans Urs von. *A verdade é sinfônica: aspectos do pluralismo cristão*, p. 137-138.

¹⁶⁹ Cf. BALTHASAR, Hans Urs von. *A verdade é sinfônica: aspectos do pluralismo cristão*, p. 138.

¹⁷⁰ BALTHASAR, Hans Urs von. *A verdade é sinfônica: aspectos do pluralismo cristão*, p. 145.

¹⁷¹ HOMERO. *Odisseia*, p. 326-327.

No entanto, a trama de Penélope é descoberta e, por conseguinte, a pressão dos pretendentes aumenta. Ela então propõe uma prova aos candidatos:

Aos pretendentes todos, eis a competição que disporei: ao moço que tensionar o arco mais peritamente e transpassar à flecha a dúzia de segures, eu seguirei, abandonando o alcácer belo, pleno de bens, nupcial, que penso recordar durante a minha vida, ainda que sonhando (HOMERO, XIX, vv. 575-581).¹⁷²

Odisseu retornara disfarçado como forasteiro, mas Penélope não o reconheceu. Ele é quem terá a habilidade necessária para vencer a disputa. Vitorioso, e depois de submetê-lo à prova, sua identidade fica clara a Penélope: é seu amado Odisseu que retornara vivo. “Aos prantos, ela vai a seu encontro, lança os braços no marido, beija a testa” (HOMERO, XXIII, vv. 207-208).¹⁷³

A paciência de Penélope revela que o amor não se cansa de esperar. Em sua solidão, junta os fios, busca proteger-se das pressões de seus pretendentes e espera, mesmo quando parece faltar-lhe qualquer fio de esperança. “Quem mais teria o coração tão forte a ponto de suportar ficar assim longe do esposo, duas décadas sofrendo nos confins, de volta ao lar e a ela?” (HOMERO, XXIII, vv. 168-171).¹⁷⁴ A esperança de Penélope é viva e ativa. Ela constrói a sua trama, a sua história, governa a sua vida e a de seu reino, permanece fiel ao seu amor e às suas convicções.

É preciso tecer a esperança e desfazer os pontos do desespero. Todavia, “quem crê sabe que a história não se assemelha ao tapete de Penélope que é sempre urdido para, depois, ser novamente desfeito”.¹⁷⁵ A história, longe de ser um eterno retorno, não pode ser desfeita, mas ressignificada. A história lança o ser humano para um futuro sempre novo, aberto e dinâmico. Penélope manifesta a importância de permanecer persistindo, com firmeza e paciência, no que se espera.

A caixa de Pandora e o sudário de Penélope são duas alegorias que ajudam a perceber quão complexa é a esperança. Ela está sujeita a inúmeras e distintas críticas e hermenêuticas. A esperança é amada por muitos, que a consideram um bem necessário, uma expressão de fidelidade e amor. Outros apontam seus perigos: a esperança pode ser apenas ilusão ou até mesmo alienação, fraqueza humana. Essas diferentes formas de entender a esperança persistem até os dias atuais. Destarte, a

¹⁷² HOMERO. *Odisseia*, p. 340.

¹⁷³ HOMERO. *Odisseia*, p. 393.

¹⁷⁴ HOMERO. *Odisseia*, p. 392.

¹⁷⁵ RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*, p. 263-264.

esperança cristã, cultivada por Maria, deverá sempre passar pela prova das críticas de cada tempo. Ela se manterá um sinal de contradição.

3.2 A ESPERANÇA CRISTÃ SOB SUSPEITAS

O que posso esperar? Essa foi uma das perguntas-chave do pensamento kantiano. Não por menos ela continua a inquietar a humanidade. Na modernidade, a esperança cristã sofreu severas críticas. Ela foi acusada de alienação, de conformismo, de dependência afetiva. Foi compreendida inclusive como uma atitude dos fracos. Algumas dessas críticas apontam limites em determinadas concepções teológicas que precisam ser revistas e bem fundamentadas; outras, contudo, negam o dado da fé na configuração racional da esperança e fecham-se à transcendência e à vida espiritual.

O marxismo acusou o Cristianismo de resignação e alienação, de promover a passividade e a inércia humana.¹⁷⁶ Karl Marx (1818-1883) viu na revolução, na dialética histórica, o caminho da esperança. No entanto, essa sociedade sonhada por Marx, onde cessam as contradições econômicas, sociais e políticas e as alienações, conduz o ser humano para o fastio de viver, o tédio, os sentimentos do absurdo de todas as coisas. O que restaria ao ser humano nessa sociedade utópica, aparentemente, sem necessidades e sem perturbações? Sem ter o que esperar, faltaria o sentido à própria existência, a seriedade, a paciência, a dor e o trabalho do negativo.¹⁷⁷

A doutrina cristã sobre o Reino dos céus e a vida eterna não é, de modo algum, alienação ou exortação para a fuga do mundo. O Reino de Deus, ao mesmo tempo que não se reduz a este mundo (Jo 18,36), “não é um além imaginário, colocado num futuro que nunca mais chega; seu reino está presente onde ele é amado e onde seu amor nos alcança” (SS 31). A fé cristã não se fixa em um olhar estagnado para o passado ou apenas para o momento presente. “Mas ela é tampouco apenas um olhar fixado no eterno; isso seria platonismo e metafísica. Ela é sobretudo também um olhar dirigido para o futuro, a mão estendida da esperança”.¹⁷⁸ Portando, a fé conjuga o passado, o presente e o vindouro.

¹⁷⁶ Cf. RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*, p. 198.

¹⁷⁷ Cf. MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p. 437-438.

¹⁷⁸ RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*, p. 180.

A esperança cristã volta-se para o futuro de Deus, um futuro possível e plausível, por isso difere-se de muitas utopias modernas, que são referências a um futuro inatingível.

O futuro de Deus estende já o seu impacto sobre o seu instante actual, graças a esperança que é capaz de suscitar. O presente crente é um tempo histórico modificado pela esperança [...] A esperança cristã não se esgota nunca no presente, e essa é também uma das características que a distingue: ela é tensão, dinamismo, *élan* que no presente vive, por antecipação, a emergência do futuro.¹⁷⁹

A esperança cristã refere-se, simultaneamente, ao futuro de Deus e ao cumprimento escatológico da história e ao presente aberto ao futuro, pois a salvação alcançada por Cristo já atinge o ordinário e o cotidiano da vida.¹⁸⁰ Os cristãos “são membros de uma comunidade escatológica que se configura com uma realidade futura já iniciada, mas que aguarda ainda a sua consumação final, e é por isso inseparável do presente histórico”.¹⁸¹ A esperança, por vezes, “parece estar em contradição com a realidade”.¹⁸² De fato, “pessoas de esperança são apenas aquelas que não se conformam ao mundo em sua forma atual”.¹⁸³

O filósofo Ernst Bloch (1885-1977), em sua obra *O Princípio Esperança*, declarou a secularização da esperança. Ele deslocou a esperança para um *transcender sem transcedência*, para a pura imanência. Bloch, em perspectiva feuerbachiana, afirma que Deus é tão somente o “ideal utopicamente hipostasiado do ser humano desconhecido”¹⁸⁴, o humano futuro, ainda não encontrado. Assim, “o *homo absconditus* [ser humano oculto] do futuro e ainda não achado nem alcançado é o ‘Deus’ do ser humano presente”.¹⁸⁵

Moltmann reconhece a contribuição que recebeu de Bloch ao ler sua obra *O Princípio Esperança*. Isso significou para ele um grande despertar para a esperança. Sua primeira impressão da obra suscitou-lhe um forte questionamento: “Por que a teologia cristã deixou escapar e permitiu que lhe tirassem a esperança, que original e

¹⁷⁹ MENDONÇA, José Tolentino. *Esperar contra toda a esperança*, p. 26.

¹⁸⁰ “A realidade da esperança cristã funda-se em dois planos: na certeza da vitória de Deus sobre o mal, com a morte e ressurreição em Cristo, e no dom actual do Espírito Santo [...] O dom actual do Espírito Santo, que Deus concede aqui e agora, é uma efusão de esperança no presente” (MENDONÇA, José Tolentino. *Esperar contra toda a esperança*, p. 20).

¹⁸¹ MENDONÇA, José Tolentino. *Esperar contra toda a esperança*, p. 16.

¹⁸² MENDONÇA, José Tolentino. *Esperar contra toda a esperança*, p. 16.

¹⁸³ HALÍK, Tomáš. *Não sem esperança: o retorno da religião em tempos pós-otimistas*, p. 7.

¹⁸⁴ BLOCH, Ernst. *O Princípio Esperança*, v. 3, p. 367.

¹⁸⁵ MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p. 426-427.

intrinsecamente é o seu tema mais singular?”.¹⁸⁶ Embora Moltmann tenha se apropriado de elementos essenciais da Filosofia da Esperança de Bloch, deixou claro que não desejou imitar a obra do filósofo e muito menos quis batizá-lo. Moltmann ressaltou o seu grande ponto de distanciamento da filosofia de Bloch:

Para Ernest Bloch, o ateísmo deveria fundamentar a esperança ativa na história [...] Para mim, no entanto, o Deus do êxodo e da promessa, o Deus do despertar de Cristo e do espírito da ressurreição em nós era e é a base e o movimento da esperança ativa, na história.¹⁸⁷

Para Moltmann, a promessa de Jesus de fazer novas todas as coisas (Ap 21,5) não pode ser reduzida “às utopias, nem ao ‘princípio esperança’ de um aperfeiçoamento imanente ao mundo, mediante um ‘transcender sem transcendência’, mas, bem entendido, faz ‘explodir’ também o ‘princípio esperança’”.¹⁸⁸ Frente às utopias humanitárias do século XIX, a escatologia cristã tem consciência de que o centro de sua esperança é a ressurreição trazida por Jesus.¹⁸⁹

Na Filosofia da Esperança, o futuro *vem a ser* do seio da matéria. O futuro “só pode ser conhecido por extrapolação a partir das tendências intrínsecas da realidade-matéria”.¹⁹⁰ A Teologia da Esperança, por sua vez, conhece “o futuro que *vem* como dado por Deus e que é conhecido por antecipação: no evento de Cristo, é antecipado o futuro de ressurreição e de vida que Deus doa à humanidade; aqui a utopia é transcendida como escatologia teológica”.¹⁹¹ Moltmann conclui que

estes dois movimentos – aquele ateísmo que quer livrar as pessoas da superstição e da idolatria e o messianismo que quer libertá-las de suas prisões externas e internas para a liberdade do reino de Deus vindouro – não precisam ser adversários, mas podem cooperar mutuamente. Se nós, de acordo com Bloch, transcendemos historicamente ‘sem transcendência’ para o futuro ou se o fazemos ‘com transcendência’, como afirmo, é algo cujo resultado podemos deixar tranquilamente a cargo do futuro que nos aguarda.¹⁹²

Jean Paul Sartre (1905-1980), na defesa de um existencialismo sem esperança, apostava em uma existência marcada pelo *desespero*. Na construção da

¹⁸⁶ MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança* (Prefácio de 1997 à 13ª edição), p. 21.

¹⁸⁷ MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança* (Prefácio de 1997 à 13ª edição), p. 21.

¹⁸⁸ MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p. 435-436.

¹⁸⁹ Cf. MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p. 436.

¹⁹⁰ GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*, p. 291.

¹⁹¹ GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*, p. 291.

¹⁹² MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança* (Prefácio de 1997 à 13ª edição), p. 21.

sua própria existência, o ser humano só pode contar com aquilo que depende de sua vontade ou com o conjunto das probabilidades que tornam sua ação possível.¹⁹³ Trata-se de um “agir sem esperança”¹⁹⁴, uma existência sem esperar do outro. “No mais profundo de nosso ser moraria, portanto, o inferno, o desespero – a solidão tão inelutável quanto terrível”.¹⁹⁵ A consciência da própria liberdade, o ato de tomar uma decisão e realizar uma escolha de grande peso geram, por vezes, angústia e aflição. No fundo, Sartre previne os cristãos das pretensões exageradas e da fuga ou medo perante à própria responsabilidade. A esperança é “uma perseverança que se alimenta de responsabilidade”.¹⁹⁶ Ela não pode ser “encarada como uma forma de escapismo teológico”.¹⁹⁷ O cristão não pode esperar as soluções caírem do céu. O desespero¹⁹⁸ dá equilíbrio, consistência e sabor à esperança.

A esperança é uma decisão pessoal que implica da nossa parte um esforço da vontade. Devemos decidir esperar. A esperança nasce quando se pensa que é ainda possível um futuro para uma pessoa, para uma sociedade e para a humanidade inteira: acreditar hoje naquilo que vai acontecer amanhã. Escolher esperar significa decidir-se por uma vida responsável.¹⁹⁹

Na modernidade, a esperança desloca-se igualmente para o conceito de progresso (SS 17). A ideologia do progresso considerou a razão e a liberdade “como as estrelas-guia a seguir no caminho da esperança” (SS 20). O ser humano moderno acreditou cegamente nos avanços da ciência e da técnica. Auguste Comte e o seu positivismo caminharam nessa direção. Prometeram mais do que puderam cumprir. Divinizaram a ciência e a técnica, mas esqueceram-se de avaliar as consequências de uma sociedade que descuida de seu patrimônio cultural, ecológico e humano. O progresso técnico não significou um avanço na formação ética do ser humano. De fato, há uma nítida ambiguidade no conceito de progresso. Por um lado, são inegáveis as possibilidades para o bem que a ciência e a técnica proporcionam, mas também inegáveis são as possibilidades abissais para o mal (SS 22). O ser humano do século

¹⁹³ Cf. SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*, p. 39.

¹⁹⁴ SARTRE, *O existencialismo é um humanismo*, p. 40.

¹⁹⁵ RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*, p. 221.

¹⁹⁶ BIANCHI, Enzo. *Procura os outros: a fraternidade e a esperança*, p. 34.

¹⁹⁷ MENDONÇA, José Tolentino. *Esperar contra toda a esperança*, p. 17.

¹⁹⁸ O contrário da esperança não é a desesperança ou o desespero, mas a apatia, o tédio, a indiferença (Cf. RONCHI, Ermes. *El desafío de creer hoy: la belleza de la fe y la esperanza*, p. 51).

¹⁹⁹ BIANCHI, Enzo. *Procura os outros: a fraternidade e a esperança*, p. 34-35.

XX viu o progresso, a razão e a técnica transformando-se em instrumentos de guerra, de domínio, de extermínio de grupos humanos e de suas culturas.

Segundo Tomáš Halík, na modernidade, com o fenômeno da secularização, o otimismo²⁰⁰ e a ideia de progresso tentaram substituir a verdadeira chave da esperança.

Certamente, isso aconteceu como reação à retórica dos pregadores barrocos e à concepção religiosa dos fiéis, que compreendiam a esperança como algo pertencente exclusivamente ao 'além' – ao além do túmulo: os pregadores invocavam a esperança principalmente nos cemitérios. Desde o Renascimento, quando a atenção se voltou para 'este mundo', os filhos da Modernidade vieram a ver a doutrina cristã sobre 'as últimas coisas' como um cheque falso sem fundo, sem a garantia do ouro recém-descoberto da experiência sensual do experimento verificável.²⁰¹

Para Albert Nolan²⁰², esse otimismo exagerado depositado na razão humana que acompanhou os tempos modernos, gradualmente transformou-se em um grande pesadelo. Na mesma esteira caminhou a esperança depositada na economia de livre mercado, esse sonho de um crescimento econômico ilimitado. A resposta a esse otimismo raso foram as quebras dos sistemas bancários e o colapso de economias de mercado. Além do mais, a pobreza continuou emergente em todo mundo.²⁰³ Contudo, “essa mudança de esperança para desesperança não é um desastre. É uma magnífica nova oportunidade para o desenvolvimento de uma autêntica esperança cristã”.²⁰⁴ Para Nolan, a esperança cristã terá sempre Deus como sua base e o Reino de Deus e o bem comum como seu objeto. A esperança cristã não poderá assentar-se em ideologias, sejam elas de matriz socialista, de livre mercado ou mesmo democrática. O importante é assumir atitudes de verdadeira esperança e de se agir com esperança e não apenas ter esperança.²⁰⁵

²⁰⁰ Halík aponta três faces do otimismo moderno: o comunismo e o seu espírito revolucionário; o novo capitalismo e sua confiança na onipotência da “mão invisível do mercado”; e o fanatismo dos “novos movimentos” e de seitas religiosas. Na contra-mão das correntes otimistas, Halík percebeu igualmente o surgimento de uma postura pessimista, como a “ressaca de otimistas desiludidos” (HALÍK, Tomáš. *Não sem esperança: o retorno da religião em tempos pós-otimistas*, p. 12).

²⁰¹ HALÍK, Tomáš. *Não sem esperança: o retorno da religião em tempos pós-otimistas*, p. 10.

²⁰² As reflexões de Albert Nolan escritas durante o *apartheid* são de bastante valia para o aprofundamento teológico da esperança na atualidade.

²⁰³ Segundo Nolan, os governos comunistas e socialistas também prometeram muito, mas caíram em regimes totalitários e opressores. Na esfera eclesial, embora o Vaticano II tenha gerado um entusiasmo esperançoso com relação à Igreja e seu futuro, não faltaram posturas resistentes às propostas inovadoras do Concílio. Soma-se a isso a desconfiança desencadeada por conta dos escândalos sexuais e financeiros (Cf. NOLAN, Albert. *Esperança em tempos de desespero*, p. 24-26).

²⁰⁴ NOLAN, Albert. *Esperança em tempos de desespero*, p. 26.

²⁰⁵ Cf. NOLAN, Albert. *Esperança em tempos de desespero*, p. 26-33.

O Cristianismo também deparou-se internamente com uma forte tendência individualista da esperança. A escatologia transformou-se em desejo egoísta pela salvação do indivíduo. Cada um por si, segundo seus méritos, buscava alcançar o seu próprio céu. Esse tipo de esperança “teria abandonado o mundo à sua miséria indo refugiar-se numa salvação eterna puramente privada” (SS 13). No entanto, “a salvação foi sempre considerada uma realidade comunitária” (SS 14). Qualquer tentativa de legitimar uma soteriologia egoísta entrará em conflito com o dado bíblico e patrístico.

Uma escatologia pautada na preparação do fiel para a morte em vista da salvação da alma trouxe grandes suspeitas ao Cristianismo. Muitos afirmaram que tal postura reflete a incapacidade de viver-se o momento presente. “Seria sinal de desajuste profundo ou de imaturidade da personalidade.”²⁰⁶ A esperança cristã seria o refúgio para os fracassados, a projeção futura de um ideal não atingido. O céu seria “a grande compensação dos desejos frustrados”.²⁰⁷

O cristão necessita atingir certa maturidade psíquica e espiritual para expressar o autêntico valor de sua esperança. “É preciso ter aceitado a realidade da vida com as oportunidades que ela oferece e os limites que impõe. Não querer fugir da realidade por mais difícil que seja sua aceitação.”²⁰⁸ A esperança não é ficção nem delírio humano. “Ela está tatuada no presente mais escaldante e escarno, exercita-se na tribulação, aprofunda-se na paciência, alarga-se na capacidade de resistir ao mal e ao sem sentido.”²⁰⁹

3.3 AS ALEGRIAS E AS ESPERANÇAS, AS TRISTEZAS E AS ANGÚSTIAS DE HOJE

A modernidade, em sua gama de utopias e promessas, sonhou com um mundo sem desigualdades sociais, sem sofrimento; depositou esperança no progresso técnico-científico e nas inúmeras possibilidades de desenvolvimento provocadas pela mente brilhante de um super-homem “onipotente” e quase divino.

²⁰⁶ COMBLIN, José. *Viver na esperança*, p. 15.

²⁰⁷ COMBLIN, José. *Viver na esperança*, p. 15.

²⁰⁸ COMBLIN, José. *Viver na esperança*, p. 16.

²⁰⁹ MENDONÇA, José Tolentino. *Esperar contra toda a esperança*, p. 18.

Suscitou diversas formas de messianismo e fórmulas mágicas de uma vida sem limites.

A época moderna desenvolveu a esperança da instauração de um mundo perfeito que, graças aos conhecimentos da ciência e a uma política cientificamente fundada, parecia tornar-se realizável. Assim, a esperança bíblica do reino de Deus foi substituída pela esperança do reino do homem, pela esperança de um mundo melhor que seria o verdadeiro 'reino de Deus' (SS 30).

A jarra de leite contendo tantos sonhos e projetos veio a cair ladeira abaixo. Ela se despedaçou e as expectativas humanas foram diluídas como o leite consumido pela terra árida. Eis que das lágrimas pelo leite derramado brotaram os sentimentos de fracasso e desespero.

Após duas grandes guerras mundiais e a falência de regimes totalitários, diante de tantas crises humanas e sociais, a esperança, longe de ser uma fuga alienante, foi um verdadeiro remédio para curar as feridas provocadas pelos desafios da época. Esse mundo pós-guerras conduziu o ser humano à busca de reorientação de sua existência. Muitos daqueles que sobreviveram aos campos de concentração, às perseguições e aos exílios, deram o testemunho da autêntica esperança. Sobreviveram porque projetaram um futuro, porque tiveram esperança e encararam, com maturidade, o próprio desespero.²¹⁰

A fé cristã precisou trazer uma resposta para este ser humano dilacerado. Teve que resgatar sua Teologia da Esperança. Os anos sessenta foram anos do reflorescimento das esperanças. O Concílio Vaticano II trouxe grandes esperanças para a Igreja, um novo frescor à vida eclesial, propondo uma oportuna atualização. No seu empenho de diálogo com o mundo moderno, traçou algumas pistas para favorecer a proximidade da Igreja com a realidade temporal. Na Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no mundo atual, o Concílio assinala a íntima união da Igreja com toda a humanidade e sua história. Recorda que as angústias e as esperanças humanas de hoje não estão dissociadas das angústias e das esperanças cristãs.

²¹⁰ O Cardeal Van Thuan é uma das testemunhas da esperança que sobreviveu aos regimes totalitários. Foi prisioneiro no Vietnã durante treze anos; destes, nove em isolamento profundo. Seus companheiros não católicos desejavam saber as razões de sua esperança e questionavam-lhe a respeito de sua vocação e sua fé (Cf. VAN THUAN, François X. N. *Testemunhas da esperança*, p. 27-28). Em uma situação de grande angústia e desespero, em profunda solidão, restou-lhe suas orações de esperança, à escuta de Deus.

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do Reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história (GS 1).

Os cristãos não são indiferentes às injustiças e ao sofrimento humano. A Igreja está no mundo como fermento de esperança. A escatologia não compromete o empenho da Igreja no mundo. A Igreja trabalha para a transformação da realidade, tendo como inspiração o projeto do Reino pregado e cultivado por Jesus e seu Espírito.

A importância das tarefas terrenas não é diminuída pela esperança escatológica, mas que esta antes reforça com novos motivos a sua execução. Pelo contrário, se faltam o fundamento divino e a esperança da vida eterna, a dignidade humana é gravemente lesada, como tantas vezes se verifica nos nossos dias, e os enigmas da vida e da morte, do pecado e da dor, ficam sem solução, o que frequentemente leva os homens ao desespero (GS 21).

Todavia, esse borbulhar de esperanças não isentou a humanidade de frustrações amargas.²¹¹ Não cessaram os conflitos. O terrorismo vem causando medo entre todos. A humanidade continua a sofrer inúmeras crises econômicas, sociais e culturais. As recentes pandemias e doenças infecciosas revelam a vulnerabilidade da vida humana. Desarmam o ser humano de suas falsas seguranças. A própria Teologia abandonou a esperança de suas bibliotecas e tratados. Muitos sonhos desfeitos e expectativas foram por água abaixo. A esperança foi refugiar-se no silêncio. Perdeu sua presença e sua força na esfera pública e no pensamento contemporâneo.

A crise atual é também uma crise de esperança (SS 17).²¹² A crise, além de trazer à tona a interrogação sobre o futuro²¹³, é também uma chance, uma oportunidade de amadurecimento.²¹⁴ Para Tomáš Halík, a crise é “um berço da esperança, uma porta aberta para o Deus da esperança”.²¹⁵

²¹¹ Cf. MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p. 22.

²¹² Cf. MENDONÇA, José Tolentino. *Esperar contra toda a esperança*, p. 11.

²¹³ Cf. MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p. 293.

²¹⁴ Cf. HALÍK, Tomáš. *Não sem esperança: o retorno da religião em tempos pós-otimistas*, p. 60.

²¹⁵ HALÍK, Tomáš. *Não sem esperança: o retorno da religião em tempos pós-otimistas*, p. 65.

Vive-se a dificuldade presente de ouvir a esperança.²¹⁶ O ser humano da pós-modernidade saiu exausto de tantas promessas falidas. O chão em que se pisa é mais desafiador do que se pode imaginar. A esperança precisa reinventar-se, reconstruir-se. “A dificuldade actual que temos com a esperança obriga-nos também a purificar as representações que fazemos dela. Tornou-se insuportável o discurso de uma esperança isenta, empolgada, ligeira, fácil, imediata.”²¹⁷ Na pós-modernidade, cabe uma esperança que aceita ser provada pela desesperança, que não ignore o absurdo de certas situações da história, que não pretende ser triunfalista, mas humilde, silenciosa, depurada, amadurecida, crucificada.²¹⁸

É importante cuidar e proteger a esperança como uma pequena chama em meio à tempestade, protegê-la da tentação da desesperança, mas ao mesmo tempo também de sua perdição e de sua deturpação, daquilo que seria um substituto falso: a ilusão, a projeção de nossos desejos, promessas utópicas ou um otimismo ingênuo, representado, por exemplo, pela ideologia moderna da promessa de um progresso irrestrito.²¹⁹

A esperança verdadeira é aquela que resiste à perda da esperança ordinária, da expectativa de que isto ou aquilo aconteça. A decepção traz consigo a possibilidade da libertação das ilusões e é capaz de gerar uma esperança diferente.²²⁰

A esperança provada no fogo da desesperança vem ressurgindo como a fênix que renasce das cinzas. Está reaparecendo em movimentos contemporâneos, na literatura e nos manuais de Teologia. Ela vem com grande impulso nos pronunciamentos do Papa Francisco. A tarefa da religião e da cultura, no atual cenário, “é desenterrar a esperança debaixo dos escombros”.²²¹ Essa esperança que desponta sofre um processo de amadurecimento constante por meio dos complexos contextos sociais e pela própria condição humana.

A cultura atual aposta no imediato, no instantâneo. Há uma grande dificuldade em cultivar a arte de esperar. “Talvez esse desejo de instantaneidade seja em nós um dissimulado reflexo defensivo, o medo crescente de que num mundo acelerado não exista afinal ninguém nem coisa nenhuma que nos espere.”²²² Esperar não significa

²¹⁶ Cf. MENDONÇA, José Tolentino. *Esperar contra toda a esperança*, p. 11.

²¹⁷ MENDONÇA, José Tolentino. *Esperar contra toda a esperança*, p. 11.

²¹⁸ Cf. MENDONÇA, José Tolentino. *Esperar contra toda a esperança*, p. 11.

²¹⁹ HALÍK, Tomáš. *Não sem esperança: o retorno da religião em tempos pós-otimistas*, p. 9.

²²⁰ Cf. HALÍK, Tomáš. *Não sem esperança: o retorno da religião em tempos pós-otimistas*, p. 67.

²²¹ RAVASI, Gianfranco. Entrevista concedida ao Jornal *Corriere della Sera*.

²²² MENDONÇA, José Tolentino. *Libertar o tempo: para uma arte espiritual do presente*, p. 34.

necessariamente perda de tempo. Esperar “é reconhecer o seu tempo, o tempo necessário para ser; é tomar o tempo para si, como lugar de maturação, como oportunidade reencontrada; é perceber o tempo não apenas como enquadramento do sentido, mas como formulação em si mesma significativa”.²²³

3.4 ENTRE UTOPIAS, DISTOPIAS E RETROTOPIAS

Quando se fala de esperança logo aparecem outros conceitos que rapidamente a ela são associados. Futuro, sonho, expectativa, paciência são expressões que sempre se deparam ou se cruzam com a esperança. Mas um termo que não passa menos despercebido é a utopia. Muitos falam da esperança como utopia do amanhã. Partindo de sua etimologia²²⁴, a palavra utopia pouco significa. Todavia, enquanto gênero literário, utopia passa a designar uma forma de filosofia política, “que pode ser descrita com maior exatidão como platonismo com elementos cristãos”.²²⁵ Deve-se ao filósofo humanista da Renascença Thomas More (1478-1535) a origem dessa forma de linguagem e reflexão. Basicamente, no campo da filosofia política, a utopia assume a tarefa de expor a *pólis* ou a sociedade ideal. Ela se opõe ao cenário atual de uma sociedade.

Na visão marxista de Bloch, a utopia passa a referir-se à meta revolucionária, que, por sua vez, impulsiona os processos históricos.²²⁶ Aqui a utopia não é mais vista tão somente como gênero literário, mas futuro para o qual tendem os processos da história. Ratzinger – fazendo referência à origem do termo utopia em More – afirma que a utopia “não nasce de uma filosofia dinâmica da história, mas da ontologia platônica”.²²⁷ Assim, fica possível distinguir a utopia enquanto gênero literário e crítica à sociedade vigente das utopias modernas que apontam um futuro para o qual caminha a humanidade em suas transformações sociais.²²⁸

²²³ MENDONÇA, José Tolentino. *Libertar o tempo: para uma arte espiritual do presente*, p. 35.

²²⁴ Utopia, do grego, *ou-topos*, isto é, lugar nenhum ou não lugar.

²²⁵ RATZINGER, Joseph. *Escatologia e Utopia*, p. 45.

²²⁶ Cf. RATZINGER, Joseph. *Escatologia e Utopia*, p. 45-46.

²²⁷ RATZINGER, Joseph. *Escatologia e Utopia*, p. 46.

²²⁸ A utopia de Thomas More se distancia bastante das utopias modernas que surgiram nos últimos séculos. As utopias modernas que tanto prometeram e pouco cumpriram, deixaram enormes dívidas. Não conseguiram implantar o céu na terra. Partiram de uma esperança secularizada, proclamando a morte de Deus e o fim da transcendência, e declararam o progresso da matéria e da história. Anunciaram um futuro messiânico sem messias e a vinda do reino dos céus. Tais utopias vieram à falência.

Na sua obra intitulada *Utopia*,²²⁹ Thomas More descreve, com alguns diálogos, a organização social de sua ilha imaginária chamada Utopia. Escrita no contexto das recentes grandes navegações, *Utopia* narra a aventura e a descoberta dessa ilha constituída por uma sociedade perfeita. Em Utopia, não há propriedade privada nem ganância ou injustiças. Os utopianos vivem satisfeitos, em uma vida simples e um estado de bem-estar, sem ostentação, sem diferenças sociais; os bens públicos estão disponíveis a todos; impera a equidade. Entre eles “tudo é bem organizado e o bem público comanda”.²³⁰ A felicidade de todos é o grande objetivo da vida utopiana. “Ninguém é afligido pela pobreza nem se vê obrigado a esmolar [...] Toda a ilha é como uma única família.”²³¹ Na ilha, aqueles que exercem o poder devem fazê-lo com total transparência.

More confronta a vida utopiana com a realidade dura da Inglaterra de seu tempo.²³² A desigualdade social era nítida: de um lado, há riqueza e corrupção; de outro, há pobreza e exploração.²³³

Em Thomas More, a utopia não remete propriamente ao futuro, mas à sociedade civil atual, como crítica às opressões e corrupções existentes e sobre a melhor condição de uma república. “A finalidade não é promover a utopia no futuro, mas medir a política atual contra as normas mais elevadas e, assim, alcançar a aproximação mais favorável da sociedade civil ao padrão da justiça.”²³⁴ A utopia seria, por conseguinte, “um apelo à ação humana guiada pela razão prática”.²³⁵

²²⁹ A obra se divide em dois livros. No primeiro livro, More faz uma crítica à Inglaterra de seu tempo, às injustiças cometidas aos camponeses/agricultores, e denuncia a aristocracia ociosa: “Vossos carneiros [...] que normalmente são tão mansos e frugais no pasto, consta que agora começaram a ser tão verazes e ferozes que devoram gente: devastam e despovoam campos, moradas e povoados. [...] os nobres, os fidalgos e mesmo alguns abades – homens pios – não se contentam mais com os lucros anuais que suas propriedades rendiam a seus predecessores. Não lhes basta que, vivendo no luxo e no ócio, não contribuam em nada para a sociedade: têm de prejudicá-la ativamente. Nada deixam ao arado, mas cercam tudo para pastagens; derrubam casas e destroem comunidades” (MORE, Thomas. *Utopia*, p. 70). No segundo livro, More apresenta, com detalhes, a sua Ilha imaginária Utopia, uma república ideal.

²³⁰ MORE, Thomas. *Utopia*, p. 108.

²³¹ MORE, Thomas. *Utopia*, p. 116.

²³² A república utopiana não é apenas a melhor, “mas a única que pode reivindicar a justo título o nome de república” (MORE, Thomas. *Utopia*, p. 167). Esta sociedade ideal se confronta com o contexto difícil da Inglaterra do século XVI, em que, “por toda parte, as pessoas estão sempre falando sobre as coisas públicas, mas, na verdade, estão preocupadas apenas com seus interesses privados” (MORE, Thomas. *Utopia*, p. 167).

²³³ “Assim, quando examino e avalio todos os diversos sistemas políticos hoje existentes, nada mais se me apresenta – Deus me ajude – senão uma conspiração dos ricos, que cuidam de seus interesses próprios sob o nome e o título de república [...] se aproveitam dos pobres adquirindo o trabalho e os frutos de seu trabalho ao menor preço possível” (MORE, Thomas. *Utopia*, p. 169-170).

²³⁴ RATZINGER, Joseph. *Escatologia e Utopia*, p. 47.

²³⁵ RATZINGER, Joseph. *Escatologia e Utopia*, p. 47.

Em 1868, John Stuart Mill, em um discurso junto ao parlamento britânico, trouxe um conceito novo, muito em voga na atualidade: distopia²³⁶ ou utopia negativa (antiutopia). A palavra distopia ganha grande força no cenário sangrento do século XX. Ela surge como um novo gênero literário.²³⁷ As guerras mundiais, os regimes totalitários, as ditaduras, o avanço do progresso científico e tecnológico – usado, muitas vezes, para fins assustadores como os experimentos nucleares e a manipulação genética – e o próprio medo do que há por vir fizeram brotar narrativas marcadas fortemente pelo pessimismo. Obras de ficção científica trouxeram à tona cenários distópicos e pintaram sociedades tirânicas e totalitárias, nas quais a liberdade e os direitos fundamentais do ser humano são comprometidos e violados. São distopias que manifestam controles sociais e opressão.

O gênero distópico retrata um futuro sombrio que ninguém desejaria viver. A distopia é o oposto ou a negação da utopia. Enquanto a utopia lança a imaginação para uma sociedade perfeita e harmônica, a distopia, por sua vez, projeta um futuro sem perspectivas, um futuro corrompido. Tanto a utopia quanto a distopia são reações e críticas ao momento presente.

A crise das utopias do século XX, os projetos audaciosos de novas e “perfeitas” sociedades desapareceram quase por completo. O desencanto pela vida presente e a dissolução das esperanças de futuro suscitaram no ser humano de hoje uma grande nostalgia, saudades de uma história não vivida. O sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017), analista da atualidade, aprofundou-se no estudo dessa modernidade que conceitua como líquida. Sua última obra escrita, *Retrotopia*, retrata o atual fenômeno da exaltação de práticas e planos de feitos passados, em tempos de declínio das utopias.

Retrotopia é a utopia do passado. Um mundo melhor não mais projetado para frente, em um futuro vindouro, mas na esperança da volta de ideais passados. As retrotopias, segundo Bauman, “são visões instaladas num passado perdido/roubado/abandonado, mas que não morreu, em vez de se ligarem a um futuro

²³⁶ Distopia, do grego, *dys* (mau ou ruim) e *topos* (lugar), no que resulta em um *lugar ruim*.

²³⁷ O número de publicações de romances distópicos tem aumentado nos últimos tempos. Este gênero literário atraiu o interesse de grande parte da população. *Admirável mundo novo* de Aldous Huxley, 1984 de George Orwell e *O Conto da Aia* de Margaret Atwood são algumas das conhecidas obras de ficção distópica.

‘ainda todavia por nascer’”.²³⁸ Em suma, a retrotopia seria “a negação da negação da utopia”.²³⁹

Trata-se de uma tendência, como uma ‘utopia retroativa’, a olhar para o passado de modo romântico e mítico, como se fosse um passado de ouro e nunca estivesse totalmente morto e, portanto, buscando e querendo encontrar nele aquele estímulo motivacional que o homem não encontra mais no presente e no futuro.²⁴⁰

Essa nostalgia pelos bons e velhos costumes desenterra do passado soluções antigas para problemas atuais. Eis que, com essa marcha a ré, ressurgem com toda força partidos políticos autoritários, nacionalismos e seus supostos governos fortes, fechamentos e fortificação das fronteiras.

Bauman apresenta quatro voltas que sintetizam as características dessa sociedade retrotópica, que teme o seu futuro embutido no presente. A primeira volta é apresentada por um questionamento: *De volta a Hobbes?* Trata-se do retorno ao mundo hobbesiano, isto é, do “crescimento das ações *copycat* de violência”.²⁴¹ *De volta às tribos* é a segunda volta. Refere-se à atual configuração de Estados confinados no interior de suas fronteiras. Como tribos, determinam quem apoiar e quem aniquilar. Com sentimentos de superioridade, dividem os povos entre “nós” e “eles”.²⁴² *De volta à desigualdade*, como terceira volta, aponta para a restauração de duas nações divididas entre “os que têm e os que não têm”.²⁴³ E, por último, *De volta ao útero* ou *De volta ao eu*. Refere-se ao “modelo narcisista de ego numa tentativa de encarnar o ‘eu imperial’ do passado”.²⁴⁴ Essa volta é configurada pelo ser humano egoísta, autorreferencial e competitivo, que é nutrido por uma sociedade capitalista e consumista.²⁴⁵

²³⁸ BAUMAN, Zygmunt. *Retrotopia*, p. 10.

²³⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Retrotopia*, p. 13.

²⁴⁰ CENCINI, Amadeo. *Abraçar o futuro com esperança: o amanhã da vida consagrada*, p. 15.

²⁴¹ BAUMAN, Zygmunt. *Retrotopia*, p. 37. A volta a Hobbes manifesta-se na constatação de uma “condição de guerra de todos contra todos não pela ausência de um Leviatã todo-poderoso, mas pela copresença de numerosos, numerosos até demais, grandes, pequenos e minis Leviatãs que funcionam muito mal e fracassam no desempenho das tarefas” (BAUMAN, Zygmunt. *Retrotopia*, p. 50).

²⁴² Tratam-se das políticas que apelam para “à construção de muros, ao fechamento de fronteiras e à extradição de alienígenas [...] Elas de fato pressagiam abrigo para alguns (‘nós’) e ódio para outros (‘eles’). Belicosidade e aspereza [...], usam a máscara da proteção e da salvaguarda das ‘comunidades’” (BAUMAN, Zygmunt. *Retrotopia*, p. 69-70). Prometem proteção e segurança, contendo os malfeitores e estranhos (inimigos) do lado de fora.

²⁴³ BAUMAN, Zygmunt. *Retrotopia*, p. 84.

²⁴⁴ BAUMAN, Zygmunt. *Retrotopia*, p. 118.

²⁴⁵ “O útero tende a ser um lugar solitário – mas também um lugar seguro, não questionado e não estorvado –, sem competidores rivalizando para diminuir a estatura do seu único residente ou roubar seus bônus e privilégios” (BAUMAN, Zygmunt. *Retrotopia*, p. 138).

Bauman encara essa sociedade líquida e retrotópica com bastante realismo. O sociólogo encontrou no discurso do Papa Francisco de 6 de maio de 2016 – quando este recebeu o Prêmio Europeu Carlos Magno –, a resposta mais convincente para a pergunta seminal de vida ou morte para a humanidade.²⁴⁶ E a resposta de Francisco é simples e desafiadora: a capacidade de diálogo.²⁴⁷ A cultura do diálogo e do encontro promove parcerias, o respeito mútuo, e permite ouvir o outro. Ela é “capaz de curar as feridas do nosso mundo multicultural, multicentrado e multiconflituoso”.²⁴⁸ A intenção do Papa Francisco, nesse sentido, é permitir que as pessoas simples, em seu cotidiano, sejam protagonistas dessa cultura do diálogo.

O retorno da esperança rançosa, com gosto de passado, esta esperança dos museus e dos sarcófagos, não combina em nada com a esperança cristã. Conservar a memória dos feitos passados não significa transpor o passado ao presente, mas ter consciência histórica. O povo de Israel teve a tentação de regressar ao êxodo, ao paraíso, aos tempos gloriosos de Davi. Mas Deus sempre insistiu em impulsionar o povo para o seu futuro inovador, sem repetições. A própria concepção de paraíso não cabe em um esquema nostálgico, pois “a esperança vem desta convicção: o jardim do Éden não está no passado, mas no futuro; o paraíso não é uma nostalgia, mas um projeto”.²⁴⁹ Jesus reforça a importância de não usar remendo novo em roupa velha e não colocar vinho novo em odres velhos: “Vinho novo, porém, em odres novos!” (Mc 2,21-22). Os saudosismos são sentimentos infantis, que manifestam o medo de enfrentar e assumir o tempo atual e real. A esperança há de se abrir sempre à novidade. “As utopias que voltam ao passado são as mais perigosas, porque paralisam a ação, em vez de promovê-las.”²⁵⁰

Amadeo Cencini, do ponto de vista da psicologia, lembra que

a pessoa madura é exatamente aquela que sabe conjugar corretamente os seus tempos, aceitando realisticamente o passado, vivendo com empenho o presente e indo com confiança ao encontro do futuro, sem nostalgias nem fugas para adiante, sem repressões ou idealizações, além do medo e da depressão, das retiradas e das desmobilizações.²⁵¹

²⁴⁶ Para Bauman, o Papa Francisco é “hoje a única pessoa entre as figuras públicas com autoridade planetária considerável, ousado e determinado o suficiente para propor e lidar com esse tipo de questão” (BAUMAN, Zygmunt. *Retrotopia*, p. 152).

²⁴⁷ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Retrotopia*, p. 152-153.

²⁴⁸ BAUMAN, Zygmunt. *Retrotopia*, p. 154.

²⁴⁹ RONCHI, Ermes. *El desafío de creer hoy: la belleza de la fe y la esperanza*, p. 33.

²⁵⁰ COMBLIN, José. *Viver na esperança*, p. 100.

²⁵¹ CENCINI, Amadeo. *Abraçar o futuro com esperança: o amanhã da vida consagrada*, p. 13.

A esperança madura é aquela que se alimenta de utopias isentas de falsas promessas, que se deixa confrontar pelas assustadoras e arrepiantes distopias e que resiste à tentação nostálgica das retrotopias.

3.5 MARIA, SINAL DE SEGURA ESPERANÇA E DE CONSOLAÇÃO PARA OS PEREGRINOS

Para quem não sabe aonde vai, qualquer caminho serve. Essa é uma frase clássica da obra *Alice no País das Maravilhas*. É uma afirmação que guarda uma grande constatação: o ser humano precisa pensar o seu futuro, saber onde quer chegar. A vida requer um olhar para o futuro, para o horizonte. “A esperança abre novos horizontes, torna alguém capaz de sonhar aquilo que nem sequer é imaginável. A esperança faz entrar na escuridão de um futuro incerto para caminhar na luz.”²⁵²

O complexo panorama da realidade vigente exige luzes de esperança. O ser humano de hoje necessita de fontes de inspiração que lhe motivem crer no futuro; precisa de sinais e setas que possam indicar-lhe direção, caminhos, saídas e metas. O Vaticano II quis, em Maria, oferecer um testemunho concreto e autêntico de esperança. Afirmou o Concílio que, na terra, Maria “brilha como sinal de esperança segura e de consolação, para o Povo de Deus ainda peregrinante, até que chegue o dia do Senhor” (LG 68). Em Maria de Nazaré,

tudo é relativo ao homem, de todos os lugares e de todos os tempos. Ela é um valor universal e permanente. ‘Nossa verdadeira irmã’ e ‘unida na raça de Adão com todos os homens necessitados de salvação’, Maria não ilude as expectativas do homem contemporâneo. Em virtude da sua condição de ‘perfeita sequaz de Cristo’ e de mulher que se realizou completamente como pessoa, ela é uma fonte perene de inspirações fecundas de vida (VM 21).

Maria é Sinal de Esperança segura e de Consolação. Na semiótica da fé, os sinais são importantes e ricos em significado. São faróis indicativos. A Bíblia narra um conjunto de sinais da providência divina, que funcionam como faróis de esperança. O arco-íris é o sinal dado a Noé e sua família, sinal da aliança de Deus com a sua descendência e todo ser vivo. O arco que liga a terra ao céu assinala o fim do dilúvio e recorda o amor de Deus para com suas criaturas. A serpente de bronze, erguida em uma haste, é o sinal-remédio para o povo no deserto. Olhar para a serpente é forçar-

²⁵² FRANCISCO. *Audiência geral de 28/12/2016*, p. 22-23.

se a olhar para o alto, sair das próprias fixações. Todavia, o grande sinal dado à humanidade é a cruz de Cristo. Ela é o sinal perene da salvação, da entrega, do amor, da vitória. O mistério da cruz torna-se atual na vida do cristão e em cada sacramento celebrado na liturgia. A vida sacramental da Igreja é composta de sinais sensíveis da graça divina. Deus, em sua providência, continua falando ao ser humano de hoje através de sinais: os sinais dos tempos. Certamente, não faltam sinais. Eles chegam a gritar aos ouvidos.

A *Lumen Gentium* afirma ser Maria um Sinal, um Sinal de Esperança e Consolação para todos que se põem a caminho (LG 68). Na Bíblia, Maria é igualmente apresentada como sinal. Ela é o sinal prenunciado pelo profeta Isaías, a jovem que concebeu (Is 7,14), sinal este oferecido pelo anjo a José (Mt 1,22-23). O Apocalipse descreve o grande sinal da mulher que surgiu no céu (Ap 12,1). Nele, propositalmente, a Igreja e Maria confundem-se. Está Maria presente no primeiro e no decisivo sinal de Jesus, em Caná e na Cruz. Enquanto Sinal, a mãe de Jesus aponta para uma realidade que ultrapassa a si mesma. A Virgem é Sinal de Deus. Ele é a esperança e o consolo para todos. Maria é Sinal dessa Esperança e desse Consolo. Ela, doce companhia, acompanha o solitário em sua solidão. O povo invoca-a sob os títulos *Consoladora dos Aflitos*, *Saúde dos Enfermos* e *Refúgio dos pecadores* a fim de alcançar conforto nas tribulações, alívio nas doenças e força libertadora (MC 57).

A esperança segura de Maria não se confunde com otimismo nem pode ser comparada a um pensamento positivo. “Ter esperança significa sentir que uma força maior alimenta nossa pequena história.”²⁵³ É poder cantar com o salmista: “Se eu tomar as asas da aurora, para habitar nas extremidades do mar, também ali me alcançará tua mão, e a tua direita me segurará” (Sl 139,9-10).

Maria é Sinal que brilha na terra. Desde os séculos VIII-IX, a Igreja saúda, através de um hino, a Virgem como *Ave Maris Stella* (SS 49). Sob o título *Estrela do Mar*, a caracteriza como luz, esperança, serenidade, presença de amor no mar da existência humana, auxílio para a travessia.

A vida é como uma viagem no mar da história, com frequência enevoada e tempestuosa, uma viagem na qual perscrutamos os astros que nos indicam a rota. As verdadeiras estrelas da nossa vida são as pessoas que souberam viver com retidão. Elas são luzes de esperança (SS 49).

²⁵³ RONCHI, Ermes. *El desafío de creer hoy: la belleza de la fe y la esperanza*, p. 74.

Cristo é a luz do mundo. Unida a Ele, cada pessoa se torna luz: “Vós sois a luz do mundo” (Mt 5,14). Ao receber a luz de Cristo, o ser humano, espontaneamente, ilumina. Para chegar até Jesus, os homens e as mulheres precisam “de luzes vizinhas, de pessoas que dão luz recebida da luz dele e oferecem, assim, orientação para a nossa travessia. E quem mais do que Maria poderia ser para nós estrela de esperança?” (SS 49). Maria é a Estrela que dá sentido aos desejos mais belos e profundos da vida humana, que guia para a Luz verdadeira, que tanto contemplou. Há, de fato, uma íntima ligação entre o desejo e a contemplação das estrelas.

Na etimologia latina, ‘desejo’ quer dizer ‘estar longe das estrelas e aspirá-las’, tal como faz o arúspice ao contemplar a noite e o céu estrelado (‘de sideribus’). O desejo, portanto, é a presença do Ausente. Neste sentido, o coração humano, feito por Deus, é a imagem pura do desejo.²⁵⁴

Maria é Sinal para o Povo de Deus ainda peregrinante, até que chegue o dia do Senhor. Esperar não significa ficar parado, estagnado, em estado de letargia, mas, ao contrário, dispor-se a andar. O peregrino é assim a imagem visível da esperança. “Segundo uma tradição rabínica, o Mar Vermelho se abriu quando o primeiro hebreu pôs o pé nele”.²⁵⁵ Para despertar a esperança, é preciso dar o primeiro passo, o passo da espera decisiva e confiante.

O cristão permanece um *homo viator*, um peregrino, até o último sopro. A Igreja é, aqui na terra, a *communio viatorum*, uma comunidade de peregrinos – ela não deve apontar para si mesma, mas remeter àquela meta que se encontra por trás de todas as metas terrenas. Mas essa referência não pode se transformar em álibi, em uma fuga fantástica para o além, mas deve ser a fonte de força e persistência no caminho.²⁵⁶

A Teologia da Esperança é uma *theologia viatorum*, isto é, teologia dos que estão a caminho e que apresenta, por sua vez, esboços da futura *theologia gloriae*.²⁵⁷

O profeta Elias expressa bem as atitudes daqueles que, por vezes, são assaltados pelo esgotamento e pelo desânimo durante a caminhada. Com medo de Jezabel, Elias foge e pensa em desistir. Sua vida perde o sentido e o rumo. Mas, debaixo de um arbusto no deserto, o profeta escuta uma voz motivadora. É Deus que se aproxima na forma de um chamado: “Levanta-te e come! Ainda tens um caminho

²⁵⁴ FORTE, Bruno. *Exercícios espirituais no Vaticano: Seguindo a Ti, Luz da Vida*, p. 25.

²⁵⁵ RONCHI, Ermes. *El desafío de creer hoy: la belleza de la fe y la esperanza*, p. 49.

²⁵⁶ HALÍK, Tomáš. *Não sem esperança: o retorno da religião em tempos pós-otimistas*, p. 152.

²⁵⁷ Cf. MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*, p. 354.

longo a percorrer” (1Rs 19,7). Nutrido pela força daquele alimento, o profeta andou quarenta dias e quarenta noites. “Quando necessitamos da dádiva da esperança, nós a recebemos na forma de pão para o caminho.”²⁵⁸ Elias caminhará com suas próprias pernas. Pão, água e um carinho são suficientes para torná-lo novamente protagonista de sua história. Este é o verdadeiro milagre: avançar sem milagres. Somente pão e água e uma presença.²⁵⁹ A esperança é o *viaticum*, o alimento para a dura jornada.

Maria é uma mulher peregrina. Ela colocou-se a caminho. Peregrinou com ousadia e coragem, rompendo limites e barreiras impostas pelo seu contexto cultural. Ela foi além, crescendo, a cada passo dado, na fé, na esperança e no amor.

Maria atrai em si as esperanças de Israel e de toda a humanidade. Sua fé é imantada de esperança, pois nunca deixou de caminhar. A Virgem é a mulher das *pressas* de Deus (Lc 1,39), da prontidão e do serviço, mas igualmente a mulher da paciência. Ela ensina a ter paciência até a vinda do Senhor (Tg 5,7). A esperança é a arte de acolher com paciência a própria existência, seus momentos e desafios. Ela é um aspecto da paciência com Deus.²⁶⁰ “O termo grego para paciência, *makrothymia*, descreve fundamentalmente um modo de respirar. A paciência é respiração longa, distendida e aberta. O contrário do nosso respirar ofegante e férreo”.²⁶¹ O Apóstolo Tiago traduz a paciência para a figura concreta do agricultor. Aquele que cultiva a terra espera com paciência o tempo da colheita, “até cair a chuva do outono ou da primavera” (Tg 5,7).

Um dos ícones mais conhecidos de Maria é a *Hodigíttria*, a Condutora. Com Jesus em um de seus braços, a Virgem, com uma das mãos, aponta para o Filho. Jesus é o Caminho seguro. Maria é aquela que indica o Caminho para os que desejam caminhar. Ela, que tanto caminhou, guia a humanidade para uma meta de esperança.

Sinal para os caminhantes, Maria peregrinou com os pés firmes no chão, sem olhar para trás. Maria, no seu modo de vida, revela que o tempo presente não é o bastante. Em Maria, a vida é projetar-se, é construir-se, é lançar-se para o futuro, é seguir em frente. “A esperança que Maria ensina à Igreja, não é nem alienação nem fuga, ao contrário, é antecipação militante do futuro prometido, vivida na força do Espírito, que atrai para o presente dos homens o amanhã da aliança com Deus.”²⁶²

²⁵⁸ HALÍK, Tomáš. *Não sem esperança: o retorno da religião em tempos pós-otimistas*, p. 19.

²⁵⁹ Cf. RONCHI, Ermes. *El desafío de creer hoy: la belleza de la fe y la esperanza*, p. 12.

²⁶⁰ Cf. HALÍK, Tomáš. *Paciência com Deus: oportunidade para um encontro*, p. 17.

²⁶¹ MENDONÇA, José Tolentino. *Esperar contra toda a esperança*, p. 36.

²⁶² FORTE, Bruno. *Maria, a mulher ícone do mistério: ensaio de mariologia simbólico-narrativa*, p. 233.

Esperança Nossa, Maria proporciona para o ser humano contemporâneo, atormentado entre a angústia e a esperança,

uma visão serenadora e uma palavra tranquilizante: a da vitória da esperança sobre a angústia, da comunhão sobre a solidão, da paz sobre a perturbação da alegria e da beleza sobre o tédio e a náusea, das perspectivas eternas sobre as temporais e, enfim, da vida sobre a morte (MC 57).

Junto de Deus, Maria continua a acompanhar a humanidade, da qual ela faz parte. Cuida, com amor de mãe, daqueles que seu Filho confiou-lhe, os quais, peregrinos, entre perigos e angústias, caminham até alcançarem a pátria bem-aventurada (LG 62).

3.6 A CUSTÓDIA DA ESPERANÇA: FRAGMENTOS DA ESPERANÇA MARIAL NO PONTIFICADO DO PAPA FRANCISCO

Francisco é o papa da esperança. Suas mensagens, homilias, pronunciamentos, documentos e, sobretudo, suas atitudes são carregadas de viva esperança. Francisco cultiva a esperança em tempos de fortes clamores: o clamor da terra e da natureza, dos migrantes e refugiados, dos indígenas e outros povos originários, dos pobres, dos excluídos e das mulheres. Tem incentivado a cultura do diálogo para a superação dos conflitos e optado por um perfil eclesial mais simples, pautado pela misericórdia, pelo acolhimento e pela proximidade. Francisco é fruto da divina providência: ele é o papa para o tempo presente.

Cabe agora indicar alguns fragmentos da esperança marial no recente pontificado do Papa Francisco. Mas antes, é importante destacar um dos momentos mais impactantes dos últimos tempos: o momento extraordinário de oração em tempo de epidemia presidido pelo Papa Francisco por conta do coronavírus. Certamente, em sua mensagem, muitas pessoas renovaram as suas esperanças.

3.6.1 ABRAÇAR O SENHOR, PARA ABRAÇAR A ESPERANÇA

Era dia 27 de março de 2020, uma sexta-feira quaresmal. O Papa Francisco, na Praça São Pedro, vazia e cinzenta por conta da chuva, tinha a missão de oferecer à humanidade uma palavra de consolo e esperança. Sem dúvida, esse seria um dos

momentos mais decisivos de seu ministério. A pandemia ceifara a vida de muita gente. A Itália e o mundo já haviam sepultado muitas vítimas do Covid-19. O coronavírus chegara a todos os cantos do planeta, sem fazer nenhuma distinção entre as pessoas. Homens e mulheres, ricos e pobres, todos foram acometidos pelos impactos do vírus. As grandes cidades tornaram-se verdadeiros desertos. As pessoas estavam em suas casas, confinadas, em isolamento social. O medo e o desespero afligiam os corações. Os hospitais estavam inflacionados e muitos agentes de saúde já tinham dado a própria vida. O número de respiradores e de máscaras de proteção individual era insuficiente. A ciência corria contra o tempo atrás da cura. A quebra da economia mundial trazia consigo o fantasma da fome e do desemprego.

Francisco, no Adro da Basílica de São Pedro, acompanhado mundialmente pelas redes sociais e canais de TV, conduziu o Momento extraordinário de oração em tempo de epidemia. A narrativa de São Marcos sobre a tempestade acalmada por Jesus foi o texto bíblico iluminador (Mc 4,35-41). Em sua homilia, o Papa reforçou, primeiramente, a condição universal na qual todos se encontravam e o necessário esforço conjunto para a superação da pandemia.

À semelhança dos discípulos do Evangelho, fomos surpreendidos por uma tempestade inesperada e furibunda. Demo-nos conta de estar no mesmo barco, todos frágeis e desorientados, mas, ao mesmo tempo, importantes e necessários: todos chamados a remar juntos, todos carecidos de mútuo encorajamento. E, neste barco, estamos todos.²⁶³

Para o Pontífice, a tempestade desmascara a vulnerabilidade do ser humano, que pensa continuar sempre saudável em um mundo doente. São as pessoas comuns, habitualmente esquecidas, que trabalham para sustentar outras vidas, pessoas que compreendem que ninguém se salva sozinho. E quantas outras, lembra o Papa, exercitam a paciência e infundem esperança, sem jamais semear o pânico, mas a corresponsabilidade.²⁶⁴

²⁶³ FRANCISCO. *Homilia do Momento extraordinário de oração em tempo de epidemia*.

²⁶⁴ Maria remete a inúmeras mulheres que trabalham na linha de frente do combate ao coronavírus. São mulheres exploradas com duras jornadas de trabalho, que sacrificam a própria vida ao serem contaminadas e mais expostas ao contágio. A pandemia também revelou o assustador aumento do número de casos de violência doméstica contra as mulheres. A mulher vítima da violência, com o isolamento social, acaba ficando refém do agressor e do medo; e, por vezes, é impedida de fazer uma denúncia. Por isso, as estatísticas das agressões sofridas estão longe de corresponder à realidade dos fatos. Em sua obra *Narrar processos: tramas da violência doméstica e possibilidades para a educação*, Edla Eggert resgata o mito grego de Aracne para retratar, por meio da arte de tecer, a situação de violência vivida por mulheres. Segundo a narrativa mítica, Atena, deusa da sabedoria, nascida da cabeça de Zeus, era a protetora das mulheres, a guardiã das Artes e mestra de tecelagem. Aracne,

Francisco transmitiu uma mensagem de esperança, mas de esperança cristã, aquela provada na cruz e na tempestade.

Temos uma esperança: na sua cruz, fomos curados e abraçados [...] Na sua cruz, fomos salvos para acolher a esperança e deixar que seja ela a fortalecer e sustentar todas as medidas e estradas que nos possam ajudar a salvar-nos e a salvar. Abraçar o Senhor, para abraçar a esperança. Aqui está a força da fé, que liberta do medo e dá esperança.²⁶⁵

Motivando à superação do medo, o Papa confiou os fiéis ao Senhor, pela intercessão de Nossa Senhora, Saúde do seu povo, Estrela do mar em tempestade. Em seguida, ele dirigiu-se ao ícone da Virgem, *Salus Populi Romani*, e à milagrosa cruz da Igreja de *San Marcello al Corso*, conduzida em procissão durante a grande peste, no século XVI, em Roma. Naquele dia chuvoso, diante de Francisco e do mundo, o Crucificado recebia as lágrimas do céu, comovendo os que assistiam a transmissão daquele momento ímpar.

Após um momento de adoração eucarística, o Papa concedeu a bênção extraordinária *Urbi et Orbi*. Sem oferecer fórmulas mágicas, Francisco, mais uma vez, prescreveu a todos o remédio da esperança.

3.6.2 A REVOLUÇÃO DA TERNURA E DO AFETO

O Papa Francisco sempre acreditou muito na força transformadora da piedade mariana. Na *Evangelii Gaudium*, fala de um estilo mariano na atividade evangelizadora da Igreja.

uma mortal, filha de um tintureiro de lã, era uma das alunas de Atena e igualava-se à mestra na arte de tecer. Sabendo dos prodígios de Aracne, a deusa veio do Olimpo conferir de perto suas proezas. Aracne dizia ser capaz de superar Atena na habilidade da tecelagem. Atena, em forma de ovelha, admoestou a mortal a ser mais humilde. Contudo, Aracne manteve sua convicção. Atena, revelando-se a ela, participou de um duelo entre as duas. Elas puseram-se a tecer. Atena teceu as maravilhas feitas por Zeus e as conquistas dos deuses. Aracne, por sua vez, retratou as violências produzidas por Zeus para com as deusas e as mortais. Atena admirou-se do trabalho realizado por Aracne, mas ficou furiosa com a sua ousadia. Rasgou a peça de Aracne. A mortal, irada e transtornada, tentou enforcar-se com um fio. Atena impediu o suicídio da tecelã e condenou-a a ser uma aranha pelo resto de sua vida (Cf. EGGERT, Edla. *Narrar processos: tramas da violência doméstica e possibilidades para a educação*, p. 18-21). O mito alude à negação da violência e da agressão contra as mulheres, seja por parte do agressor ou até mesmo da própria pessoa agredida. Como falar de esperança a essas mulheres silenciadas que sofrem caladas as diversas faces da violência? É preciso promover uma esperança capaz de libertá-las e protegê-las. Sabe-se que muitas, como Aracne, por conta de sua ousadia, sofrem duras consequências. Maria é, seguramente, uma fonte de rica inspiração e encorajamento para as mulheres na luta pelos seus direitos.

²⁶⁵ FRANCISCO. *Homília do Momento extraordinário de oração em tempo de epidemia*.

Porque sempre que olhamos para Maria, voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do afeto. Nela, vemos que a humildade e a ternura não são virtudes dos fracos, mas dos fortes, que não precisam maltratar os outros para se sentir importantes (EG 288).

Na dinâmica mariana de justiça e ternura, trabalho e oração, contemplação e caminho, encontra-se um modelo eclesial para a evangelização. *Estrela da nova evangelização*, Maria revoluciona o mundo através da ternura e da humildade. “Maria é aquela que sabe transformar um curral de animais em casa de Jesus, com uns pobres paninhos e uma montanha de ternura” (EG 286). Em Maria, reflete-se a ternura de Deus que abraça toda criatura (Sl 145,9).

Na *Laudato Si'*, a mãe de Jesus é invocada como *Rainha de toda a criação*. A Virgem Maria é a mãe que “cuida com carinho e preocupação materna deste mundo ferido” (LS 241). Ela é esperança para a criação, pois ensina a arte do cuidado da casa comum.

Na *Christus Vivit*, Maria é apresentada como modelo para uma Igreja Jovem que deseja seguir Cristo com frescor e docilidade (CV 43). “Ela é a grande custódia da esperança” (CV 45). A Virgem inspira esperança à juventude de todos os tempos. Os traços de Maria refletem-se nos mais variados rostos.

Aquela menina hoje é a mãe que vela por seus filhos, estes filhos que caminham pela vida, muitas vezes cansados, carentes, mas querendo que a luz da esperança não se apague. Isto é o que queremos: que a luz da esperança não se apague. Nossa mãe olha para este povo peregrino, povo de jovens querido por ela, que a busca fazendo silêncio no coração, embora no caminho haja muito ruído, muitas conversas e distrações. Mas, diante dos olhos da mãe, só cabe o silêncio esperançoso. E assim Maria ilumina novamente nossa juventude (CV 48).

O rosto feminino de Maria também manifesta-se na presença de mulheres fortes, generosas e corajosas na Amazônia que mantiveram e transmitiram a fé. Impelidas pelo Espírito Santo, elas batizaram, catequizaram, ensinaram a rezar, foram missionárias (QA 99). Na Igreja, a contribuição feminina prolonga “a força e a ternura de Maria, a Mãe (QA 101).²⁶⁶ Na *Querida Amazônia*, o Papa Francisco declara Maria como Mãe da vida, Mãe da Amazônia, Mãe de todas as criaturas (QA 111).

²⁶⁶ “Sem as mulheres, a Igreja desmorona, como teriam caído aos pedaços muitas comunidades da Amazônia se não estivessem lá as mulheres, sustentando-as, conservando-as e cuidando delas. Isso mostra qual é o seu poder característico” (QA 101).

Em sua viagem apostólica ao Paraguai, o Papa Francisco, durante a homilia proferida na Praça do Santuário Mariano de Caacupé, recordando o passado sofrido desse povo, lembrou das mulheres paraguaias, mulheres fortes que, inspiradas por Maria e na força da esperança, foram capazes de reconstruir o seu país.

E quero me referir de modo especial a vocês, mulheres e mães paraguaias, que, com grande coragem e dedicação, souberam levantar um país derrotado, afundado, submerso pela guerra. Vocês têm a memória, o DNA daquelas que reconstruíram a vida, a fé, a dignidade do seu povo. Como Maria, viveram situações muito, muito difíceis, que, vistas sob uma lógica comum, poriam em causa toda a fé. Pelo contrário, vocês, como Maria, impelidas e sustentadas pelo seu exemplo, continuaram fiéis, inclusive 'com uma esperança para além do que se podia esperar' (Rm 4,18). Quando tudo parecia se desmoronar, diziam juntamente com Maria: Não temamos! O Senhor está conosco, está com o nosso povo, com as nossas famílias; façamos o que Ele nos disser. E, assim, encontraram ontem e encontram hoje força para não deixar que esta terra caia no caos. Deus abençoe essa tenacidade, Deus abençoe e anime a fé de vocês, Deus abençoe a mulher paraguaia, a mais gloriosa da América.²⁶⁷

Em uma de suas catequese sobre a esperança, o Papa Francisco apresentou algumas características do perfil psicológico de Maria, mulher da escuta e da esperança, que soube acolher o dom da própria existência.

Não é uma mulher que se deprime em face das incertezas da vida, especialmente quando nada parece correr bem. Nem sequer uma mulher que protesta com violência, que se enfurece contra o destino da vida, a qual muitas vezes nos revela um semblante hostil. Ao contrário, é uma mulher que ouve: não vos esqueçais de que existe sempre grande relação entre a esperança e a escuta, e Maria é uma mulher que ouve. Maria acolhe a existência do modo como esta se apresenta a nós, com os seus dias felizes, mas também com as suas tragédias que nunca gostaríamos de ter encontrado.²⁶⁸

No dia 20 de junho de 2020, memória do Imaculado Coração de Maria, o Papa Francisco incluiu três invocações à ladainha de Nossa Senhora, que tradicionalmente conclui a oração do terço: Mãe de Misericórdia (*Mater Misericordiae*), Mãe da Esperança (*Mater Spei*) e Conforto ou Ajuda dos Migrantes (*Solacium Migrantium*). Ao longo dos séculos, algumas invocações foram acrescentadas pelos papas à ladainha. Tais acréscimos refletem os desafios de seu tempo. Essas três novas invocações estão ligadas à atualidade da vida e indicam três grandes marcas do

²⁶⁷ FRANCISCO. *Homilia* da Santa Missa presidida na Praça do Santuário Mariano de Caacupé, em viagem apostólica ao Paraguai, p. 28.

²⁶⁸ FRANCISCO. *Audiência geral de 10/05/2017*, p. 83-84.

pontificado do Papa Francisco: a misericórdia, a esperança e o acolhimento dos migrantes e refugiados.

Estes e tantos outros traços de Maria apontados pelo Papa Francisco, tão presentes na piedade popular, representam as lutas de inúmeras pessoas que, diariamente, sobem as montanhas, inserem-se nas periferias da existência, são solidárias e capazes de transmitir esperança. Como mãe, Maria ensina sempre a seus filhos e filhas a virtude da esperança até quando tudo parece perder o sentido.

3.7 NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA

A piedade mariana é uma das maiores expressões de fé. Longe de ser uma *espiritualidade de massas*, a piedade mariana penetra a existência pessoal de cada fiel (DAP 261) e transforma-se, assim, em um caminho de segura esperança.

Invocada com tantos nomes, a Virgem cativa multidões. Mas, o que leva tanta gente aos santuários marianos? O que as pessoas encontram em Maria de Nazaré? Por que o povo reza tanto o seu terço, o Rosário, e invoca, dia e noite, ao som da Ave-Maria, a mãe de Jesus? A obra de Ariano Suassuna *O auto da Compadecida* retrata bem o que o povo espera de Maria. Ela é a Compadecida que de tudo faz para trazer o céu aos homens e mulheres. Ela é a voz firme e materna que diz: “Isto, João. Tenha coragem, não desanime, que eu estou aqui, torcendo por você.”²⁶⁹

O Documento de Aparecida, ao referir-se à piedade mariana latino-americana e caribenha, reforçou a íntima e confiante relação que o devoto estabelece com Maria.

Os diversos títulos e os santuários espalhados por todo o Continente testemunham a presença próxima de Maria às pessoas, e ao mesmo tempo manifestam a fé e a confiança que os devotos sentem por ela. Ela pertence a eles e eles a sentem como mãe e irmã (DAP 269).

O Papa Francisco, no Santuário da Virgem do Caacupé (Paraguai), com o espírito de um verdadeiro peregrino latino-americano, soube expressar, de forma profunda e simples, a esperança que brota do coração de um devoto de Nossa Senhora:

Estar aqui com vocês é mesmo que me sentir em casa, aos pés da nossa Mãe, a Virgem dos Milagres de Caacupé. Em um santuário, nós, filhos, nos

²⁶⁹ SUASSUNA, Ariano. *Auto da Compadecida*, p. 160.

encontramos com a nossa Mãe e nos lembramos de que somos irmãos uns dos outros. É um lugar de festa, de encontro, de família. Vimos apresentar as nossas necessidades, vimos agradecer, pedir perdão e recomeçar. Muitos batismos, muitas vocações sacerdotais e religiosas, muitos namoros e matrimônios nasceram aos pés da nossa Mãe. Muitas lágrimas e despedidas. Vimos sempre com a nossa vida, porque aqui estamos em casa e o melhor de tudo é saber que há alguém que nos espera.²⁷⁰

O povo encontra “a ternura e o amor de Deus no rosto de Maria” (DAp 265). No santuário mariano, o peregrino sente-se em casa, encontra abrigo e conforto, pois Maria é para ele *Vida, Doçura e Esperança Nossa*.

O povo brasileiro tem a marca da piedade mariana impressa na pequenina imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida. A imagem da padroeira traduz uma história de esperança e de profunda devoção nacional. Aparecida é uma imagem de Nossa Senhora da Conceição que foi rejeitada e jogada no Rio Paraíba, possivelmente por estar quebrada. Encontrada nas águas por pescadores, tornou-se um grande sinal de fé.

Nossa Senhora da Conceição era a padroeira oficial de Portugal e de suas colônias. No entanto, ela não foi a primeira imagem mariana a entrar na Terra de Santa Cruz. Segundo alguns relatos históricos, a primeira imagem mariana que chegou ao Brasil foi a de Nossa Senhora da Esperança.

Entre os portugueses, a devoção à Senhora da Esperança desenvolveu-se principalmente no período das grandes navegações. Acredita-se que entre os seus devotos estava Pedro Álvares Cabral.

Os portugueses invocavam a Virgem da Esperança para que os protegesse dos perigos dos mares desconhecidos. Na primeira missa celebrada no Brasil, em 26 de abril de 1500, havia sobre o altar uma imagem de Nossa Senhora da Esperança, que acompanhava a expedição de Cabral, trazida no navio por Frei Henrique de Coimbra. Esta é portanto a primeira devoção mariana da nossa pátria.²⁷¹

A Virgem da Esperança²⁷² que chegou com Pedro Álvares Cabral ao Brasil encontra-se hoje na cidade de Belmonte, em Portugal. Está em uma capela onde

²⁷⁰ FRANCISCO. *Homilia* da Santa Missa presidida na Praça do Santuário Mariano de Caacupé, em viagem apostólica ao Paraguai, p. 25.

²⁷¹ ZANON, Darlei. *Nossa Senhora de todos os nomes: orações e história de 365 títulos marianos*, p. 215.

²⁷² A imagem de Nossa Senhora da Esperança traz Maria com o menino Jesus sentado em seu braço esquerdo. Com sua mão direita, a Virgem apoia o pé esquerdo de Jesus. O menino, segurando um cacho de uvas, alimenta um pássaro branco, que repousa sobre o braço direito da Virgem. O pássaro representa o batizado, aquele que nasceu do alto. A uva é sinal da vida mística, da íntima união com

supostamente Cabral foi batizado. Em 1955, a imagem foi trazida novamente ao Brasil por ocasião do Congresso Eucarístico Internacional do Rio de Janeiro²⁷³.

A piedade mariana chega ao Brasil espalhando esperança. Realmente, os habitantes das terras de Santa Cruz iriam precisar, constantemente, dos auxílios da Virgem da Esperança. Os povos dessa terra, os escravos e os migrantes pobres que aqui se instalaram souberam beber dessa rica fonte de esperança. Ainda hoje a devoção à Senhora da Esperança sustenta a vida de muitas pessoas sofridas, que insistem permanecer “alegres na esperança, fortes na tribulação, perseverantes na oração” (Rm 12,12).

Cristo. E Maria é aquela que apresenta o seu Filho de quem o cristão recebe o alimento da vida nova. Em alguns lugares, a devoção à Nossa Senhora da Esperança está associada à esperança do parto e é invocada através de outros títulos, como Nossa Senhora da Expectação e Nossa Senhora do Ó. Nesse caso, a Virgem é “representada grávida, tendo sobre o seio a pomba Divina, símbolo do Espírito Santo” (MEGALE, Nilza Botelho. *Invocações da Virgem Maria no Brasil: história, iconografia e folclore*, p. 203). Em 1871, esse título mariano ressurgiu ligado à aparição da Virgem Maria em Pontmain, na França (Cf. ADUCCI, Edésia. *Maria e seus títulos gloriosos*, p. 336).

²⁷³ Cf. MEGALE, Nilza Botelho. *Invocações da Virgem Maria no Brasil: história, iconografia e folclore*, p. 203.

CONCLUSÃO

O que Maria tem a dizer para o ser humano de hoje? O ser humano da pós-modernidade é plural. E Maria é pluralidade. Múltiplas são as faces de Maria. Múltiplas são as expressões da piedade e da iconografia mariana. A Virgem foi acolhida por vários povos e enraizou-se em suas culturas. Na Teologia, desde os relatos bíblicos às reflexões atuais, Maria é vista por diferentes ângulos e de diversos modos. Ela toca diretamente o humano e o divino. Ela fala da terra e do céu. O exemplo deixado pela mãe de Jesus ultrapassa gerações e sempre se atualiza na história. Do grande tesouro da Mariologia tiram-se, constantemente, coisas novas e velhas (Mt 13,52).

Maria traz consigo uma história de esperança válida para todos os tempos. Quem não se enriquece com belas trajetórias de vida? O ser humano carece deste alimento salutar. A esperança traçada por Maria é a esperança provada, fortalecida e amadurecida na dor. É a esperança que permite permanecer *de pé* (Jo 19,25) junto à cruz. Dessa esperança despontam sinais de ressurreição, de vida nova.

As motivações da esperança testemunhada pela Virgem Maria são traduzidas em duas grandes experiências: a promessa e a ressurreição. Maria compartilha com seu povo as promessas divinas feitas aos seus antepassados. A promessa que conduziu a história de Israel recebeu em Jesus um impulso renovador. Ele lança a promessa às alegrias da sua ressurreição. Maria bebeu desta fonte de autêntica esperança e reconheceu em Deus a razão de todas as suas expectativas humanas.

A Virgem de Nazaré é uma mulher escatológica. Ela lembra um aspecto fundamental da Teologia: a escatologia não é apenas a Teologia do fim, da finalidade, mas, igualmente, protologia, isto é, Teologia dos princípios, da origem. O início da existência está em íntima unidade com o seu desfecho, a sua meta, o seu objetivo. Por outro lado, a escatologia não fica somente com as pontas, o início e o fim, mas com o desenrolar de cada momento da história. Maria ensina que não existem hiatos escatológicos. O sentido da existência de cada ser humano é ponderado pela medida de suas esperanças, sejam elas provisórias ou eternas, maiores ou menores. Do nascer ao último suspiro, a vida humana é marcada pelos sonhos, pelos projetos, pelas esperanças depositadas no coração.

Aplicar à Mariologia o método usado por Moltmann em sua obra *Teologia da Esperança* foi o grande objetivo deste trabalho dissertativo. A leitura escatológica das referências bíblicas mariais dão novo sabor à Mariologia.

Compreende-se, com essa metodologia, que a dimensão escatológica da Teologia Marial não está associada somente ao mistério da assunção da Virgem, mas envolve todas as fases de sua existência. Herdeira das promessas de Israel, Maria acolheu em seu seio a Esperança da humanidade. Seus sonhos e expectativas foram amadurecendo dia após dia. Portadora da Esperança, ela se tornou uma verdadeira missionária da esperança.

As críticas modernas dirigidas à esperança cristã apontaram, por um lado, alguns limites quanto à sua compreensão. Uma concepção de esperança reduzida ao *post mortem*, por exemplo, levou muitos a uma soteriologia individualista e privada. Por outro lado, alguns críticos simplesmente esvaziaram a esperança de toda sua transcendência. Caíram em um otimismo demasiado na razão e no progresso. Prometeram muito mais do que puderam cumprir. Não faltaram também as posturas pessimistas. Novamente a culpa recaiu sobre Pandora e sua caixa de surpresas indesejadas. Até mesmo os fios traçados por Penélope foram tidos como vãos e sem sentido algum.

O medo de encarar a realidade presente e de lançar-se para um futuro incerto trouxe a tentação de refugiar-se em um passado idealizado. Esses pensamentos nostálgicos e românticos sufocaram as utopias e desenterraram algumas sombras do passado, como nacionalismos exacerbados e fortificação de fronteiras.

A Igreja, frente a essas e outras críticas, assumiu uma postura mais dialógica e reforçou o conteúdo de sua esperança. Coube reafirmar a lucidez de uma esperança que sobrevive ao desespero e às frustrações, sem grandes pretensões, mas humilde e crucificada. O Vaticano II ofereceu, em Maria, um Sinal de Esperança para todos que se dispõem a caminhar, com realismo e sem atropelos. Maria viveu a sua vida de maneira exemplar, superando os desafios de cada tempo. Ela, pedagoga da esperança, ensina a cada pessoa a construir a sua própria história, sem medo de enfrentar as adversidades e as alegrias futuras.

O Papa Francisco – e outros pensadores que trilham caminhos similares aos seus – acredita na força da ternura e da humildade para vencer o medo e o desânimo. Essas atitudes cristãs, assumidas por Maria, são capazes de revolucionar o mundo. Não são atitudes de gigantes, mas de pessoas simples, mansas de coração e cheias de esperança. A piedade mariana traduz muito bem essas atitudes para a vida do povo. A devoção popular manifesta a confiança que as pessoas depositam em Deus, pela intercessão amorosa de sua mãe, a Nossa Senhora da Esperança.

A elaboração de uma Teologia Marial em perspectiva escatológica proporcionou, por um lado, a retomada da Teologia da Esperança em um contexto pós-otimista e, por outro, o desenvolvimento de uma reflexão mariológica em diálogo com as aspirações antropológicas da atualidade. Pequena Flor da humanidade, Maria é sempre primavera que declara o surgimento de uma nova estação; é aurora que anuncia o nascimento de um novo dia; e é esperança que aponta para um futuro sempre mais próximo e renovador.

REFERÊNCIAS

- ADUCCI, Edésia. *Maria e seus títulos gloriosos*. São Paulo: Loyola, 1998.
- ALMEIDA, Antonio José. *Lumen Gentium: a transição necessária*. São Paulo: Paulus, 2005.
- BALTHASAR, Hans Urs von. *A verdade é sinfônica: aspectos do pluralismo cristão*. São Paulo: Paulus, 2016.
- BAUMAN, Zygmunt. *Retrotopia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- BELLENZIER, Maria Teresa. Mulher. In: DE FIORES, Stefano; MEO, Salvatore (dirs). *Dicionário de mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 932-941.
- BENTO XVI. *Carta Encíclica Spe Salvi: sobre a esperança cristã*. 3. ed. São Paulo: Paulus; São Paulo: Loyola, 2009.
- BIANCHI, Enzo. *Procura os outros: a fraternidade e a esperança*. Lisboa: Paulus, 2013.
- BÍBLIA. Tradução oficial da CNBB. 3. ed. Brasília: CNBB, 2019.
- BLOCH, Ernst. *O Princípio Esperança*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, v. 3.
- BOFF, Clodovis. *Dogmas marianos: síntese catequético-pastoral*. 2. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2011.
- BOFF, Clodovis. *Introdução à Mariologia*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BOFF, Clodovis. *Mariologia Social: o significado da Virgem para a sociedade*. São Paulo: Paulus, 2006.
- BOFF, Clodovis. *O cotidiano de Maria de Nazaré*. São Paulo: Ave-Maria, 2014.
- BOFF, Lina. *Como tudo começou com Maria de Nazaré*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.
- BOFF, Lina. *Mariologia: interpretações para a vida e para a fé*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BROWN, Raymond E. et alii (orgs.). *Maria no Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BROWN, Raymond E. *O nascimento do Messias: comentários das narrativas da infância nos evangelhos de Mateus e Lucas*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- CENCINI, Amedeo. *Abraçar o futuro com esperança: o amanhã da vida consagrada*. São Paulo: Paulinas, 2019.

CENCINI, Amedeo. *Olha para o céu e conta as estrelas: o sonho da animação vocacional*. São Paulo: Paulinas, 2004.

COMBLIN, José. *Viver na esperança*. São Paulo: Paulus, 2010.

COMISSÃO INTERNACIONAL ANGLICANO-CATÓLICA ROMANA (ARCIC). *Maria: graça e esperança em Cristo*. São Paulo: Paulinas, 2005.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *A Bem-aventurada Virgem Maria Mãe de Deus no mistério de Cristo e da Igreja – Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja (Capítulo VIII)*. Brasília: CNBB, 2016.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 539-661.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição *Sacrosantum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 33-86.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Declaração *Nostra Aetate* sobre as relações da Igreja com as religiões não-cristãs. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 339-346.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *A Virgem Maria na formação intelectual e espiritual* (1988). Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19880325_vergine-maria_po.html>. Acesso em: 01 mai 2019.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Decreto sobre a celebração da Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe da Igreja no Calendário Romano Geral* (2018). Disponível em: <<http://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2018/03/03/0168/00350.html#decreto>>. Acesso em: 23 abr 2020.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Diretório sobre a Piedade Popular e a Liturgia: Princípios e orientações* (2002). Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20020513_vers-direttorio_sp.html>. Acesso em: 23 abr 2020.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. 7. ed. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulinas; São Paulo: Paulus, 2008.

COYLE, Kathleen. *Maria tão plena de Deus e tão nossa*. São Paulo: Paulus, 2012.

DE FIORES, Stefano. Beleza. In: DE FIORES, Stefano; MEO, Salvatore (dirs). *Dicionário de mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 193-200.

- DEL GAUDIO, Daniela. *Maria de Nazaré: Breve tratado de mariologia*. São Paulo: Paulus, 2016.
- EGGERT, Edla. *Narrar processos: tramas da violência doméstica e possibilidades para a educação*. Florianópolis: Mulheres, 2009.
- FORTE, Bruno. *Exercícios espirituais no Vaticano: Seguindo a Ti, Luz da Vida*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- FORTE, Bruno. *Maria, a mulher ícone do mistério: ensaio de mariologia simbólico-narrativa*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- FRANÇA MIRANDA, Mário de. A situação da teologia no Brasil hoje. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 19, n. 49, p. 367-376, setembro-dezembro 1987.
- FRANCISCO. Angelus da Assunção de 15/08/2015. In: CNBB. *A Virgem Maria segundo o Papa Francisco*. Brasília: CNBB, 2016, p. 31-33.
- FRANCISCO. Audiência geral de 28/12/2016. In: *A esperança cristã*. São Paulo: Paulus, 2018, p. 22-25.
- FRANCISCO. Audiência geral de 10/05/2017. In: *A esperança cristã*. São Paulo: Paulus, 2018, p. 83-85.
- FRANCISCO. Audiência geral de 17/05/2017. In: *A esperança cristã*. São Paulo: Paulus, 2018, p. 86-89.
- FRANCISCO. Audiência geral de 27/09/2017. In: *A esperança cristã*. São Paulo: Paulus, 2018, p. 133-136.
- FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si': sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulus; São Paulo: Loyola, 2015.
- FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus; São Paulo: Loyola, 2013.
- FRANCISCO. *Exortação Apostólica pós-sinodal Christus Vivit: para os jovens e para todo o povo de Deus*. São Paulo: Paulus, 2019.
- FRANCISCO. *Exortação Apostólica pós-sinodal Querida Amazônia: ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade*. São Paulo: Paulus, 2020.
- FRANCISCO. Homilia da Santa Missa presidida na Praça do Santuário Mariano de Caacupé, em viagem apostólica ao Paraguai de 11/07/2015. In: CNBB. *A Virgem Maria segundo o Papa Francisco*. Brasília: CNBB, 2016, p. 25-29.
- FRANCISCO. Homilia do Momento extraordinário de oração em tempo de epidemia de 27/03/2020. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200327_omelia-epidemia.html>. Acesso em: 05 abr 2020.

GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara L. *Maria, Mãe de Deus e mãe dos pobres: um ensaio a partir da mulher e da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1987.

GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

GOFFI, Tullo. Espiritualidade. In: DE FIORES, Stefano; MEO, Salvatore (dirs). *Dicionário de mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 471-484.

GRUPO DE DOMBES. *Maria no desígnio de Deus e a comunhão dos santos*. Aparecida: Santuário, 2005.

GRÜN, Anselm; JAROSCH, Linda. *Mulheres da Bíblia: força e ousadia para viver o que você é*. Petrópolis: Vozes, 2013.

HALÍK, Tomáš. *Não sem esperança: o retorno da religião em tempos pós-otimistas*. Petrópolis: Vozes, 2018.

HALÍK, Tomáš. *Paciência com Deus: oportunidade para um encontro*. São Paulo: Paulinas, 2015.

HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2019.

HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2017.

HOMERO. *Odisseia*. São Paulo: 34, 2013.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptoris Mater: sobre a Bem-aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho*. Brasília: CNBB, 2016.

JOHNSON, Elizabeth A. *Nossa verdadeira irmã: teologia de Maria na comunhão dos santos*. São Paulo: Loyola, 2006.

MAÇANEIRO, Marcial. Maria no diálogo ecumênico. In: UNIÃO MARISTA DO BRASIL (UMBRASIL). *Maria no coração da Igreja: Múltiplos olhares sobre a Mariologia*. São Paulo: Paulinas; Brasília: Umbrasil, 2011, p. 141-187.

MANICARDI, Luciano. *Viver uma fé adulta: itinerário para um cristianismo credível*. Prior Velho (Portugal): Paulinas, 2012.

MEGALE, Nilza Botelho. *Invocações da Virgem Maria no Brasil: história, iconografia e folclore*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

MENDONÇA, José Tolentino. *Esperar contra toda a esperança*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2015.

MENDONÇA, José Tolentino. *Libertar o tempo: para uma arte espiritual do presente*. São Paulo: Paulinas, 2017.

MENDONÇA, José Tolentino. *Pai Nosso que estais na terra: o Pai-Nosso aberto a crentes e não crentes*. São Paulo: Paulinas, 2013.

MEO, Salvatore. Assunção. Dogma: história e teologia. In: DE FIORES, Stefano; MEO, Salvatore (dirs). *Dicionário de mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 173-178.

MOLTMANN, Jürgen. *Quem é Jesus Cristo para nós, hoje?* Petrópolis: Vozes, 1997.

MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*. 3. ed. São Paulo: Teológica; São Paulo: Loyola, 2005.

MORE, Thomas. *Utopia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MORI, Elios Giuseppe. Filha de Sião. In: DE FIORES, Stefano; MEO, Salvatore (dirs). *Dicionário de mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 542-549.

MURAD, Afonso. *Maria, toda de Deus e tão humana: Compêndio de mariologia*. São Paulo: Paulinas; Aparecida (SP): Santuário, 2012.

MURAD, Afonso. Perfil de Maria numa sociedade plural. In: UNIÃO MARISTA DO BRASIL (UMBRASIL). *Maria no coração da Igreja: Múltiplos olhares sobre a Mariologia*. São Paulo: Paulinas; Brasília: Umbrasil, 2011, p. 15-38.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Humano, demasiado humano*. São Paulo: Escala, 2013.

NOLAN, Albert. *Esperança em tempos de desespero*. São Paulo: Paulus, 2012.

PANOFSKY, Erwin; DORA. *A caixa de Pandora: as transformações de um símbolo mítico*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PAULO VI. *Exortação Apostólica Marialis Cultus: para a reta ordenação e desenvolvimento do culto à Bem-aventurada Virgem Maria*. Brasília: CNBB, 2016.

PELIKAN, Jaroslav. *Maria através dos séculos: seu papel na história da cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

RATZINGER, Joseph. Escatologia e Utopia. In: ASSUNÇÃO, Rudy Albino de (org.). *A grande esperança: textos escolhidos sobre escatologia*. São Paulo: Paulus, 2019, p. 45-62.

RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo: Preleções sobre o Símbolo Apostólico com um novo ensaio introdutório*. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré: a infância de Jesus*. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2016.

RAVASI, Gianfranco. 'Diga-nos, Maria Madalena, o que viste no caminho?' *Revista do Instituto Humanitas Unisinos (IHU On-Line)*, São Leopoldo (RS), n. 489, Ano XVI, p. 28-30, 18/07/2016.

RAVASI, Gianfranco. Entrevista publicada no jornal *Corriere della Sera* em 25 de abril de 2019. Disponível em: <https://www.snpcultura.org/gianfranco_ravasi_a_tarefa_das_religioes_e_da_cultura_e_desenterrar_esperanca_debaixo_dos_escombros.html>. Acesso em: 10 mai 2019.

RAVASI, Gianfranco. *Os rostos de Maria na Bíblia*. Lisboa: Paulus, 2008.

REIMER, Ivoni Richter. *Maria, Jesus e Paulo com as mulheres: textos, interpretações e história*. Paulus: 2013.

RONCHI, Ermes. *El desafío de creer hoy: la belleza de la fe y la esperanza*. Madrid: Paulinas, 2011.

ROSSO, Stefano. Sábado. In: DE FIORES, Stefano; MEO, Salvatore (dirs). *Dicionário de mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 1144-1153.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. *O pequeno Príncipe*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

SARTOR, Danilo. Assunção. Celebração litúrgica. In: DE FIORES, Stefano; MEO, Salvatore (dirs). *Dicionário de mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 186-190.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SERRA, Aristide. Bíblia. In: DE FIORES, Stefano; MEO, Salvatore (dirs). *Dicionário de mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 200-261

SINNER, Rudolf von. Teologia Pública: Novas Abordagens numa Perspectiva Global. *Numen: Revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora: UFJF, v. 13, n. 1 e 2, p. 325-357, 2010.

SUASSUNA, Ariano. *O auto da Compadecida*. 36. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

TAVARD, George H. *As múltiplas faces da Virgem Maria*. São Paulo: Paulus, 1999.

TEMPORELLI, Clara. *Maria, mulher de Deus e dos pobres: releitura dos dogmas marianos*. São Paulo: Paulus, 2010.

TOMMASO, Wilma Steagall De. *Maria Madalena: história, tradição e lendas*. São Paulo: Paulus, 2020.

VAN THUAN, François X. N. *Testemunhas da esperança*. 8. ed. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2014.

ZANON, Darlei. *Nossa Senhora de todos os nomes: orações e história de 365 títulos marianos*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2019.

ZILLES, Urbano. *Desafios atuais para a Teologia*. São Paulo: Paulus, 2011.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br